

TAUAN NUNES MAIA

O MONTANHISMO NO RIO DE JANEIRO:

eugenia, higienismo e a febre esportiva, c.1900-1920

Belo Horizonte

Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional / UFMG

2019

TAUAN NUNES MAIA

O MONTANHISMO NO RIO DE JANEIRO:
eugenia, higienismo e a febre esportiva, c.1900-1920

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos do Lazer – Nível Doutorado da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da Universidade Federal de Minas Gerais como requisito parcial para a obtenção do título de doutor em Estudos do Lazer.

Área de concentração: Memória e História do Lazer.

Orientador: Prof. Dr. Cléber Augusto Gonçalves Dias.

Belo Horizonte
2019

M217m Maia, Tauan Nunes

2019 O montanhismo no Rio de Janeiro: eugenia, higienismo e a febre esportiva, c.1900-1920. [manuscrito] / Tauan Nunes Maia – 2019.

182 f., enc. : il.

Orientador: Cleber Augusto Gonçalves Dias

Tese (doutorado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional.

Bibliografia: f. 185-189

1. Lazer – Teses. 2. Rio de Janeiro (RJ) – Teses. 3. Esportes – Teses. 4. Montanhismo – Teses. I. Dias, Cléber Augusto Gonçalves. II. Universidade Federal de Minas Gerais. Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional. III. Título.

CDU: 796.332

Ficha catalográfica elaborada pelo bibliotecário Danilo Francisco de Souza Lage, CRB 6: n° 3132 da

Biblioteca da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da UFMG.



ATA DA 44ª DEFESA DE TESE DE DOUTORADO

TAUAN NUNES MAIA

Às 09h00min do dia 24 de abril de 2019 reuniu-se na Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da UFMG a Comissão Examinadora de Tese, indicada pelo Colegiado do Programa para julgar, em exame final, o trabalho "Montanhismo no Rio de Janeiro: eugenia, higienismo e a febre esportiva, c. 1900-1920", requisito final para a obtenção do Grau de Doutor em Estudos do Lazer. Abrindo a sessão, o Presidente da Comissão, Prof. Dr. Cleber Augusto Gonçalves Dias, após dar a conhecer aos presentes o teor das Normas Regulamentares do Trabalho Final, passou a palavra para o candidato, para apresentação de seu trabalho. Seguiu-se a arguição pelos examinadores, com a respectiva defesa do candidato. Logo após, a Comissão se reuniu, sem a presença do candidato e do público, para julgamento e expedição do resultado final. Foram atribuídas as seguintes indicações:

Membros da Banca Examinadora	Aprovado	Reprovado
Prof. Dr. Cleber Augusto Gonçalves Dias (Orientador)	X	
Prof. Dr. Elcio Loureiro Cornelsen (UFMG)	X	
Prof. Dr. Edmundo de Drummond Alves Junior (UFF)	X	
Profª. Dra. Marília Martins Bandeira (UJFJ)	X	
Prof. Dr. Victor Andrade de Melo (UFRJ)	X	


Após as indicações o candidato foi considerado: Aprovado

O **resultado final** foi comunicado publicamente, para o candidato pelo Presidente da Comissão. Nada mais havendo a tratar o Presidente encerrou a reunião e lavrou a presente **ATA** que será assinada por todos os membros participantes da Comissão Examinadora.

Belo Horizonte, 24 de abril de 2019.

Prof. Dr. Cleber Augusto Gonçalves Dias 

Prof. Dr. Elcio Loureiro Cornelsen 

Prof. Dr. Edmundo de Drummond Alves Junior 

Profª. Dra. Marília Martins Bandeira 

Prof. Dr. Victor Andrade de Melo 

RESUMO

O presente estudo teve como objetivo compreender como o montanhismo estava inserido no conjunto de transformações na cidade do Rio de Janeiro nas duas primeiras décadas do século XX. Assim, foi realizada uma busca por publicações em periódicos, disponíveis no portal da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. Tais publicações indicam que o montanhismo estava imbuído em uma nova vida social urbana, em um país que buscava a modernização e o progresso. Porém, tais modificações ocorreram em parte para manutenção da hierarquia social, bem como através dos preceitos da eugenia e do higienismo. Assim, o esporte, tal qual o montanhismo, passou a ganhar destaque em função de serem consideradas ferramentas para a educação moral, física e intelectual. O montanhismo era visto como elemento chave para a construção de uma sociedade forte e viril, apontado como capaz de modificar os corpos da nação, uma vez que fazia uso de elementos como a competição, seleção do mais forte, evolução e hereditariedade. Pode-se observar que a imprensa associava aos montanhistas valores que se esperava homem moderno, tais como: coragem, bravura, virilidade, gloriiosidade, força, valentia. Havia uma estratégia de se difundir um novo modelo de corpo, associado a novos padrões de bem estar e saúde, resultando em uma nova construção de imagem corporal. O montanhismo lentamente passou a ser incorporado pela classe trabalhadora, sendo que poucos eram as atividades realizadas por pessoas das classes menos favorecidas. No que toca as questões de gênero, o montanhismo contribuiu para forjar novas imagens à mulher, seja em função da prática em si ou dos valores e atributos físicos associados às montanhistas, que deveriam ou tinham certo padrão de beleza e de civilidade. O montanhismo também pode ser enxergado enquanto uma ferramenta de luta e afirmação das mulheres naquele tempo-espço. Houve, na época, uma busca pela institucionalização do montanhismo. O mesmo era permeado por valores, desejos e sensibilidades associados à modernidade, tais como: comparação de resultados, superação de limites, realização de atividades em situações extremas, valorização do desenvolvimento tecnológico, construção de identidades nacionais, controle de emoções e exaltação do conceito de beleza. Da mesma maneira, passou a incorporar códigos da sociedade capitalista, como: produção, precisão, disputa, e desempenho. As narrativas associadas ao montanhismo buscavam projetar a cidade com uma imagem de brilho e modernidade, e em alguns casos tecendo críticas veladas. Ao se falar de identidade moderna, o montanhismo tinha relação direta com a nova dinâmica social, uma vez que valorizava a ideia de espetáculo e consumo na configuração dos imaginários. Assim, o binômio risco-aventura passa a ser essencial e proposital na adoção de comportamentos, uma vez que o capitalismo industrial exercia um poder disciplinar. Cabe destacar que o montanhismo, pode ser compreendido como um mecanismo de auto identificação e distinção social, suavizando as mazelas de viver em uma cidade atrasada e em um país que passava por profundas transformações. Como a distinção também estava associada ao prazer, felicidade, familiaridade, cooperação e ao patriotismo / nacionalismo, o montanhismo era encarado como fundantes do que se esperava de uma nação moderna e pacífica. Os valores atribuídos ao montanhismo como desafio, exercício físico, estética corporal, honestidade e probidade moral, entendidos enquanto escola de virtudes, eram essenciais em um país que passava por profundas transformações e buscava os rumos da civilização.

Palavras chave: Lazer. Montanhismo. Esporte.

ABSTRACT

The aim of this study is to understand how mountaineering was inserted into the set of transformations that took place in the city of Rio de Janeiro during the first two decades of the twentieth century. Thus, research in available publications in newspapers was created in the portal of the Digital Library of the National Library. Such publications indicate that mountaineering was imbued with a new urban social life in a country that sought modernization and progress. However, in part, such changes occurred in order to maintain the already existing social hierarchy, by the precepts of eugenics and hygienism. Thus, sports, like mountaineering, began to gain spotlight for being considered tools for moral, physical, and intellectual education. Mountaineering was seen as a key element in the construction of a strong and virile society, which was able to change the bodies of the nation because it made use of elements such as competition, selection of the strongest, evolution, and heredity. During that period, the press associated with mountaineers the values expected of a modern man, such as courage, bravery, virility, glory, and strength. A strategy of spreading a new body model coupled with new standards of wellbeing and health resulted in a new body image construction. Mountaineering slowly became incorporated into the daily lives of the working class, making it one of the only activities they practiced. Regarding gender issues, mountaineering contributed to the creation of new images for women, who previously were expected to have a certain standard of beauty and civility, through practice of the sport and the physical values and attributes. Mountaineering can also be seen as a fight and affirmation tool of women in that time-space. There was, at that time, a search for the institutionalization of mountaineering. Such practice was permeated by values, desires, and sensibilities associated with modernity, such as comparing results, overcoming limits, performing activities in extreme situations, valuing technological development, building national identities, emotional control, and exalting the concept of beauty. In the same way, it began to adopt codes of capitalist society, such as production, precision, dispute, and performance. The narratives associated with mountaineering brought to the city an image of brightness, modernity, and, in some cases, veiled criticisms. In relation to the concept of modern identity, mountaineering was directly related to the new social dynamics because it valued the idea of spectacle and consumption in people's perceptions. Thus, the risk-adventure binomial becomes essential in the adoption of behaviors, since industrial capitalism exercised a disciplinary power. It should be noted that mountaineering can be understood as a mechanism of self-identification and social distinction, softening the ills of living in a backwards city and in a country undergoing profound changes. As social distinction was also associated with pleasure, happiness, familiarity, cooperation, and patriotism/nationalism, mountaineering was seen as the foundation of what was expected of a modern and peaceful nation. Thus, the values attributed to mountaineering, such as challenge, physical exercise, corporal aesthetics, honesty, and morality, understood as a school of virtues, were essential in a country that underwent profound transformations and sought the path to civilization.

Keywords: Leisure. Mountaineering. Sport.

As glórias deste cume eu dedico a todos que contribuíram, até a presente data, diretamente na minha formação, seja ela acadêmica ou não. Em especial, minha avó Arlete que não pode presenciar este momento ímpar em minha vida.

AGRADECIMENTOS

Palavras não são perfeitamente capazes de transmitir o sentimento que tenho ao terminar esta importante etapa de minha vida. Porém, cabe aqui destacar, dentre muitos, alguns importantes personagens que estiveram presentes nesta etapa de minha vida. A começar pela minha família, que sabe perfeitamente o quão é difícil estar ao meu lado e que mesmo assim nunca me abandonou e nunca me abandonará. Aos amigos e amigas, que por serem quem são, passaram a fazer parte de minha família. A Isabele pela felicidade compartilhada. Aos companheiros de turma, que fizeram com que os momentos em Belo Horizonte fossem mágicos. Ao Edmundo e ao Cléber, por terem me orientado nos caminhos a serem tomados enquanto pesquisador. Aos colegas de trabalho e alunos, que me fazem refletir a cada dia em como tornar o meu trabalho melhor e mais relevante para a sociedade. Aos brasileiros e brasileiras que, através de seu sangue e suor, tornam viável uma educação pública, gratuita e de qualidade.

SUMÁRIO

Introdução	10
Capítulo 1- Montanhismo, Eugenia e Higienismo	30
Eugenia e Higienismo no contexto do Rio de Janeiro do início do século XX	32
Estratégias eugênicas e higienistas	38
Intervenções sociais e educação física	46
O montanhismo no contexto de outras práticas corporais institucionalizadas	52
Montanhismo e marcas de uma sociedade forte e viril.....	59
Capítulo 2- Montanhismo no contexto da febre esportiva do Rio de Janeiro.....	68
Esporte e vida associativa	70
Estatutos e normas de operar	85
Breves apontamentos sobre os divertimentos populares	91
Questões de gênero no contexto esportivo do Rio de Janeiro	94
Capítulo 3- Montanhismo e a incorporação de códigos esportivos.....	113
Montanhismo no contexto da indústria do lazer e do entretenimento	115
A construção corporal e estética através do montanhismo	124
Técnica, Riscos e racionalização do montanhismo.....	133
Montanhismo, construção de identidade e valores esportivos.....	150
Considerações Finais	158
Fontes Primárias	167
Referências Bibliográficas	179

INTRODUÇÃO

O montanhismo é compreendido, neste trabalho, enquanto prática cultural transnacional, que engloba diversas atividades que têm em comum o risco calculado, a incerteza e o contato com a natureza. Tais características se configuram enquanto elementos essenciais para a realização destas práticas, uma vez que se faz necessário levar em conta as condições climáticas e as características geográficas do local de realização (DIAS e ALVES JUNIOR, 2007). Esta prática não se resume a superar desafios, como a mídia, em geral, tenta transmitir, mas, fazem parte de um espectro muito mais amplo de códigos e significados. É possível observar que, para alguns autores, a prática nem sempre se fez em momentos de lazer, e a parte das demais esferas da vida. O que leva alguns autores a concluir que a essência desta prática se relaciona com: as expedições; as fotografias; os eventos relacionados ao registro; a literatura; as explorações científicas; e, outras disposições, que convergem no estilo de vida do montanhista (BROWN, 2007).

Segundo Elias e Dunning (1992), o tempo livre geralmente é usado para trabalho sem remuneração, ou nos momentos de lazer são procuradas práticas que envolvam excitação, prazer e novas emoções, uma vez que as emoções são reprimidas através da padronização do comportamento. Atualmente esse controle é menos aparente, devido à ideologia dominante e ao discurso midiático, fazendo com que muitas pessoas procurem os esportes praticados na natureza para mimetizar suas tensões sociais, através dessas práticas não convencionais, sem que haja uma tomada de consciência acerca destas questões. Desta forma, alguns praticantes, ao buscarem o montanhismo, procuram a fuga dos mecanismos de controle social impostos pela sociedade, bem como superar os limites impostos pela natureza, não importando exclusivamente o desafio ou o contato com a natureza (FERNANDES, 1998). Neste sentido, as atividades físicas de aventura e na natureza, e dentre elas o montanhismo, ocorrem num contato direto com a natureza, num meio selvagem ou semi domesticado, no qual a disputa entre atletas é secundária, valorizando a superação do seu limite na relação homem natureza (BORTOLOTTI, 2004).

Segundo Souza, Toledo e Marchi Junior (2011), o montanhismo se configura enquanto um subcampo do campo esportivo, que está inserido no espaço social das

práticas esportivas. Possui, portanto, um lócus no qual se travam lutas em função de objetos de disputa que são construídos em função de contingências estruturais e históricas de uma dada época. Merece destaque que existe uma busca pela distinção em relação aos outros esportes, na medida em que seus praticantes consideram os demais esportes enquanto mais fáceis de realizar, quando comparados com o montanhismo (SOUZA, TOLEDO E MARCHI JUNIOR, 2011). Tal constatação, em alguns casos, é fundamentada em função de sua relação com o risco. No que toca as atividades de aventura e na natureza, a exposição ao risco é um dos principais atrativos para seus praticantes, tais como a sensação de incerteza. Deve-se ter clareza que este risco calculado, presente na aventura, muitas vezes está mais associado ao imaginário social, e os seus símbolos, do que a exposição ao risco em si. Portanto, os praticantes de montanhismo apontam que esta aventura aparece como um dos componentes essenciais, sendo motivados pelas vivências emocionais diferenciadas, em função desta prática (DIAS, 2007).

Um dos valores associados ao montanhismo é a distinção em função do domínio sobre a montanha, justificando quaisquer esforços. Apesar das mortes e dos riscos, o impulso por estes sentimentos, proezas e emoções motivam estas práticas. Todavia, para alcançar esta distinção é necessário competência, técnica e intelectual, e experiência, além de capital financeiro disponível (SOUZA, TOLEDO e MARCHI JUNIOR, 2011; PEREIRA *et al.*, 2017).

Ao se pensar no conceito deste conjunto de atividades físicas realizadas na natureza, se faz necessário levar em consideração quais as definições e entendimentos que os próprios praticantes consideram, uma vez que este traz códigos e significados interessantes para compreender esta prática. No caso do montanhismo, alguns praticantes não são adeptos à nomenclatura esportes radicais, por achar que estes não remetem a prática em si, mas sim de uma abordagem sensacionalista criada pela mídia. Neste sentido, esta prática fundada principalmente por um caráter amadorístico, faz com que a visão mercadológica destas atividades seja entendida de forma negativa por alguns de seus praticantes (DIAS, 2007).

Observa-se, paralelamente, uma preocupação em manter o caráter não regulamentado desta prática. Esta busca por uma não regulamentação parece estar associada às raízes históricas, que construíram este conjunto de práticas, na qual o

hábito de frequentar a natureza possuía relação direta a liberdade, através de experiências autênticas (DIAS, 2007). Estas experiências autênticas permitem que a relação corpo-natureza expresse um reconhecimento do homem enquanto parte do meio, produzindo novas emoções e sensibilidades. Assim sendo, o homem, ao buscar a natureza em momentos de lazer, passou a construir uma nova percepção da relação com o meio em que vivem (MARINHO, 2004).

Atualmente, os esportes de aventura e na natureza podem ser considerados práticas corporais que estão se expandindo, tanto em número de adeptos e de estilo de vida, quanto enquanto um nicho de mercado. Estima-se que os produtos e serviços relacionados às práticas de lazer realizadas na natureza movimentam cerca de 10 bilhões de dólares anualmente. Concomitantemente, ocorreu também, em função desta expansão, um aumento no número de mortes e de acidentes não fatais (MACFARLANE, 2005).

O montanhismo sofreu inúmeras transformações desde seus primórdios, sendo incorporados e debatidos, ao longo dos anos, valores, normas e costumes. Deve-se destacar que, nesta prática, os ideais de auto superação, bem como ultrapassar limites, e o radicalismo nem sempre foram presentes. Sua prática é marcada, também, pela sustentabilidade. Inclusive, as instituições e associações passam a militar em favor dos preservacionistas, buscando o desenvolvimento sustentável, através de uma prática de mínimo impacto ambiental (DIAS e ALVES JUNIOR, 2007).

Ao se falar de valores, normas e costumes, deve-se ter em mente que o montanhismo possui características em comum com o esporte, desde suas origens, e que vão se aproximando cada vez mais nos dias de hoje. Apesar de não se configurarem, originalmente, enquanto prática esportivizada, passaram a incorporar alguns signos e significados do esporte. Outro fator que influenciou diretamente esta prática foi à relação do homem com a natureza. Ao longo dos últimos três séculos, ocorreram mudanças do modo de se enxergar a natureza, e da forma de se relacionar com a mesma. Algumas características permaneceram enquanto outras foram modificadas (DIAS, 2009).

Deve-se destacar que este fenômeno não se desenvolveu isoladamente, e a parte da sociedade na qual se insere. Deste modo, o mesmo possui relação direta com as condições econômicas, políticas, históricas e culturais. Neste sentido, um dos fatores que

influenciou diretamente este fenômeno foi o processo de urbanização das cidades. A partir do século XIX, o processo de urbanização das cidades fez com que as condições materiais de vida de uma grande parcela da população passassem a ser precárias e degradantes. Em decorrência do aumento demográfico, esta urbanização se tornou mais intensa e acelerada, gerando inúmeras consequências como: aumento da poluição, insalubridade dos ambientes e crescimento no número de doenças em função da falta de saneamento básico. Em função destas circunstâncias, e do maior distanciamento entre homem-natureza, foi gerado um movimento de retorno à natureza (DIAS, 2008). O que demonstra que as práticas de lazer na natureza não são práticas “novas” que ocorrem independente das características culturais, políticas e econômicas de uma sociedade.

Neste cenário, o Rio de Janeiro se configurou, no Brasil, enquanto importante palco para o desenvolvimento destas atividades. Esta configuração ocorreu através das instituições fundadas, das principais conquistas realizadas e personagens históricos. Somado a este fato, o Rio de Janeiro possui uma geologia favorável à prática destas atividades e por ser, historicamente, um importante local, no Brasil, em nível de trocas culturais. Assim, as práticas de lazer em ambientes não modificados pelo homem foram intensificadas e ganhando adeptos. Estes, muitas vezes, buscavam: fugir, mesmo que momentaneamente, da urbanização; momentos de fruição e prazer, junto ao ambiente natural; ou, simplesmente, um momento de repor as energias para o retorno ao trabalho (MELO, 2007). Deve-se destacar que as práticas de lazer na natureza, dentre elas o montanhismo, possuem uma enorme variabilidade, e sofreram inúmeras transformações ao longo dos séculos. Todavia, o que parece não ter sofrido grandes alterações é o desejo de praticar atividades que possuem contato direto com a natureza, característica essa que vem desde o início dos tempos modernos até os dias de hoje (DIAS, 2009).

Logo, ao tentar compreender o montanhismo, no Rio de Janeiro e no Brasil, deve-se ter clareza que este se desenvolveu através inúmeras relações entre seus praticantes, o meio ambiente e a sociedade como um todo. A complexidade dos processos é uma característica marcante deste fenômeno, sendo necessário estar mergulhado neste meio para melhor compreender suas múltiplas faces (HANSEN, 1995). Os conflitos políticos e sociais, envolvendo o montanhismo, devem ser descobertos e interpretados. Para tal, devem ser analisados os usos linguísticos compartilhados e desempenhados pelos atores e agentes que participaram destes conflitos.

Neste contexto, a palavra e os discursos são indicadores fundamentais para entender o montanhismo enquanto uma realidade histórica. O pesquisador deve examinar as formas que as palavras, e as representações sociais, contribuem para as práticas sociais. É necessário identificar a influência das classificações na realidade. As representações sociais podem ser entendidas como uma realidade objetivada e objetivante, resultantes de lutas pela legitimidade, e pelo reconhecimento das identidades sociais. Para tal, esta investigação não utilizará apenas as características mais observáveis, mas também examinará os pormenores que, em geral, são negligenciáveis e menos influenciados pelas principais características do objeto de estudo (GINZBURG, 2011). Do mesmo modo, os conceitos, de uma maneira geral, são utilizados para caracterizar determinados fenômenos. Deve-se ter clareza que, em épocas distintas, o conceito de um determinado fenômeno pode sofrer alterações. Por outro lado, um mesmo conceito pode representar fenômenos diferentes, em diferentes épocas. A contextualização do fenômeno e dos conceitos que o pesquisador busca investigar é de fundamental importância. Somente através desta contextualização será possível fazer com que estudos locais sejam capazes de servir como base para compreender questões mais amplas, realizando um diálogo entre aquilo que é peculiar de uma determinada região com o todo que a envolve (MELO, 2010).

Assim sendo, o montanhismo se configura enquanto um subcampo, onde são travadas lutas em função das contingências históricas e estruturais, de uma dada época. Logo, para que seja possível desenvolver uma análise mais profunda, deve ser feito um recorte de espaço, no presente trabalho no Rio de Janeiro, e de época, delimitada, aproximadamente neste trabalho no período entre 1900 e 1920 (BLOCH, 2002). Em função desta análise será possível relacionar esse subcampo com os demais espaços, compreendendo a posição que ele ocupa, na macroestrutura, bem como, os diálogos as estruturas micro e macro sociológicas (SOUZA, TOLEDO e MARCHI JUNIOR, 2011). Ao falar de estrutura macro sociológicas e sua relação com o montanhismo, é de fundamental importância a compreensão de que a história das práticas corporais institucionalizadas, em especial o esporte, emerge, nas últimas décadas, como um campo de investigação para pesquisadores de diversas áreas. Estes pesquisadores buscam fazer uso das discussões metodológicas no campo da história para fundamentar a sua prática cotidiana. Neste sentido, houve um aumento, no Brasil, no que diz respeito: à história das práticas corporais institucionalizadas; de espaços em eventos

científicos, incentivo a publicações com tal temática por parte de periódicos; reconhecimento da relevância da temática no campo acadêmico; e, um aumento no número de grupos de pesquisa que investigam esta temática.

Tais avanços fizeram com que existisse uma necessidade de contextualizar, historicamente, o montanhismo, de modo a evitar possíveis confusões conceituais que possam vir a aparecer. Um primeiro ponto de partida diz respeito ao próprio vocábulo montanhismo. Até a década 1900, este vocábulo sequer aparecia nas publicações da época. Atividades de lazer realizadas nas montanhas eram frequentemente chamadas, na época, de “excursionismo”, “vilegiatura”, “passeios campestres”, ao se ter em mente que as montanhas não eram o único destino destas atividades (DIAS e MAIA, 2017).

No que diz respeito às características do montanhismo, por mais que até 1900, no Brasil, já existissem práticas que envolvessem desafios, aventuras e vertigem, estas não se configuravam enquanto um subcampo dos esportes, uma vez que não eram dotadas das funções que o esporte passou a assumir dentro da sociedade (FERNANDES, 1998). Na Europa, apenas em meados do século XIX foram criadas instituições voltadas para a exploração, sistemática, de montanhas por esporte, sendo o primeiro clube voltado para a prática do montanhismo apenas em 1857, o Alpine Club, e posteriormente outros clubes espalhados pela Europa. Todavia, estas iniciativas só foram possíveis em função profundas transformações históricas, como nos meios de transporte, através de ferrovias e navios a vapores, sendo estas algumas das invenções tecnológicas que possibilitaram a ampliação do número de praticantes de montanhismo (DIAS e MAIA, 2017).

A transição dos séculos ficou marcada também por transformações na forma de se relatar tais práticas, uma vez que

a ênfase sobre as dificuldades de uma viagem estaria nas intempéries meteorológicas, nos perigos do caminho, nos riscos de ataques de animais ou de bandidos, nunca nas exigências físicas da caminhada em si – que a partir daí seriam tomadas como dados mais ou menos naturais. Esta é uma pequena diferença fundamental, que expressa um conjunto de transformações com relação à uma nova cultura do corpo, que seria materializada na crescente popularização dos esportes (DIAS e MAIA, 2017, p.9).

Nos dias de hoje existe um delineamento muito claro acerca da prática das diferentes modalidades esportivas. Logo, a linha entre um esporte e outro fica bastante claro quando buscamos compreender questões referentes aos esportes, uma vez que estes possuem gestos, vestimentas, técnicas, valores, métodos de treinamentos específicos. Esta especificidade se dá não somente entre os esportes, mas entre cada modalidade, uma vez que existem variações nas definições em função da idade, gênero e local de realização entre cada esporte. Porém, nem sempre existiu um conceito específico e único que delineasse um fenômeno específico, de modo a haver constantes trocas e modificações ao longo dos anos. O pedestrianismo, por exemplo, foi uma ramificação do esporte que, com o passar dos anos, sofreu inúmeras modificações a tal ponto que seu conceito quase não é utilizado pela literatura vigente no Brasil.

Indo ao encontro da ideia de que nem sempre a linha tênue entre as diferentes modalidades esportivas praticadas, no Rio de Janeiro, no início do século XX, existia associações e sportsmens que realizavam diversos esportes, sendo que não havia uma diferenciação entre estas. Um exemplo deste se deu em uma atividade realizada por um grupo de sportsmens, no qual “A.Krawczak, remador; Manuel Felipe Carreira, atleta, e, Affonso Gama Rosa, “footballer”, partiram na quarta-feira, as 22 horas, do Rio para uma excursão pedestre a Magé, com escalas em Petropolis e Therezopolis” (JORNAL DO BRASILb, 1915, p.12). Esta notícia deixa evidente que determinados esportistas realizavam diversas atividades, independente da modalidade possuir gestos similares ao esporte que mais praticava. O fato de haver um “atleta”, cujo esporte não é definido, também corrobora com o fato de que os sportmen realizavam diversos esportes, promovidos por determinadas instituições, sem se especializar em alguma específica.

Os diferentes ramos de esportes, bem como seus praticantes, não estavam, portanto, tão distantes uns dos outros. No cenário das práticas corporais do Rio de Janeiro, no período analisado, demonstra que existia uma integração no mundo esportivo. Esta integração se dava, inclusive em função de alguns vocábulos que caracterizavam determinadas práticas, como o montanhismo, pedestrianismo e vilegiatura. O vocábulo aventureiro, por exemplo, já se fazia presente na época, inclusive cunhando a agremiação esportiva “Legião dos aventureiros”. Em alguns casos, aqueles que realizavam atividades associadas ao montanhismo recebiam exclusivamente a alcunha de aventureiros, e não como montanhista. Conforme observado na notícia da seção Pedestrianismo, no qual “os aventureiros sahirão em alegre bando, ás 4 horas da

sua sede em Todos os santos e irão em uma simples passeata á Repreza dos Ciganos” (JORNAL DO BRASIL, 1914, p.9). Neste sentido, havia uma associação entre a aventura e a prática do montanhismo, onde aqueles que realizavam esta prática poderiam ser chamados não apenas de montanhistas, mas também de aventureiros.

O mesmo pode ser pensado com relação ao alpinismo. Ao se realizar uma análise nua e crua, o conceito de alpinismo não se aplicaria, ou não faria sentido, na realidade brasileira, se analisarmos as práticas corporais realizadas na montanha, uma vez que no Brasil, e mais especificamente no Rio de Janeiro, não havia picos alpinos. Porém, se olharmos a luz das notícias que eram veiculadas na época, existiam uma estreita relação entre estas práticas em função dos gestos e valores associados às práticas, conforme observado na seguinte publicação

Chamamos este esporte de alpinismo. Será um disparate? Talvez! Mas há qualquer semelhança, porque fazemos audácias grandes, pulando pedras, subindo rochedos pontudos (...) Tem nosso esporte qualquer semelhança com o alpinismo (GAZETA DE NOTÍCIASc, 1906, p.3).

Havia, inclusive, uma associação que se denominou Clube Alpino Brasileiro, que atividades que iam para além do montanhismo e de outros esportes, pois

Conforme noticiamos, instalou-se domingo, sob este título uma associação cujos fins principais são realizar periodicamente excursões aos lugares mais elevados e pitorescos desta cidade, promover a publicação de mapas, quadros, fotografias, etc., e manter uma revista para a propaganda do alpinismo. Tendo sido unanimemente aprovada as bases apresentadas pela comissão iniciadora, foi eleito o conselho administrativo, que ficou assim constituído: Presidente A. S. Cabral; vive-presidente dr. Euclides Aguiar; 1º secretário Jocelyn Fragoso, 2º (?) Nestor Cunha tesoureiro, Oscar Duarte; conselheiros Capitão Alvaro Barbosa, dr. (?), dr. Alvaro Martins Costa, Arthur Saroldi, Luiz Monteiro e Theophilo Costa (GAZETA DE NOTÍCIASb, 1900, p.2).

Neste sentido, ao pensar em algumas das características do esporte moderno, e também da sociedade moderna, o montanhismo no Rio de Janeiro no início do século XX não poderia ser caracterizado apenas pela especialização, racionalismo, organização burocrática, e busca de recordes. Observa-se, então, a esportivização do montanhismo ainda não se fazia por completo, uma vez que a passagem do divertimento ocasional para a especialização esportiva estava em vias de consolidação no montanhismo

(HUIZINGA, 1990). Um fato que contribuiu para este cenário se deu em função de que no Brasil, e mais especificamente no Rio de Janeiro, a nova visão de mundo ocidental e o desenvolvimento do pensamento científico, marcados pelo eurocentrismo, ainda não haviam sido completamente difundidos (FERNANDES, 1998).

Corroborando com estas ideias, no contexto do Rio de Janeiro no início do século XX, montanhista era aquele que “galga aqueles íngremes caminhos, atravessando matas e embrenhando-se nos cipós e vimes, trepando por árvores e pulando sobre as pedras, sente, sem dúvida, a sensação que devem sentir os exploradores dos Andes, ou os peregrinadores dos Alpes e do Monte Branco” (JORNAL COPACABANA, 1908, p.2). Fica claro então, que havia uma similaridade entre as práticas, o que fazia com que havia mais de uma forma para caracterizar e conceituar o fenômeno que entendemos, hoje, como montanhismo. Portanto, ao se analisar os conceitos montanhismo, excursionismo, pedestrianismo, vilegiatura e alpinismo, observa-se que estes devem ser pensados em um contexto integrado, e de acordo com a sociedade da época, embora haja particularidades em relação a cada uma das práticas.

Buscando aprofundar este contexto da época, pode-se observar que a visão romântica e a visão utilitarista da natureza coexistiram e em certos pontos se confundiam ao se realizar esta prática, e, principalmente, ao relatar a mesma, fato este evidenciado na seguinte fala “o desejo de trepar por essas abruptas rochas, haurir o perfume dos montes a mil, a mil e quinhentos, a dois mil e picos metros de altitude, como me dizem ter a agulha da grande serra” (CORREIO DA MANHA, 1913, p.2). Neste sentido, o montanhismo, em uma primeira análise estava associado não somente a proeza física, mas também em elementos estéticos e a discursos que eram repletos de valores.

Através das publicações datadas até 1920, é possível perceber que desde meados do século XIX já era veiculado na mídia práticas de lazer relacionadas à natureza, bem como a divulgação de alguns estilos de vida e padrões a serem seguidos. Algumas práticas, consolidadas na Europa, tais como o alpinismo, o excursionismo, a vilegiatura e a experimentação científica passaram a ganhar voz nas publicações. Merece destaque que até o ano de 1843 não existia qualquer menção destas práticas nas publicações realizadas no estado do Rio de Janeiro, que na época era sede da corte, e concentrava o maior número de publicações do Brasil. Corroborando com estas afirmações, a Revista

Brasileira de março de 1844 publicou uma crônica sobre Otto de Alencar, um homem que, segundo o autor da crônica, desapareceu há trinta anos, e que voltou a sua lembrança repentinamente. Há a citação de uma imagem de Otto em Teresópolis, onde os veranistas formavam uma espécie de família. Otto era um sujeito reservado que atuava como guia das vilegiaturas serranas. Aos poucos o autor vai narrando como conheceu Otto e como eles foram se tornando amigos, sempre se encontrando nos hotéis de Teresópolis. Portanto, a busca pela montanha para a prática do lazer já era difundida pelos jornais e revistas na primeira metade do século XIX.

Ao que parece, ao longo do século XIX, o montanhismo passou então a ganhar força e ser praticado, inclusive, por pessoas de grande reputação dentro da alta sociedade carioca. A notícia do jornal *O apóstolo* de 3 de setembro de 1879 narra a exploração do Barão de Nova Friburgo e sua comitiva em direção aos sertões do rio doce. Tal exploração teve tamanho impacto que foi divulgada em outros dois jornais, *O conservador*, de 7 de setembro de 1879 e no jornal *O Fluminense*, de 31 de agosto de 1879. O Barão viajou no intuito de explorar as magníficas matas do rio doce para fundar uma colônia agrícola, voltada para resolver o problema da exportação da província do Espírito Santo, rica em matas, mas sem agricultores. A notícia afirma que ou o barão restabelece a navegação no rio ou o mesmo secundara outro cometimento gigantesco igual ao que pôs em prática com a construção da estrada de ferro de Nova Friburgo. A notícia visava relatar a excursão do barão para que a região fosse futuramente povoada. Há um grande destaque para a vigorosa e imponente vegetação e abundantes e cristalinas águas. Havia, também, uma estreita relação entre o montanhismo, a experimentação científica e a vilegiatura. Por este motivo, até o século XX, a literatura aponta que as trilhas abertas e as ascensões a montanhas realizadas em território brasileiro tinham, em sua maioria, caráter exploratório.

A partir de 1880 estas atividades começaram a ser realizadas com o caráter de prática corporal institucionalizada. As práticas institucionalizadas de aventura e na natureza passaram a ganhar destaque, sofrendo influência direta das modificações urbanas (DIAS, 2008). Estas práticas já possuíam certo destaque no cenário do Rio de Janeiro, passando a contar, inclusive, com instituições oficiais, voltadas para a sua prática. A realização destas atividades começou ganhar vulto nas publicações da época, em que em geral era dada importância ao desafio ao se realizar estas práticas. Com isso, os praticantes começaram a incorporar maneiras mais difíceis, e mais desafiadoras, de

se praticar estas atividades (MELO, 2007). Esta mudança de concepção não se deu de forma tranquila, mas sim frutos de embates e disputas entre a comunidade montanhista. Nestas tensões, as mídias foram utilizadas enquanto meio de difundir e defender determinadas concepções de escalada e de montanhismo (MELO, 2007).

Na busca para melhor justificar o presente estudo, foi realizada uma busca por publicações em periódicos, disponíveis no portal da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. Foram utilizados, em uma pesquisa inicial os descritores: montanhismo, montanhista, excursionismo, excursionista, vilegiatura, alpinismo, alpinista, pedestrianismo e excursões pedestres. Ao final da busca, observou-se que, a partir da transição do século XIX para o século XX, no Rio de Janeiro, o número de resultados aumentou expressivamente a partir do início século XX, conforme a tabela 1.

Tabela 1: Resultados das buscas pelos descritores no Rio de Janeiro.

Descritor	1880-1889	1890-1899	1900-1909	1910-1919
Montanhismo	0	0	1	0
Montanhista	0	0	0	1
Alpinismo	1	7	75	80
Alpinista	2	7	85	73
Excursionismo	0	0	4	9
Excursionista	68	213	935	635
Vilegiatura	8	13	37	58
Pedestrianismo	0	2	81	342
Excursão Pedestre	1	2	8	28

No que toca as notícias que tivessem relação direta com a temática do presente estudo, também foi observado um aumento significativo nos primórdios do século XX, uma vez que até 1899 o número de publicações relacionadas era de 18, e, nas duas primeiras décadas do século XX, esse número foi de 200 publicações, conforme observado na tabela 2.

Tabela 2: Notícias relacionadas a temática do presente estudo.

Período	Número de Publicações
Anterior a 1870	3
1870-1879	2
1880-1889	1
1890-1899	12
1900-1909	118
1910-1919	82

Estes fatos deixam claro que algo havia ocorrido para que esta mudança abrupta, tanto no número de notícias com os descritores quanto no número de notícias relacionadas ao montanhismo, o que fez com que o recorte temporal do presente estudo fosse entre os anos 1900 e 1920.

Estas fontes podem nos trazer apontamentos interessantes se buscarmos analisar apenas quem eram aqueles que publicavam tais notícias. As notícias se concentravam em alguns principais periódicos, como: *Jornal do Brasil*; *Gazeta de Notícias*; *O Século*; *Correio da Manhã*; *O Paiz*; e, *Jornal do Comércio*. Estes jornais se concentravam no Rio de Janeiro, uma vez que esta era a capital da República, e representavam as tensões presentes na sociedade, uma vez que, na época, o país ainda sofria transformações decorrentes dos principais acontecimentos do final do século XIX, sendo que alguns possuíam posicionamentos distintos frente a questões como a abolição da escravatura e a proclamação da república. Estes representavam, portanto, a expressão de diversas correntes de pensamento, seja de cunho progressista, liberal ou conservador.

Segundo Letícia Pedruce Fonseca (2008), tais periódicos eram pioneiros, no que diz respeito a sua posição, enquanto uma empresa que prestava serviços à comunidade, em oposição às publicações exclusivamente políticas ou de iniciativas particulares. Pode-se observar, portanto, que estes se configuravam enquanto construtores de uma indústria de lazer voltada para os interesses intelectuais da população, ainda que de forma embrionária. Por pertencerem a políticos, industriais e comerciantes, estes periódicos buscavam, na seleção dos assuntos publicados, formar a opinião pública acerca de diversos assuntos.

Juntos, estes periódicos chegavam a ter uma tiragem de cerca de 150 mil exemplares, o que significa que atingiam uma parcela significativa da população. Porém, cada um destes direcionava sua escrita para um público específico, como por exemplo: o Gazeta de Notícias buscava um público que valorizava o conteúdo literário; o Jornal do Brasil buscava direcionar suas notícias para um público com menor poder aquisitivo e um menor grau de instrução; o Correio da Manhã era considerado um jornal sensacionalista, a medida que valorizava a informação a ser passada em detrimento da opinião; O Jornal do Comércio se trata do mais antigos destes periódicos e buscava não tomar posição frente aos acontecimentos políticos, se limitava a narrar acontecimentos no Brasil e na Europa, se adaptando em função do poder público que lhe auxiliava em sua sustentação (FONSECA, 2008b).

Na busca de compreender como eram as representações do montanhismo na época, deve-se ter clareza que a imprensa possuía papel fundamental, uma vez que esta expressava as tensões e lutas presentes na sociedade carioca do início do século XX. Os jornais são instrumentos que possibilitam compreender ideologias, movimentos históricos e conflitos de opinião de uma determinada época, Muitas vezes sendo a única fonte para reconstrução de um período histórico (NASCIMENTO e ZANLORENZI, 2006).

Surgida em 1808 no Brasil, a imprensa sempre se fez presente nas manifestações históricas, disseminando ideologias e concepções. Inicialmente, no Brasil, esta trilhava por um caráter político ideológico e com o passar dos anos passou a apoiar os interesses da consciência burguesa e da sociedade capitalista. Desde sua fundação esteve diante de pensamentos conservadores e liberais, porém sempre buscava estratégias para enfatizar a luta pela dominação (NASCIMENTO e ZANLORENZI, 2006).

Neste processo, deve-se ter clareza que estes jornais disputavam um limitado público leitor no país, considerando-se que a grande maioria não podia pagar pelos jornais, e que uma parcela significativa da população sequer era letrada na época (DEL PRIORI E BASSANEZI, 2001). Não por acaso a maioria da população não era letrada, uma vez que nesta condição, a ignorância poderia ser entendida como uma forma de se constituir a própria dominação, sem que hajam instrumentos culturais mais elaborados. Logo, as classes dominantes detinham, além dos meios de produção, o conhecimento, o que era fundamental para se manterem no poder (NASCIMENTO e ZANLORENZI,

2006). Assim, ao se falar de formação de opinião pública e de uma indústria de lazer, estas eram majoritariamente composta pelas classes mais abastadas, sendo os menos favorecidos influenciados pela opiniões de terceiros, ou seja, através dos leitores dos periódicos. Neste sentido,

É por meio da imprensa, nos discursos veiculados, nas publicidades e na repercussão das notícias, que a classe dominante revela os seus interesses. Nela podem-se observar as contradições existente se o caráter político-ideológico disseminado pelo grupo social, pois a imprensa é rica em dados que permitem melhor compreender a sociedade, suas condições e suas manifestações. A imprensa não só é um veículo de informação como também é porta-voz de opiniões, interesses, enfim, dos pensamentos da classe dominante (NASCIMENTO e ZANLORENZI, 2006, p.40).

No início do século XX, o Brasil encontrava-se nas primeiras décadas da república, tendo em vista a proclamação que se deu em 1889. Porém, como se sabe, a transição entre os regimes de governo não se tratou apenas de uma simples substituição, mas sim de um período de constantes contradições e desmandos que marcaram as práticas políticas dos primeiros governos da república. Neste sentido, jornalistas e literatos que se posicionavam politicamente, em especial os que eram a favor da república, tendo em vista que não se encontravam satisfeitos com o rumo da nação. Logo, faziam de suas publicações uma forma de veicular críticas, e de construir novas formas de pensamento frente aos rumos do Brasil, sendo que alguns destes intelectuais adotavam uma narrativa sutil e cuidadosa (PEREIRA, 2015).

Na medida em que a cidade do Rio de Janeiro se configurava enquanto a capital política e cultural, pode-se observar que a mesma concentrava boa parte dos literatos no país, o que fazia com que as notícias da capital e seus arredores, além das notícias sobre o exterior, ganhassem destaque em função de uma vida cultural efervescente. Muitos destes literatos eram redatores, editores e colunistas de muitos periódicos que circulavam no Rio de Janeiro nas duas primeiras décadas do século XX. Sendo assim, as questões políticas e intelectuais tiveram na imprensa e na literatura um alcance ainda mais amplo, já que os temas atuais e relevantes de política, filosofia e cultura se faziam presente nas colunas dos jornais através de grandes nomes da literatura nacional. (COSTA, 2015).

A partir do fim do século XIX houve uma expansão da cultura impressa, marcada por transformações tecnológicas que permitiram a veiculação de gravuras,

fotografias e imagens, através de postais, filmes e revistas, que passaram a alcançar um público diversificado (DEL PRIORI e AMANTINO, 2011). Deste modo, “O desenvolvimento das técnicas de reprodução de imagem, associado à capacidade de representação da realidade através da fotografia, já fomentavam uma nova alfabetização visual que se dava, principalmente, por meio das revistas ilustradas” (PERROTA, 2001, P.79). No início do século XX a imprensa sofreu uma revolução, por meio desta implementação de novas tecnologias para impressão, e por serem os jornais locais frequentados por intelectuais que refletiam acerca da cidade. Desta forma, através dos jornais, iniciou-se um momento de expressão, experimentação e construção da cultura urbana carioca, pois

Era precisamente através das letras, das crônicas e da divulgação dessas matérias via imprensa que os literatos contribuíam para que a cidade se observasse e se pensasse, produzindo uma ideia de si própria e que tinha como o seu centro gravitacional o Centro da cidade do Rio de Janeiro e as sociabilidades que ali eram possíveis (COSTA, 2015, p.188).

A imprensa, então, era uma das referências que influenciavam a recriação da cidade, por meio de suas publicações, pois através dela modismos eram lançados, opiniões sobre cada momento histórico do Rio de Janeiro eram produzidas e o gosto do carioca era lapidado em função das diversas influências nacionais e estrangeiras (COSTA, 2015). As notícias veiculadas de fora do país quando comparadas as nacionais, sofriam um atraso, em decorrência da distância entre a realização dos fatos e sua publicação, embora o advento da navegação a vapor e do telegrafo tivessem facilitado a veiculação de ideias e notícias internacionais (NASCIMENTO E ZANLORENZI, 2006). Todavia, a expansão do serviço telegráfico no exterior, inclusive por meio de correspondentes, fez com que se mudasse a correlação de forças no que diz respeito ao prestígio dos jornais junto à população, tamanho era o destaque que as notícias internacionais possuíam (FONSECA, 2008b).

Assim sendo, antes de se pensar como o montanhismo era realizado no Brasil, faz-se de fundamental importância compreender como a imprensa brasileira retratava esta prática a partir das influências estrangeiras. Dito de outro modo, o montanhismo

brasileiro, no início do século XX foi fortemente influenciado pela forma como a mídia narrava os acontecimentos estrangeiros, em especial o europeu.

Neste sentido, compreender como as práticas corporais realizadas na natureza, e em especial o montanhismo, eram noticiados, a partir da imprensa, se faz de fundamental importância para entender melhor o cenário brasileiro e do Rio de Janeiro na época.

Ao se falar neste cenário, deve-se pontuar que

A cidade do Rio de Janeiro era, no final do séc. XIX e início do XX, não só o centro decisório e político do país, status que já usufruía desde 1763, quando a sede do vice-reinado foi transferida da Bahia, mas também a mais importante área comercial, financeira e industrial. Tanta relevância no cenário nacional se revelava igualmente na superioridade numérica de sua população – era a principal cidade do país, bem maior que São Paulo, a segunda (FONSECA, 2008b, p.97).

Em função destes motivos, a capital era, também, um polo de atração de trabalhadores, que recebia um número elevado de pessoas dos diversos estados da nação, assim como de estrangeiros de diferentes nacionalidades. Uma das consequências decorrentes deste fluxo migratório de trabalhadores para o Rio de Janeiro fez com que ocorressem diversas modificações culturais na cidade. No que toca as questões de gênero, “o desequilíbrio entre os sexos tem a ver com uma cidade que cresce muito em razão da chegada de novos habitantes de outras áreas do país e do estrangeiro e que, em sua maioria, viajam sozinhos” (FONSECA, 2008b, p.106).

Em função de sua condição de capital, do grande fluxo migratório, de sua representatividade a nível internacional, dentre outros motivos, o “papel de metrópole-modelo recai sem dúvida sobre o Rio de Janeiro, sede do governo, centro cultural, maior porto, maior cidade e cartão de visita do país, atraindo tanto estrangeiros quanto nacionais” (SEVCENKO, 1998, p.522). Ao se falar de como este papel de metrópole-modelo foi criado em torno do Rio de Janeiro, deve-se ter clareza que

O desenvolvimento dos novos meios de comunicação, telegrafia sem fio, telefone, os meios de transporte movidos a derivados de petróleo, a aviação, a

imprensa ilustrada, a indústria fonográfica, o rádio e o cinema intensificarão esse papel da capital da República, tornando-a no eixo de irradiação e caixa de ressonância das grandes transformações em marcha pelo mundo, assim como no palco de sua visibilidade e atuação no território brasileiro (SEVCENKO, 1998, p.522).

Em função desta visibilidade e atuação, já presente desde os tempos do império, a aristocracia iniciou a construção da nova nação, considerando-se que no início do século XX o país crescia e prosperava, ganhando prestígio no olhar do mundo. A república, neste sentido, havia herdado uma nação pacificada, obediente, tranquila, extremamente moralizada, unificada e organizada, com sua capital sendo considerada uma cidade

eminentemente voltada para serviços e indústria, além de, como capital, sediar a burocracia estatal. Mesmo na área suburbana, chama a atenção o pequeno número de estabelecimentos agrícolas. Seu crescimento geográfico e demográfico provocou uma maior distribuição de prédios não destinados à residência, como demonstrado pelo número de asilos e hospitais, depósitos, escolas, escritórios, fabricas e oficinas, casas de negócios e órgãos públicos espalhados por toda a cidade, enquanto as atividades econômicas e a burocracia estatal permanecem concentradas na mesma velha área central (FONSECA, 2008, p.112).

A população, em função desta grande atividade econômica, política e cultural, também se concentrava na área central da cidade, assim como o número de indústrias, principalmente pela oferta de infraestrutura urbana e pela rede de transportes. Porém, a cidade se ampliava em diversas direções, devido à oferta de atrativos naturais e pela questão econômica dos preços dos imóveis, e pela ampliação dos meios de transporte, como a extensão das linhas dos bondes (FONSECA, 2008). Durante as duas primeiras décadas do século XX, paulatinamente

o Centro perde importância enquanto área de residência, configurando-se cada vez mais como área de decisões políticas e centro econômico, de comércio e de serviços, enquanto as indústrias vão também se deslocando para outras áreas, ao longo das vias férreas. A ocupação do que hoje chamamos Zona Sul se acelera bastante (FONSECA, 2008, p.105).

Esta modificação na concepção da cidade, nos rumos da civilização e na tentativa de se tornar uma cidade moderna, se deu potencializada através do “bota-abaixo”, promovido pelo então prefeito da cidade, Pereira Passos, no qual habitações populares foram demolidas para dar lugar a construções modernas, higiênicas e salubres, dando ao Rio de Janeiro uma cara de boulevard francês, o que gerava um comércio emergente e a especulação imobiliária. Todavia, essa implementação ocorreu de forma violenta, em relação aos menos favorecidos, acelerando e justificando a exclusão destes enquanto cidadãos. (DEL PRIORE e AMANTINO, 2011). Logo, “graças a essa intensificação dos laços neocoloniais e ao prodigioso afluxo de riquezas decorrente, alguns subiam na escala social e outros, literalmente, subiam expulsos para os morros da cidade” (SEVCENKO, 1998, p.541).

Constata-se, então, que, com as transformações na cidade, surgiam dois “Rios de Janeiros”. De um lado o da regeneração da nova ordem urbanística, racional e técnica. De outro lado o dos excluídos, desempregados e marcado pela ausência de leis, presentes nas favelas e nos meandros da cidade. Neste sentido, a modernidade tomava como modo de vida o das camadas mais abastadas e aos poucos acabava com o dos menos afortunados. (SEVCENKO, 1998). Esta regeneração, em grande medida, estaria associada em função de o Brasil ser considerado um país cuja república se encontrava em seus primeiros passos, bem como nas formas de representação, percepção e consumo de imagens do país. Neste processo, a imprensa, bem como a fotografia dos jornais ilustrados, desempenhou um papel essencial, conforme destacado anteriormente. Assim, houve uma intensa busca em se repensar a imagem do Rio de Janeiro internacionalmente. Um ponto interessante para a compreensão deste processo se deve ao fato de que os primeiros fotógrafos que registraram sistematicamente o Rio de Janeiro, e em especial as suas montanhas, foram estrangeiros, em especial alemães e franceses. Tais empreendimentos vinham ao encontro da demanda do mercado brasileiro de ilustrações, em especial de livros, que vinha crescendo, tendo em vista as intenções do governo em promover a colonização estrangeira, veiculando um país civilizado de modo a acabar com o preconceito em relação ao país. Assim, os conjuntos de modificações urbanas, associados às novas formas de representação, podem ser interpretados enquanto elementos disparadores no processo de globalização, buscando inserir o país dentro de um contexto de internacionalização comercial e de fluxo

migratório, e turístico, sem precedentes, cujo processo industrial de produção da informação seria essencial (PERROTA, 2001).

Em função deste contexto no qual a cidade estava inserida, ao se investigar a prática do montanhismo nas duas primeiras décadas do século XX, deve-se ter em mente que

O Rio passa a ditar não só as novas modas e comportamentos, mas acima de tudo os sistemas de valores, o modo de vida, a sensibilidade, o estado de espírito e as disposições pulsionais que articulam a modernidade como uma experiência existencial e íntima (SEVCENKO, 1998, p.522).

Apesar dos avanços realizados a partir da década de 20, com consolidação destas práticas no cenário carioca, existe uma lacuna no meio acadêmico acerca de produções referentes ao montanhismo no Rio de Janeiro nas duas primeiras décadas do século XX. Isto faz com que o continuum histórico acerca das práticas não se faça por completo, dificultando a compreensão deste fenômeno nos dias de hoje. Somado a este fato, algumas características deste fenômeno não podem ser compreendidas através das produções acadêmicas já realizadas, tendo em vista que as mesmas investigam apenas o período após a década de 1920.

Logo, ficam presentes os seguintes questionamentos: De que maneira o montanhismo se inseria dentro do conjunto de transformações pelo qual o país, e a cidade do Rio de Janeiro, passava? Como o seu desenvolvimento estaria associado à construção de um país civilizado e moderno? Como as questões políticas, econômicas e culturais se faziam presentes nesta prática esportiva?

Objetivos

O presente estudo tem como objetivo geral compreender de que maneira o montanhismo estava inserido no conjunto de transformações ocorridas no Brasil e na cidade do Rio de Janeiro nas duas primeiras décadas do século XX. Os objetivos específicos são: investigar como as questões políticas, econômicas e culturais se faziam presentes no montanhismo; analisar a febre esportiva vivida pelo Rio de Janeiro no início do século XX, e como o montanhismo se relacionava com esta; investigar de que

forma o montanhismo incorporou e utilizou os códigos esportivos e os utilizou na construção de uma sociedade em vias de construção.

CAPÍTULO 1- MONTANHISMO, EUGENIA E HIGIENISMO

A sociedade carioca, do início do século XX, passava por um processo de capitalização, aburguesamento e cosmopolitização, uma vez que “a penetração do capitalismo industrial europeu no Brasil dinamizou a vida social e, como já observamos, a vida privada” (COSTA, 1989, p.119). Desde o século XIX havia, por parte das elites brasileiras, uma busca em se espelhar no cidadão europeu, de modo a influenciar os hábitos de vida e a construção da sociedade, na qual

Os brasileiros, levados a competir em prestígio e enobrecimento de modos com os europeus, começaram a dispensar seus negros e a contrataram preceptoras e governantas estrangeiras encarregadas de civilizarem seus modos, educarem seus filhos, europeizarem suas casas (COSTA, 1989, p.125).

Deve-se ter clareza que “durante a República Velha, a combinação entre um liberalismo elitista e as teorias evolucionistas levou a confiança em um estado centralizado, camuflando-se interesses marcadamente regionais e conflitos de classe” (SCHWARCZ, 1993, p.182). Neste sentido, “dispostos de forma paralela, os conceitos de nação, raça e povo parecem sinônimos entre si, submetidos a ação de um Estado que surge acima de todo e qualquer conflito” (SCHWARCZ, 1993, p.180). Logo, os tempos coloniais eram vistos como opostos à civilização, na visão de boa parte de políticos e governantes do país, uma vez que a ordem colonial era vista como um impeditivo para o progresso do país e para a prosperidade das elites, sendo necessária a modificação desta para que estes objetivos fossem alcançados (COSTA, 1989).

O caminho para a civilização, então, deveria passar pelo aperfeiçoamento físico, moral e material, sendo válido para qualquer povo, cabendo aos governantes zelar para que tal fato se consumasse o mais rapidamente possível. Neste sentido, na visão das elites dominantes a ciência, entendida como “neutra”, deveria ser o cerne para a gestão das diferenças sociais e dos problemas da cidade. No que toca aos intelectuais da época, vistos como homens da ciência, estes tinham legitimidade para apontar os impasses e discutir as perspectivas que se apresentavam ao país em função dos espaços científicos dos quais participavam, participação esta que permitia trocas culturais, garantindo o

reconhecimento bem como uma polivalência que supriria a pouca especialização (SCHWARCZ, 1993). Esta condução, tida como neutra por parte de cientistas, engenheiros, médicos, lideranças religiosas, advogados e políticos, tinha por trás a manutenção do poder por parte da classe dominante, em uma sociedade de classes cujo sistema capitalista estava em seus primeiros passos (CHALHOUB, 1996). Todavia, pare que tais ideais fossem incorporados pela população se fazia necessário um meio de divulgação e difusão. Portanto,

a moda científicista entra no país por meio da literatura e não da ciência mais diretamente. As personagens serão condicionadas pelas máximas deterministas, os enredos terão seu conteúdo determinado pelos princípios de Darwin e Spencer, ou pelas conclusões pessimistas das teorias científicas racistas da época (SCHWARCZ, 1993, p.32).

Neste processo de transformação da sociedade, os higienistas ajudaram a construir o processo de hierarquização social, onde o indivíduo culto era superior ao inculto, construindo preconceitos raciais e de gênero. Deste modo, determinadas teorias e políticas públicas passaram a ser mais facilmente aceitas (COSTA, 1989). Para atingir a civilização, associada à grandeza e prosperidade dos países mais cultos, o país deveria resolver os problemas de higiene pública (CHALHOUB, 1996).

Porém, diversas eram as visões acerca dos rumos para se alcançar a civilização, o que refletia inúmeras lutas, tanto para a modificação quanto para a manutenção da sociedade em seus diversos aspectos. Desta forma, as duas primeiras décadas do século passado foram marcadas por inúmeras transformações que visavam ditar os rumos da nação, ainda em vias de construção. Em meio a todas estas transformações, o homem passou a incorporar valores urbano-burgueses, tais como o apreço pelo trabalho, admiração pelas competências profissionais, competitividade, gosto pelas manifestações artístico-culturais e pela ciência, cultivo da aparência física e a busca por uma vida equilibrada e contida moralmente (COSTA, 1989).

Ao se falar de sociedade, deve-se ter em mente que a questão racial era muito forte e marcante no que diz respeito à construção de uma nova civilidade, tendo em vista as transformações em voga. Neste sentido, havia uma relação direta entre a eugenia e o higienismo, através de diversas ações que, supostamente, como base a civilização, ordem, progresso, associados também a limpeza e beleza, e antagônicos aos

tempos coloniais, a desordem e imundice. Porém, “que se declara, literalmente, é o desejo de fazer a civilização europeia nos trópicos; procura, na pratica, é fazer política deslegitimando o lugar da politica na historia” (CHALHOUB, 1996, p.35).

Eugenia e higienismo no contexto do Rio de Janeiro do início do século XX

No Brasil, a ciência que chega ao fim do século XIX não é de tipo experimental, mas sim de modelos evolucionistas e sociais darwinistas, que em sua origem eram popularizados como justificativas teóricas para o imperialismo e a dominação europeia. No contexto caracterizado pelo fim da escravidão e de um novo projeto político para o país, as teorias raciais serviam como modelo teórico para justificar os jogos de interesses, pois, além de substituir a mão de obra escrava e conservar a hierarquia social, era preciso estabelecer critérios diferenciados de cidadania. Nesta construção de uma nova civilização, a eugenia, em um primeiro momento, passou a ser imprescindível, tendo em conta que

seja por um traço, seja pela delimitação de muitos detalhes, o fato é que, para esse tipo de teoria, nas características físicas de um povo é que se conheciam e reconheciam a criminalidade, a loucura, as potencialidades e os fracassos de um país (SCHWARCZ, 1993, p.167).

Logo, o progresso estaria associado às sociedades puras, sem miscigenação. No que toca as teorias racistas norte americanas, era apontado que, para o país se tornar um empreendimento viável, seria necessário que brancos de descendência europeia imigrassem para o país em número tal que diminuíssem a importância da raça “colorida”, no que toca o panorama demográfico (CHALHOUB, 1996). A evolução europeia seria, então, um exemplo de conformação racial pura, o que teria levado a um caminho rumo à civilização. Alguns estrangeiros, mesmo sem ter passado pelo país, condenavam a nação em função da suposta degeneração de raças mistas, inclusive pelas suas condições climáticas e vegetação pujante. Todavia, não havia um consenso, no que diz respeito à imagem do país no exterior, de que o Brasil era um país falho e atrasado em função da composição racial e étnica.

As teorias norte-americanas, nos fins do século XIX, eram difundidas no país através de uma estreita relação entre os exercícios físicos, dentre eles o montanhismo, e as instituições militares. Indo ao encontro dessa ideia, a prática do montanhismo se configurava enquanto um importante critério ao se avaliar a preparação física. Cabe ressaltar que, no período analisado, nos Estados Unidos, a procura pelo serviço militar era grande, a preparação dos soldados requisitava dos mesmos um grande preparo físico, sendo os incapazes excluídos. No *Jornal do Commérico* (1898), publicado no Rio de Janeiro, exemplifica estas constatações através de uma notícia que narra o recrutamento e alistamento de um regimento organizado por um comandante chamado Mr. Roosvel. Segundo a notícia da seção “Coisas do Sport”, este regimento “é composto de toda a classe de homens, incluindo estudantes da Universidade de Yale e Havard, policiais de Nova- York, cavaleiros das planícies do sul, membros dos principais clubs da cidade”, destacando que “todos os rapazes da Universidade são esplendidos atletas, exímios nos saltos football e pedestrianismo”. Logo, fica evidenciado que a questão racial, analisada através das teorias estrangeiras se fazia presente, inclusive nas notícias que veiculadas no país sobre a preparação física realizada em instituições militares fora do país, que faziam uso de atividades relacionadas ao montanhismo.

Tendo em vista estas imagens, as elites “brasileiras não passariam incólumes aos ditames que vinham do estrangeiro” (SCHWARCZ, 1993, p.30). Havia, na época uma preocupação em mudar a visão do país, substituindo a mata e a selvageria narradas pelas exposições universais e pelos naturalistas, por uma imagem moderna, industriosa, civilizada e científica. A eugenia era, então, veiculada enquanto fundamental para os destinos da nação pelos cientistas do país, como do exterior, pois

Observado com cuidado pelos viajantes estrangeiros, analisado com ceticismo por cientistas americanos e europeus interessados na questão racial, temido por boa parte das elites pensantes locais, o cruzamento de raças era entendido, com efeito, como uma questão central para a compreensão dos destinos dessa nação (SCHWARCZ, 1993, p.14).

Merece destaque que, desde os anos finais do século XIX, o país era visto como uma nação miscigenada, porém em transição, passando por um processo de embranquecimento. Estas teorias racistas foram incorporadas no país, visto que

A mestiçagem existente no Brasil não só era descrita como adjetivada, constituindo uma pista para explicar o atraso ou uma possível inviabilidade da nação (...) Ao lado de um discurso de cunho liberal, tomava força, em finais do século passado, um modelo racial de análise, respaldado por uma percepção bastante consensual. De fato, a hibridação das raças significava nesse contexto um tumulto (SCHWARCZ, 1993, p.13).

Deve-se pontuar que as teorias raciais chegam tardiamente no Brasil, principalmente, através dos estabelecimentos de ensino e pesquisa, que se constituíam como centro de concentração da pequena elite pensante nacional. As elites intelectuais brasileiras na época, com entusiasmo, adotaram as teorias sociais racistas estrangeiras, fazendo uso destas de maneira original. Nesta originalidade, o Brasil mesclava a teoria evolucionista e monogenismo com os pressupostos darwinistas sociais e poligenista. Através do evolucionismo justificava o predomínio branco e a hierarquia social resistente. Através do darwinismo explicava o branqueamento da população como natural. As teorias deterministas explicavam e comprovavam o atraso do país, condenando a mistura racial (SCHWARCZ, 1993). Portanto, foi construída uma forma de se pensar na qual

o corpo forte, sexual e moralmente regrado, foi medicamente identificado ao corpo branco. Para isso utilizou-se, ordinariamente, a figura do escravo como exemplo de corrupção física e moral. No entanto, outras raças foram episodicamente contrastadas aos brancos para mostrar a superioridade destes últimos (COSTA, 1989, p.208).

Estes cientistas produziam e divulgavam estes conhecimentos nas instituições as quais faziam parte, legitimando e respaldando suas posições. Em diferentes instituições a discussão racial era elemento central, surgindo diferentes teses para sua interpretação. Havia aqueles que faziam o uso do determinismo geográfico, onde as análises das condições climáticas de cada país eram suficientes para avaliar seu potencial de civilização. Para os que defendiam o determinismo racial, a miscigenação das raças era algo negativo. Logo, existiam as raças puras e aquelas que eram mestiças, sinônimos de degeneração racial e social. Os teóricos da raça, respaldados na antropologia de modelo biológico, afirmavam que o cruzamento racial era condenável, a divisão do mundo entre

raças corresponderia a uma divisão entre culturas, e que havia uma preponderância do grupo étnico ou racio-cultural no comportamento do sujeito, conformando-se enquanto uma doutrina de psicologia coletiva, hostil a ideia do arbítrio do indivíduo.

Esses saberes buscavam a eliminação das raças inferiores, resultando em uma espécie de darwinismo social, cujo objetivo era intervir na reprodução das populações, buscando manter características genéticas desejáveis para os filhos da nação. Assim sendo, no Brasil dos anos finais do século XIX e iniciais do século XX,

o movimento de eugenia incentivou, portanto, uma administração científica e racional da hereditariedade, introduzindo novas políticas sociais de intervenção que incluíam uma deliberada seleção social. A eugenia não apenas representava a política social deste modelo determinista, como revelava as incompatibilidades existentes entre o evolucionismo cultural e darwinismo social (SCHWARCZ, 1993, p.61).

A aceitação destes modelos evolucionistas e darwinistas sociais, por parte das elites intelectuais e políticas da época, produziam certa sensação de proximidade com o mundo europeu, bem como de como de confiança de que o progresso e a civilização eram inevitáveis. Porém, a consolidação destes modelos não se deu de forma homogênea e sem embates, uma vez que, ao buscar aplicar tais teorias na realidade brasileira constituía-se um paradoxo. Estes intelectuais da época, entendidos enquanto um misto de cientistas, políticos, pesquisadores, acadêmicos, missionários e literatos buscavam se mover nos limites que a adoção aos modelos estrangeiros permitiam, pois, ao mesmo tempo em que condenavam a miscigenação racial, expunha também as especificidades e fragilidades de uma nação deveras miscigenada (SCHWARCZ, 1993).

Assim, houve uma adaptação de tais modelos teóricos, que conferiam a originalidade brasileira, descrita acima. Alguns autores acreditavam que haveria uma saída plausível para a população brasileira que “não se tratava de seguir o modelo darwinista social e lamentar os efeitos do cruzamento social, e sim de procurar a boa mestiçagem, conseguida mediante o aumento do influxo de sangue branco na população” (SCHWARCZ, 1993, p.170). Dentre as personalidades que defendiam tal posicionamento, destacava-se um dos dirigentes do Instituto Geográfico Brasileiro,

Silvio Romero trazia para as páginas da revista do instituto suas conclusões sobre as características deterministas preponderantes na formação de cada raça. Tomando como suposto inicial que ao elemento branco cabia um papel fundamental no processo civilizatório, Romero, em vez de lamentar a barbárie do indígena e a inépcia do negro, partia para soluções originais: estava na mestiçagem a saída ante a situação deteriorada do país e era sobre o mestiço-enquanto produto local, melhor adaptado ao meio- que recaíam as esperanças do autor (SCHWARCZ, 1993, p.115).

Observa-se, portanto, que com o passar dos anos uma visão pautada exclusivamente pelo embranquecimento da população passou sofrer alterações e incorporar outros elementos. Assuntos como higiene, saúde e educação passaram a figurar como grandes temas das revistas científicas da época, em grande parte em função das epidemias e problemas que assolavam o país. O problema nacional existia, porém, segundo alguns cientistas da época, não era exclusivamente originado por fatores raciais ou étnicos. A higiene encarada como ciência moderna, o braço direito da saúde corporal e da salubridade urbana, pois “suas possibilidades ganharam amplitude, enquanto seu ensinamento tornou-se rotina para as disciplinas escolar, militar e familiar. Por meio da higiene, podia-se regenerar uma raça, fortalecer uma nação” (DEL PRIORE e AMANTINO 2011 p.302). Logo, a questão racial deixa de ser o único foco dos cientistas e passa a figurar a presença da medicina higienista, na qual

A partir da década de 1880, a higiene passou a ser entendida como um instrumento privilegiado de promoção do conforto e do progresso, assim como uma ciência incorporada à assepsia e, portanto, preparada para combater as impurezas invisíveis a olho nú”. “Seu exercícios proporcionariam uma nova autonomia do corpo diante das forças naturais, e sobretudo, uma independência brasileira em relação ao que se considerava, ao mesmo tempo, um passado colonial escravocrata, indolente e atrasado (DEL PRIORE e AMANTINO 2011 p.306).

Logo, “um novo argumento se esboçava. Higienizar o país e educar seu povo, é assim que se corrige a natureza e se aperfeiçoa o homem” (SCHWARCZ, 1993, p.169). Difundia-se, neste período, que a cidade deveria ser

gerida de acordo com critérios unicamente técnicos ou científicos: trata-se da crença de que haveria uma racionalidade extrínseca às desigualdades sociais urbanas e que deveria nortear então a condução não-política, competente, eficiente, das políticas urbanas (CHALHOUB, 1996, p.21).

Em função do progresso técnico e científico os hábitos de higiene foram sendo modificados. Logo, “o higienismo como fonte de progresso se desenvolveu nos trópicos, apoiado pelo desejo de modernizar as cidades e os costumes. Essa modernização que carregou descompassos significativos em seu bojo, pois o crescimento de diversas capitais brasileiras não foi acompanhado por uma estrutura de saneamento adequada” (DEL PRIORE e AMANTINO, 2011, p.235).

Assim,

Nas grandes cidades a entrada desse ideário científicista difuso se faz sentir diretamente a partir da adoção de grandes programas de higienização e saneamento. Tratava-se de trazer uma nova racionalidade científica para os abarrotados centros urbanos, implementar projetos de cunho eugênico que pretendiam eliminar a doença, separar a loucura e a pobreza (SCHWARCZ, 1993, p.34).

Deve-se pontuar que a higienização da população não poderia ser através de sanatórios, uma vez que esta afetava a questão econômica. Logo, a solução foi de caráter público e coletivo. (DEL PRIORE e AMANTINO, 2011). O discurso científicista da higiene e da eugenia, de maneira “neutra”, pretendia pairar acima dos homens e para além da moral, sempre se tratando de decisões políticas no que diz respeito ao direcionamento dos benefícios das iniciativas da administração pública, visando sempre o progresso e a civilização (CHALHOUB, 1996). Havia, portanto, uma preocupação com “a construção de um ideal eugênico constituía o argumento central do ensaio, que previa a possibilidade de um ressurgimento da raça” (SCHWARCZ, 1993, p.215). Para tal, “com o fortalecimento de uma prática higienista vinham os novos projetos. Não bastava debelar os surtos. Era preciso evitar sua disseminação e impedir que a população enfraquecida e despreparada fosse vítima de moléstias oportunistas” (SCHWARCZ, 1993, p.226). Assim,

A higiene, inicialmente, excitou a atenção dos indivíduos para com suas próprias particularidades físicas e morais com o propósito explícito de combater a doença. A teoria da inter-relação entre o físico e o moral permitia essa oscilação do olhar médico do corpo ao sentimento (COSTA, 1989, p.142).

Logo, em decorrência de tais pensamentos, voltando seu olhar para o corpo e para os sujeitos,

A higiene conseguiu impor a família uma educação física, moral, intelectual e sexual, inspirada nos preceitos sanitários da época. Esta educação, dirigida sobretudo as crianças, deveria revolucionar os costumes familiares. Por seu intermédio, os indivíduos aprenderiam a cultivar o gosto pela saúde, exterminando, assim, a desordem higiênica dos velhos hábitos coloniais (COSTA, 1989, p.12).

Neste sentido, as notícias veiculadas pela imprensa carioca no início do século XX estavam arraigadas em uma ideologia acerca da consciência nacional que era marcada pela

insistência dos higienistas em defender a sociedade, a humanidade, a pátria ou demais eufemismos encontrados para designar o Estado agrário. Entretanto, esse amor ao país não era uma simples replica dos programas médico-políticos europeus. Tampouco eram simples enunciados abstratos desvinculados da realidade. A ação patriótica da higiene não era uma copia-carbono da política. Não era um simples efeito de intromissão do político no científico. A ciência fazia parte da política. Era um dos seus momentos. Uma de suas estratégias específicas (COSTA, 1989, p.210).

Portanto, a manutenção da ordem passou a ser percebida como algo pertencente à esfera do poder público e de suas instituições específicas de controle (CHALHOUB, 1996). Logo, diversas foram as estratégias, que tinham como objetivo “curar um país enfermo, tendo como base um projeto medico-eugênico, amputando a parte gangrenada do país, para que restasse uma população de possível perfectibilidade” (SCHWARCZ, 1993, p.190). É válido ressaltar que “a violência seria presença marcante nesse processo. Ainda mais que naquele momento a postura das classes dominantes era mais de coerção do que de direção intelectual ou moral” (DEL PRIORI e BASSANEZI, 2001, p.363).

Estratégias eugênicas e higienistas

A cidade do Rio de Janeiro, visando atingir os ideais de urbanidade e modernização, passou a ressignificar o espaço urbano, no qual o interesse público,

controlado pelas elites dominantes, começa a governar o uso destes espaços. Neste sentido, uma série de medidas higiênicas foram tomadas pelo Estado. Medidas estas que contribuíram para uma nova forma de se enxergar a vida social urbana, fundamentada nos discursos médico-higienista. Estes discursos, pautados em novos valores, foram os pilares para a construção de um novo modo de vida familiar e de higiene (DEL PRIORI e BASSANEZI, 2001).

Buscando garantir a dominação do padrão após a abolição da escravatura, a teoria da suspeição generalizada foi uma primeira intervenção na busca de moldar estas classes perigosas. Neste novo projeto de ordenamento social, esta teoria, onde os próprios trabalhadores passaram a propagar estes ideais de civilização e progresso, sendo responsáveis e reprodutores, neste processo. Para que se chegasse a esse ideal de progresso e civilidade, profundas transformações deveriam ser realizadas nas formas de morar, vestir, trabalhar, se divertir, curar, de modo a adotar, em especial, a cultura europeia. No contexto das estratégias eugênicas e higienista, a

ética da limpeza, saúde e beleza se torna a contrapartida do amplo processo de industrialização, com seus efeitos de poluição, toxidez, deslocamentos e migrações forçadas, difusão da miséria, degradação das condições de habitação e de sobrevivência, intensificação das tensões sociais e disseminação da violência em nível individual ou organizado. Como uma compensação simbólica para a insegurança das classes dominantes e grupos ascendentes, nesse momento de grandes transformações econômicas e sociais, esse sistema de valores se dissemina por todas as áreas atingidas pela constituição do mercado em escala mundial (SEVCENKO, 1998,p.571p).

Logo, a responsabilidade pelo atraso nos rumos da sociedade carioca a civilização era explicado pela baixa difusão e ocorrência das medidas higiênicas de cunho físico, moral e intelectual (CHALHOUB, 1996). Esta “neutralidade” científica que embasava as decisões administrativas possuía relação direta com a violência contra os cidadãos, sendo que em grande parte dos momentos não havia qualquer tipo de negociação para com a parcela excluída da população. O combate às doenças, que visava tal embranquecimento, inspirados pelas teorias raciais europeias e norte americanas, tinha como foco mudar o ambiente, eliminando paulatinamente a herança afriacana (CHALHOUB, 1996). Na visão de Costa (1989), “Neste sentido uma das mais importantes conquistas do movimento higienista foi a imposição da figura do médico à

família. Fazendo-se adotar por esta instituição, o medico combatia o desprestigio social de que era vítima e produzia uma nova fonte de benefícios econômicos” (COSTA, 1989, p.77).

Nos rumos da “civilização”, as classes pobres, e tidas como perigosas, estavam intimamente ligadas, pertencentes a uma mesma realidade, que deveria ser combatida pelas políticas públicas, tendo em vista o progresso da nação. Uma destas medidas diz respeito à tentativa de tirar as classes populares das regiões centrais, que tinha como um de seus objetivos desarticular os movimentos sociais e suas memórias recentes. Mais especificamente

em relação ao Rio de Janeiro, face ao seu estatuto de capital da República e cidade mais populosa do Brasil,urgia acelerar o seu projeto de modernização, tornando-a cartão de visitas do progresso alcançado por todo o país. A derrubada dos cortiços das áreas do centro afigurava-se como indispensável, inclusive, porque eram considerados focos das epidemias que, periodicamente, infestavam a cidade. A medicina e os interesses econômicos uniram-se no proposito de transformar a velha cidade numa metrópole moderna que deveria atrair capitais e homens estrangeiros (DEL PRIORI e BASSANEZI, 2001, p.364).

A expulsão da população pobre do centro da cidade, por meio do “bota-abaixo” higiênico de moradias insalubres próximas a áreas de comercio, serviço e pequena indústria, provocou o crescimento das áreas mais afastadas, em especiais os subúrbios, áreas residenciais e industriais que se constituíam ao longo da malha ferroviária, assim como das favelas (FONSECA, 2008). Fica claro, então, que existia uma aliança entre a ciência e o capital, evidenciado também através da associação entre higienistas e agentes imobiliários, sendo este fato essencial para compreender as transformações urbanas radicais do inicio do século XX no Rio de Janeiro. As transformações urbanas deveriam ter o compromisso com a melhoria das condições de vida de uma grande parte das pessoas, em especial as classes perigosas, composta majoritariamente por negros, envolvendo a melhoria das condições de salubridade pública. Porém, boa parte destas medidas serviu apenas para afastar as classes pobres/perigosas das regiões centrais da cidade, algo como mascarar a realidade, varrendo a sujeira para debaixo do tapete, onde não poderia ser vista ou incomodar. Ao se pensar nesta “sujeira”, vistas pelos intelectuais da época, algumas doenças eram associadas à população negra, tais como

varíola, febre amarela e tuberculose (CHALHOUB, 1996). Deste modo, “a distancia entre o progresso técnico almejado por diversos brasileiros e a realidade das ruas e moradias da maior parte da população parecia não ter fim” (DEL PRIORE e AMANTINO, 2011p.287).

As classes menos favorecidas também eram perseguidas uma vez que o perigo social representado pelos pobres surgia no imaginário político brasileiro como uma doença perigosa, as classes perigosas se reproduziam, e estas crianças pobres continuavam expostas aos vícios dos pais. Logo, “a noção de pobreza de um individuo era fato suficiente para torna-lo um malfeitor em potencial teve enormes consequências para a história de nosso país” (CHALHOUB, 1996, p.23). Assim, havia um processo de expropriação de praticas e conhecimentos desta classe, desqualificando tais saberes, onde as classes populares não possuíam liberdade para discorrer sobre as enfermidades, uma vez que estes se consideram ignorantes frente à medicina legal (DEL PRIORE e AMANTINO, 2011).

A tolerância da população para com as práticas e concepções sobre doença e cura já não se fazia presente, uma vez que, estas estavam associadas ao conjunto de transformações ocorridas na politica de dominação, e nas relações de classe, do Rio de Janeiro. Na época ocorreram medidas higienistas para privar a classe trabalhadora da possibilidade de práticas culturais e políticas autônomas, sendo

Seus sinais são visíveis por toda parte na multiplicação das publicações, códigos e campanhas destinados a abolir as práticas e materiais considerados passíveis de acumular sujeiras e propor novas soluções, equipamentos e produtos de cunho profilático e efeito higiênico” (SEVCENKO, 1998, p.575).

A política de controle de determinadas doenças, como a febre amarela, bem como o embranquecimento da população faziam parte da reconstrução das relações trabalhistas no país, integrando este processo. Ao se problematizar a preocupação em preparar a sociedade de modo a tornar os cidadãos para realizar trabalhos difíceis, como a realização de pesquisas e levantamentos estatísticos acerca da vida econômica e industrial, era destacado que poucos indivíduos poderiam ser considerados aptos fisicamente para realizar tais empreendimentos. Era questionado que a população não

possuía “estrutura physica necessária para o realizar, apesar dos diversos sports de força, largamente cultivados de há dez annos a esta parte vieram preparando uma geração forte, pelos exercícios” (A NOTICIA, 1906). Esta busca por uma população mais forte e apta era vista como um sinal de modernização da sociedade.

Na busca em modernizar a sociedade e preparar os indivíduos para o trabalho, em especial no setor industrial e de comércio, os indivíduos das classes dominantes se viam preocupados com os problemas decorrentes da abolição da escravatura, o que incorria diretamente nos hábitos cultivados pelos brasileiros, e principalmente o combate e repressão à ociosidade. A ociosidade era vista como nociva a uma nação cujo capitalismo estava em fase de instauração e consolidação, tornando aqueles que cultivavam tal hábito, em especial os negros, cidadãos suspeitos e que deveriam ser combatidos,

Na própria discussão sobre a repressão a ociosidade, que temos citado, a estratégia de combate ao problema é geralmente apresentada como consistindo em duas etapas: mais imediatamente, cabia reprimir os supostos hábitos de não-trabalho dos adultos; a mais longo prazo, era necessário cuidar da educação dos menores (CHALHOUB, 1996, p.29).

Inclusive, através das escolas, combatia-se esta ociosidade, tendo em vista que

Simultaneamente ao controle do ócio, inculcia-se no espirito das crianças a dimensão utilitária do tempo. Tempo não se perdia. Desperdício de tempo equivalia a desperdício de forças. A inculcação nos jovens dos valores típicos do universo urbano, capitalisticamente mais desenvolvido, era evidente (COSTA, 1989, p.184).

Buscando a difusão do higienismo junto à classe trabalhadora, os legisladores passaram a traçar estratégias indiretas nesta luta, como proibição de acesso a empregos públicos ou estabelecimentos de ensino, para aqueles que não estivessem dentro deste padrão higiênico, além das já difundidas e agressivas invasões as habitações populares. Logo, inúmeras foram as lutas da classe trabalhadora buscando defender os valores e modos de vida que estavam ameaçados por todo este processo. Estas lutas e revoltas possuíam, em certo ponto, um caráter moral, na medida em que ia contra a invasão do lar e da ofensa a honra da família brasileira ao obrigar determinadas medidas sanitárias

(CHALOUB, 1996). A tuberculose foi um dos motivos, para as lutas destes movimentos sociais, visando a construção de infraestrutura sanitária básica, diminuindo a mortalidade e garantindo direitos dos trabalhadores (DEL PRIORE e AMANTINO, 2011).

Conforme já descrito acima, o conceito de civilização adotado na época, que passava pelo um ideal de embranquecimento da população, resultou na adoção de medidas necessárias para viabilizar a entrada maciça de imigrantes europeus no país. Este estímulo à imigração visava, dentre outros, reverter um quadro de fraqueza da população, cujas causas apontadas eram: o clima quente e enervante; a escravidão, facilitando a ociosidade das classes mais necessitadas; a longa paz, em função da ausência de combates e ataques externos; a carência de lutas civis, em decorrência da política; e a educação nada viril; e a ausência de hábitos de exercício, de luta, de cultura e de demonstração de força (JORNAL DO BRAZILb, 1891; CHALHOUB, 1996). Estes estímulos, governamentais e das elites, tinham relação direta com: ao fim do trabalho escravo, o que gerava a necessidade de mão de obra a baixo custo e qualificada, em especial nos setores agrícolas; a emergência do setor industrial e de comércio, fazendo com que determinados ramos de comércio necessitassem de mão de obra específica; a difusão dos ideais higiênicos e eugênicos da raça, na busca de tornar o povo brasileiro mais forte e qualificado; e a difusão de costumes e hábitos europeus, necessários a uma nação moderna e civilizada.

Contudo, engana-se quem acreditava que a imigração era inicialmente pensada apenas com pessoas advindas do continente europeu. O Brasil buscou realizar acordos de imigração para fornecer braços às lavouras, especialmente com a China. No entanto, alguns entraves comerciais, bem como a abolição da escravatura fizeram com que estes acordos não prosperassem (GAZETA DE NOTÍCIASb, 1909). Assim sendo, no que toca a imigração para suprir o problema agudo de mão de obra no início do século XX, não existia apenas uma questão racial, ao limitar, e em alguns casos não permitir a entrada, para além dos que aqui já residiam, de africanos e asiáticos, mas também a aceitação de hierarquias existentes no continente europeu, como a proibição de trabalhadores da Europa Central, em função da significativa população miscigenada. Em boa parte, isto se deve ao fato de que as elites tomavam para si a tarefa de promover a imigração europeia, inclusive lutando por leis restritivas a entrada de populações

amarelas e negras, visando o final destes grupos considerados selvagens que se tornaram, com o tempo, degenerados, o que nos leva a crer que

no que se refere a esfera política, o darwinismo significou uma base de sustentação teórica para práticas de cunho bastante conservador. São conhecidos os vínculos que unem esse tipo de imperialismo europeu, que tomou a noção de seleção natural como justificativa para a explicação do domínio ocidental, mais forte e adaptado (SCHWARCZ, 1993, p.56).

Estes grupos não sofriam com o preconceito não apenas por parte desta elite dominante, uma vez que

Os europeus recém-chegados ao país tinham em comum com os brancos nativos o mesmo desprezo para com os negros. Mas, além disso, trouxeram consigo a repulsa e a intolerância ao convívio próximo a eles. O tipo de preconceito racial na Europa não suportava com a mesma facilidade brasileira o contato com negros e mestiços (COSTA, 1989, p.125).

Visando estimular a imigração, e a difusão da imagem do país junto ao exterior, existiam aqueles que advogavam uma melhor comunicação entre o Brasil e a Europa, pois “ha apenas 15 anos começou a imigração no Brasil e que já contamos, sem fallar no milhão de portuguezes, com um milhão e meio de italianos, setecentos mil allemães, duzentos mil hespanhóes” (JORNAL DO BRASILh, 1904, p.1). Esta comunicação, a preços acessíveis, contribuiria para a modernização do país, através da difusão dos hábitos e costumes europeus, bem como a divulgação da transformação em curso no país para os países da Europa, o que poderia resultar num aumento no número de imigrantes europeus (JORNAL DO BRASILh, 1904). Tendo em vista os resultados deste estímulo à imigração, pode-se constatar que

O Rio de Janeiro era, do ponto de vista das nacionalidades, uma cidade internacional – cerca de 29,70% da população que nele habitava era estrangeira. Dentre os estrangeiros, figuravam em primeiro lugar os portugueses, seguidos dos italianos, espanhóis, africanos (sem distinção de país de origem) e franceses (FONSECA, 2008, p.100).

Um dos fatores que contribuiu para o desenvolvimento do montanhismo, no Brasil, foi a chegada destes estrangeiros, tanto para realizar turismo, quanto para residir. Com um aumento do número de estrangeiros circulando no país, houve um aumento das trocas culturais entre brasileiros e europeus, fazendo com que alguns hábitos passassem a ser divulgados e difundidos. Neste sentido, muitos foram os hábitos “importados”, dentre eles o montanhismo, apontado na época como um dos exercícios essenciais na “educação physica” do homem. Isto se deve ao fato do “andar a passo” ser o mais difícil de todos os exercícios pedestres,

porque é o que demanda mais energia physica e moral, mais supportabilidade, e enfim, como dizem os sportmen, mais condição. Para andar a passo é preciso saber por em movimento perfeitamente harmônico todo o systema muscular: o das pernas e dos rins para a locomoção; o das costellas, das espadas, do thorax, do abdômen e dos braços, para aliviar o peso do corpo sobre os calcanhares (GAZETA DE NOTICIAS, 1872, p.1).

No Rio de Janeiro era comum o hábito de receber montanhistas americanos, que, segundo a imprensa carioca da época, costumavam circular “formando innumerous bandos de cavalheiros, senhoras, todos mettidos em roupas de brim branco” (A EPOCA, 1915, p.3). A veiculação destas notícias parecia estar associada ao modo de se apresentar perante a sociedade, sendo o uso de determinadas vestimentas deveria ser difundido tendo em vista que “em meio a paisagem social e cultural da limpeza no século XIX, destacava-se a necessidade, igualmente aceita em outras sociedades, de se apresentar com roupas asseadas em ocasiões especiais, como festas e serimonias. Atestado de boa educação, tal atitude testemunhava a seriedade da alma e a retidão do caráter” (DEL PRIORE e AMANTINO, 2011,p.292).

Existiam aqueles que, ao publicar notícias referentes ao montanhismo, diferenciavam as características dos montanhistas, em função de sua nacionalidade, na qual os ingleses eram relatados como eximes alpinistas, uma vez que o alpinismo era um dos esportes de predileção destes (A NOITE, 1911). As inglesas também merecem destaque, enquanto os principais turistas que realizavam o montanhismo. Para além dos ingleses, os italianos, austríacos, russos e americanos também eram considerados grandes montanhistas, sendo que cada conquista de um montanhista representava também a glória para toda uma legião de montanhistas desta mesma nacionalidade

(FON FONc, 1913). A imprensa brasileira, em certos momentos, reproduzia certa hierarquia no que diz respeito às formas de representações dos europeus tanto nas notícias sobre acontecimentos realizados no Brasil e no exterior. Este fato pode ser ilustrado através da forma com que eram relatados os montanhistas de alguns países europeus, onde

turistas alemães, solidamente calçados, a calça de dentro das polainas, uma pequena mochila às costas, movimentos livres, passo lento, que chegam ao albergue, à noite, cansados mas felizes. Uma noite bem dormida repara-lhes as forças e, restaurados, partem na manhã seguinte. Os ingleses não lhes são inferiores. Casais, levantados ao romper da aurora, como o itinerário previamente traçado, partem a pé, vendo do país tudo quanto pode ser visto por pouco dinheiro, com bons olhos e boas pernas. Os franceses, em geral, são menos resistentes (JORNAL DO BRASILb, 1903, p.1).

Intervenções sociais e educação física

A partir do contexto apresentado acima, pode-se observar que, no Rio de Janeiro do início do século XX, começam a tomar força projetos que visavam o saneamento da cidade, propondo medidas diretas de intervenção social. Neste momento de profundas transformações pela qual a cidade passava

ao mesmo tempo que se pregavam valores burgueses, eram reforçados preconceitos de classe e raça. O papel do médico foi fundamental nessas modificações. Higienistas, positivistas, correntes ilustradas, todas as vertentes de pensamento tentavam redefinir os comportamentos (DEL PRIORI e BASSANEZI, 2001,p.429).

Logo, os alvos são muitos, tais como: igrejas, escolas, portos, locais públicos, cemitérios e a família (SCHWARCZ, 1993). No que diz respeito à igreja Costa (1989) afirma que “manipulando a religião, a medicina insinuava-se no espaço moral e lançava as bases para uma educação higiênica” (p.66). É válido recordar que

Durante o Império, e mais ainda no início do período republicano, a medicina higiênica tem um caráter de polícia médica (...). Desde o início a medicina

institucional, em suas várias formas, pretendia interferir no organismo social, cuidar da saúde da cidade e dos indivíduos (DEL PRIORI e BASSANEZI, 2001,p.430).

Neste processo, “a medicina social, através da política higiênica, reduziu a família a este estado de dependência, recorrendo, o que é mais significativo, a argumentos semelhantes aos atuais” (COSTA, 1989, p.12). Os hábitos, com o auxílio da igreja e da família, passaram a ser moralizados, através orientações relativas à alimentação e a higiene, controlando os desvios e evitando a degeneração (SCHWARCZ, 1993). Portanto,

A vida privada dos indivíduos foi atrelada ao destino político de uma determinada classe social, a burguesia, de duas maneiras historicamente inéditas. Por um lado, o corpo, o sexo, e os sentimentos conjugais, parentais e filiais passaram a ser programadamente usados como instrumentos de dominação política e sinais de diferenciação daquela classe. Por outro lado, a ética que ordena o convívio social burguês modelou o convívio familiar, reproduzindo, no interior das casas, os conflitos e antagonismos de classe existentes na sociedade (COSTA, 1989, p.13).

Além destes mecanismos de intervenção social,

a filantropia, a assistência social e a medicina concertaram-se para manobrar os laços de solidariedade familiar e usa-los, quando preciso, na represália aos indivíduos insubordinados e insatisfeitos. Essas intervenções demográficas, junto aos ricos e demográfico-policiais sobre os pobres permitiam a proliferação e a liberação de uma mão-de-obra politicamente dócil para o livre jogo do mercado de trabalho. A ação médico-filantropico-assistencial conduzia a vida privada sem desrespeitar o pacto social (COSTA, 1989, p.52).

Neste sentido, o cuidado higiênico com o corpo fez com que o preconceito racial se tornasse um elemento essencial da consciência burguesa. Esta consciência se julgava superior às demais raças e classes inferiores economicamente. Logo, é realizada uma avaliação pejorativa dos sujeitos mal nascidos. Ao se pensar nestes sujeitos que não possuíam berço privilegiado passaram a ser enxergados de maneira diferenciada pelos higienistas pois

reduzida a condição de fator patogênico, a família encontrava-se, enfim, preparada para sofrer a intervenção médica. Intervenção que revelava os segredos da vida e da saúde infantis, ao mesmo tempo em que prescrevia a boa norma do comportamento familiar dos adultos. Na família higiênica, pais e filhos vão aprender a conservar a vida para poder coloca-la a serviço da nação (COSTA, 1989, p.173).

A criança passou a figurar, portanto, enquanto um dos elementos fundamentais na construção da nação. Neste sentido, os cientistas voltaram suas reflexões para esta fase da vida, pois

A maneira como o individuo tinha sido tratado na sua infância era determinante de suas qualidades corporais e morais quando adulto. Uma criança submetida a uma má amamentação; a uma alimentação insuficiente; a falta do exercício; a um regime anti-higienico do vestuário; ou ainda, a castigos brutais; a falta de amor parterno e materno ; ao medo provocado por historias de fantasmas, duendes, lobisomens etc... seria um adulto fraco de caráter, pusilânime, possuidor de uma saúde física e moral extremamente precária. Uma criança bem cuidada, pelo contrario, tornar-se-ia o perfeito adulto higiênico (COSTA, 1989, p.144).

Existia toda uma preocupação com a infância e a mocidade para uma higiene inteligente, o que levaria a preparação para homens fortes (JORNAL DO BRAZILb, 1891). Na virada do século XX, os médicos higienistas alertavam sobre a necessidade da realização de ginastica para crianças, uma vez que a educação física nesta fase da vida era negligenciada pelas instituições de ensino brasileiras (PEREIRA, 2000). Ao se pensar mais profundamente nas intervenções realizadas tendo em vista a criança, existia por trás um panorama mais amplo no qual,

O conjunto de interesses médico-estatais interpôs-se entre a família e a criança, transformando a natureza e a representação das características físicas, morais e sociais desta ultima. As sucessivas gerações formadas por essa pedagogia higienizada produziram o individuo urbano típico do nosso tempo. Individuo física e sexualmente obcecado pelo seu corpo; moral e sentimentalmente centrado em sua dor e seu prazer; socialmente racista e burguês em suas crenças e condutas; finalmente, politicamente convicto de que da disciplina repressiva de sua vida depende a grandeza e o progresso do Estado brasileiro (COSTA, 1989, p.214).

A educação teve papel fundante neste processo, polindo, reprimindo e disciplinando o corpo de modo a desenvolver o ideal do gentlemen europeu, as custas de uma tendência de autoculpabilização, característica marcante do sujeito civilizado e aburguesado (COSTA, 1989). Conforme difundido pela imprensa, a escola teria papel central na criação de bons hábitos e ao forjar o futuro da nação, na qual “a moda higiênica começou a penetrar nas escolas e contribuiu para a promoção da Educação Física” (DEL PRIORE e AMANTINO 2011 p.304). Em notícia veiculada pelo jornal “O Século” de 28 de Agosto de 1915, é relatado uma prova de pedestrianismo voltado para adolescentes acima dos 16 anos. No referido raid, os alunos das diversas escolas da capital, deveriam estar fardados e seguir a risca uma norma de conduta rígida e vigiada por juízes, que tinha como medidas: começar a prova “impreterivelmente as 7 horas, após o terceiro sinal da grande sineta”; “não será permitido o descanso”; e “será desclassificado incontinentemente aquele que usar de meios fraudulentos como trancar, empurrar e calçar” (O SECULO, 1915, p.8). Fica claro, então, preocupações referentes ao respeito às regras e ao cumprimento do horário, a não permissão de descanso durante as atividades, bem como a forma de se relacionar com os demais participantes. Estas preocupações, se analisadas com mais cuidado, poderiam representar uma das formas encontradas para docilizar estes corpos para o mercado de trabalho, bem como para uma civilidade esperada para as demais esferas da sociedade. Assim sendo, são forjadas “estratégias de controle corporal e de preparação de um “corpo saudável”. Atende a essas dimensões a criação dos métodos ginásticos, e de uma disciplina escolar específica, a educação física, já identificáveis em alguns países europeus desde as décadas finais do século XVIII” (MELO E PERES, 2014, p.33).

No contexto de preparação deste corpo saudável, algumas escolas sofriam à medida que “tantas escolas existem para estragar bons animaes e crear pedantes rachiticos, myopes e calvos, barrigudos, cambados, de espinha torta, de cabeça a banda, uns tremelicantes, outros reboludos, todos pegajosos” (GAZETA DE NOTICIAS, 1892 p.1). Ao se aprofundar

Deste modo,

A importância dos colégios para o movimento higiênico nasceu deste déficit nacionalista dos estabelecimentos de ensino. Os médicos perceberam a dimensão do fenômeno. O colégio não devia ser apenas o local de

afastamento da família. Seu interior não podia continuar repetindo os padrões de educação familiar. A desordem que caracterizava a organização doméstica não podia reproduzir-se dentro dele. A higiene propôs-se a suprir as deficiências políticas dos diretores, ditando as regras de formação do corpo sadio do adulto e da consciência nacionalista. O enquadramento disciplinar da criança teve seu horizonte nesta sociedade ordenada conforme as aspirações dos médicos (COSTA, 1989, p.181).

Observa-se que a escola fazia parte de uma estratégia higienista que visava: a medicalização do espaço urbano; fazer com que as crianças aprendessem o comportamento social burguês; gerar uma ética compatível com as mudanças econômicas, através da aceitação do valor do trabalho e do respeito à propriedade privada; estimular o gosto pela atividade física, de modo a gozar dos benefícios e dos prazeres físicos (COSTA, 1989). Havia, ainda, questionamentos, de como não ocorrerem seminários específicos para educar estes homens, e da não é obrigatoriedade em todas as escolas do mundo do ensino da marcha, uma vez que se trata de uma atividade tão útil como a leitura e a escrita (GAZETA DE NOTÍCIAS, 1892).

A importância do enquadramento disciplinar do corpo não era posta em cheque, e os médicos viam na educação física um fator essencial na transformação social, tendo em vista que “o benefício e a utilidade comuns são o objetivo principal da ginástica; a prática de todas as virtudes sociais, de todos os sacrifícios mais difíceis e generosos são seus meios; e a saúde, o prolongamento da vida, o melhoramento da espécie humana, o aumento da força e riqueza individual e pública são seus resultados positivos” (COSTA, 1989, p.179). Complementando este pensamento, Ramalho Ortigão afirma que “nos países sem cultura física, a grande maioria da gente não anda a passo, nem anda a trote, nem anda por nenhum dos sistemas até hoje classificados” (GAZETA DE NOTÍCIAS, 1892). Deve-se destacar que a imprensa local afirmava que no Brasil haviam poucos divertimentos públicos e que “nossos rapazes são rachíticos e a raça no Brasil está muito degenerada fisicamente” (NOVO MUNDO, 1874, p.139). Quando comparados aos povos europeus, o brasileiro necessitava, para a elite dominante da época, ainda mais desta regeneração física tendo em vista a sua mestiçagem, remediada através da educação física, sendo esta uma das principais bandeiras de luta dos higienistas da época (PEREIRA, 2000). Visando alcançar tais fins, a valorização da ginástica e dos diferentes ramos do esporte

tem a ver com a expectativa de vinculação entre os domínios físico, moral e intelectual no processo de formação da juventude. Por outro lado, a importância que o assunto passa a ter, por suas possíveis contribuições ao corpo per se, esta associada ao processo cada vez mais intenso de construção e legitimação do saber médico-científico, ao surgimento da ideologia da higiene (MELO E PERES, 2014, p.168).

A educação física era percebida, inclusive pela imprensa, como sendo algo negligenciado por certos governos, como o brasileiro. Em contraponto, é apresentado o caso do governo espanhol que investia neste tipo de educação. Segundo o jornal Gazeta de Noticias (1892), em Madrid havia uma comissão de professores oficialmente encarregada de investigar os jogos tradicionais espanhóis, com o intuito de estabelecer nas escolas espanholas uma base para o atletismo espanhol. O governo brasileiro buscou, na época, a opinião de especialistas para justificar a inserção dos exercícios ginásticos, inclusive no âmbito da escola, pois na medida em que a prática era domínio do saber médico, o próprio poder e autoridade do estado eram legitimados.

Pode-se constatar que apesar das oposições, a febre do esporte e da educação física ganhavam, no início do século XX, status de verdade inquestionável, com benefícios mil vezes repetidos (PEREIRA, 2000). Neste sentido, muitas foram as tentativas de se sistematizar o conhecimento a ser transmitido para os filhos da nação, no que diz respeito a educação física, todavia, parecia haver um consenso de que

Os exercícios físicos deveriam ser prescritos em função da faixa etária e das características sexuais das crianças. Comum a todas elas, porém variando de intensidade e complexidade segundo as características citadas, só a ginástica. Este tipo de exercício era definido como uma série de movimentos simples e combinados, dispostos em uma certa ordem e próprios para fazerem desenvolver gradualmente peças de que se compõem o nosso organismo (COSTA, 1989, p.184).

Ao se pensar nos diversos tipos de exercício físico desenvolvidos no âmbito escolar, era pontuado que nas aulas de educação física “além da ginástica haviam os exercícios específicos. Alguns visavam desenvolver certos órgãos dos sentidos como a visão e a audição. Outros atendiam aos preceitos da elegância e, portanto, variavam conforme os sexos” (COSTA, 1989, p.185). Todavia, era consenso que a prática de exercícios físicos era fundamental, para a nação em vias de construção, dentre eles o montanhismo, pois através deles seria capaz de

adquirir a resolução, a energia, o vigor e a força, que nos faltão. É ella que nos póde dar, com a consciência do nosso valor pessoal, a confiança em nós mesmos. São elles que podem, robustecendo-nos, garantir à nossa raça a possibilidade de poder lutar com vantagem contra os elementos estrangeiros, que nos invadem (JORNAL DO BRAZIL, 1891, p.1).

Neste processo de transmissão de valores e formas de pensar a educação física brasileira, os modelos de exercícios físicos eram marcados pela forte influencia europeia, através dos métodos ginásticos, e do modelo esportivo inglês. Nestes modelos europeus

A adequação dos exercícios as particularidades dos corpos servia de modelo a adequação dos conhecimentos intelectuais e da educação moral respectivamente ao intelecto e ao espirito. Da mesma forma que os exercícios violentos ou excessivos prejudicavam a criança, também os choques morais ou o esforço intelectual exorbitante sacrificavam a boa evolução (COSTA, 1989, p.186).

Portanto, observa-se que o eurocentrismo ocorria através do poderio econômico, militar, político e também cultural europeu, e no que diz respeito à educação, e em especial a educação física. Neste sentido, o “caráter salvador atribuído ao exercício físico no período alimentava o surgimento das diversas associações, que faziam do esporte uma arvore de vários ramos” (PEREIRA, 2000, p.50). E é neste contexto que a prática de educação física passa a ser obrigatória nas escolas. Porém, a grande febre dos exercícios físicos não se dava exclusivamente nestes ambientes, as pessoas passam também a se exercitar voluntariamente em clubes, academias, agremiações e na própria residência. (SEVCENKO, 1998).

O montanhismo no contexto de outras práticas corporais institucionalizadas

No que toca as práticas corporais institucionalizadas, deve-se ter clareza que estas não eram neutras, mas sim marcadas por uma sociedade dividida em classes. Neste sentido, a aliança entre estas práticas e o capital se fazia evidente na medida em que serviam para preparar os indivíduos para o mercado de trabalho e para recuperar forças

para trabalhar. Desde 1864 havia, inclusive, competições excêntricas, tais como a staponderologia, que buscavam, nos momentos de lazer, o descanso do cidadão. Estas se distanciam das práticas já consolidadas uma vez que

Não se trata já de corridas, de pedestrianismo, de barcos e de hyates, nem de nenhum outro exercício; os premios só terão por fim animar a virtude do descanso”, onde “o que ganhar será aquelle que poder passar o maior numero de horas sentado socegradamente, sem se mecher (O PAIZ, 1864, p.3).

A apropriação do capital acerca das práticas corporais, por meio da indústria cultural, em alguns casos, era apontada como algo nocivo, que desprestigiava a coragem, força e destreza para funcionar enquanto um meio de negócio, o que levava a população a uma desmoralização dos costumes, estimulando maus hábitos, como o jogo de apostas, uma falsa luxuosidade e desagregação. (JORNAL DO BRAZILb, 1891). Deve-se compreender que as apostas, inicialmente, tiveram rápida popularização, e o campo esportivo estava aliado a esta tendência, de modo que os dois se promoviam mutuamente. Estas estavam associadas à ideia de ganhar dinheiro, um meio de ascensão social, capaz de fazer com que pessoas conseguissem superar as condições de vida as quais estavam submetidas. Neste sentido, surgiram diversas casas de apostas ao longo do século XIX, bem como de profissionais voltados para estes mercados. Porém, estes agentes responsáveis pelo jogo, eram constantemente associados ao não pagamento dos apostadores, bem como de forjar os resultados esportivos, o que tornaram esta prática mal vista, e, inclusive, uma cobrança em relação às autoridades, em especial a polícia, para auxiliar neste controle (MELO, 2001).

Outro caso apontado pela literatura seria o hábito de andar a pé no Brasil. É veiculado que o enfrentamento junto as empresas de bondes seria um possível empecilho no desenvolvimento deste salutar hábito, visto que estas empresas ganhavam boas quantias de dinheiro e que possivelmente com a difusão do montanhismo perderia boa parte de seu público, pois boa parte dos que utilizavam os bondes poderiam praticar o montanhismo (NOVO MUNDO, 1874). Observa-se que, nos anos finais do século XIX e iniciais do século XX, as praticas corporais estavam nos passos iniciais para a consolidação da construção de hábitos saudáveis, defesa das fronteiras, construção das identidades, e a organização da sociedade civil (MELO E PERES, 2014). Existiam

embates quanto ao melhor método para se buscar o aprimoramento da nação e a difusão dos ideais burgueses. A prática desportiva era criticada, na qual existia a

falta de preceito judicioso que regule a preferência dos amadores pelos desportos. Eles se deixam levar quasi sempre pela moda ou pela phantasia individual, animados ainda mais pelo amor próprio, pela sede de glorias com a aquisição de custosas medalhas, pelos resultados victoriosos de concursos rivaes em que ao esforço de cada um se reúne a emulação collectiva para bater o record da lucta ao som da fanfarra festiva e ao impulso das noticias e clichês espalhafatosos da imprensa. Estes certamente nem sempre estão de accórdo com o bom desenvolvimento physico, intellectual e moral. A aptidão physica para tal ou qual jogo deverá ser prevista pelo medico por meio de um exame minucioso do systema nervoso e dos apparatus circulatório e locomotor (O FLUMINENSE, 1917, p.5).

Na época, ao se buscar esta preparação, os métodos ginásticos ganhavam grande destaque no cenário nacional no que diz respeito à difusão das práticas corporais, inclusive auxiliando na difusão dos ideais higiênicos. O método sueco era visto como capaz de “prehencher todas as necessidades de um exercício discreto, regular e gradativo educando pari passu o individuo nas differentes edades e condições de raça e de meio” (O FLUMINENSE, 1917, p.5). Ao se falar sobre ginastica, deve-se ter clareza que não existia apenas a perspectiva higienista, mas sim inúmeras contradições e disputas entre as diversas perspectivas. O modelo de ginástica-espetáculo era contestado por lideranças intelectuais, apesar de ser largamente apreciado, gerando uma nova compreensão desta pratica. Os estabelecimentos que se vinculavam a esta nova concepção eram celebrados. Por mais que a prática em si possuísse semelhanças com os espetáculos circenses, a mesma era

conceituada como “a arte que tem por objeto exercer com método o todo ou parte do sistema locomotor, tanto para aumentar a esfera da ação dos músculos, como para conservar e restabelecer a saúde, e favorecer assim o aumento das faculdades físicas e morais do homem (MELO E PERES, 2014, p.75).

Em geral, a ginástica designava todos os jogos de ação, porém, era empreendida nos estabelecimentos de educação. Os exercícios eram divididos em elementares e compostos e tinha como benefícios a saúde, auto confiança, consciência da própria

força, dentre outros. Possuía regras que deveriam ser obedecidas, como horário, intensidade, o uso de determinadas vestimentas, não portar determinados objetos, como facas e canivetes (MELO E PERES, 2014). A ginástica era justificada, então, não apenas pelos seus benefícios físicos ou morais, mas também em função de ser praticada em varias nações do mundo, inclusive as mais clássicas, sendo adotadas de maneira proveitosa desde que de acordo com os preceitos médicos. Havia aqueles que buscavam justificá-la através de um discurso histórico, apontando que esta seria capaz de fazer uma nação prosperar (MELO E PERES, 2014).

Na sessão Educação Physica do jornal Gazeta da Tarde (1895), é evidenciado que alguns exercícios gymnasticos se assemelham as manobras militares. Todavia, o autor pontua que o método mais interessante de se abordar tais exercícios é através de um bom rendimento médio dos alunos, ao invés de buscar modelos de aptidão física. As trocas culturais decorrentes daqueles que viajam para fora do país deveriam servir para apontar falhas nos sistemas brasileiros de ensino que de longa data era idolatrado (GAZETA DA TARDE, 1985). Assim, a ginástica desenvolvida nas escolas brasileiras era materializada como a medicalização do cotidiano escolar. A prática também estava associada ao corpo do soldado, na medida em que acostumaria o cidadão a disciplina e a obediência. . (MELO E PERES, 2014).

Vista como uma ginástica viril, as excursões pedestres, realizadas por colegas e estudantes na companhia de seus professores “não teem o mínimo parentesco com o velho passeio das quintas e domingos, a dois de fundo, em passo regulamentar, com a gravidade de procissão” (GAZETA DA TARDE, 1985, p.2). Os alunos que faltavam tais exercícios, sem justificativa, eram alvo dos comentários dos colegas e do professor. Durante estas excursões, estes “utilisam os caminhos de ferro em direcção para algum sítio ou notável pelas reminiscências e tradicções, ou pela phisionomia pittoresca desde as cinco horas da manhã até a noite” (GAZETA DA TARDE, 1985, p.2). Observa-se que embora estes exercícios tenham rompido com as características dos tradicionais passeios, a busca por locais com belas paisagens, no meio natural, e com grande tradição cultural, era notável.

Não à toa eram veiculadas atividades realizadas por militares, relacionadas ao montanhismo, Por exemplo, uma das notícias descreve que no Rio Grande do Sul foi realizada uma excursão de Porto Alegre até a cidade de Pelotas. A realização deveria ser

autorizada pelo capitão responsável que o fez além de desejar “votos para o completo êxito do raid, que muito vem recomendar os arrojados atiradores” (A FEDERAÇÃO, 1919, p.4). O material necessário para o acampamento foi conseguido através de contatos com outras instancias militares, uma vez que esta excursão se tratava de um exercício militar. Quando não se tratava de um exercício militar, estas excursões eram realizadas por lazer tal qual uma marcha de resistência realizada no dia 08 de dezembro de 1919 (A FEDERAÇÃO, 1920). Em excursão organizada pelos sócios da linha de tiro de Ribeirão Preto, foram percorridas cidades do interior paulista. A diretoria desta linha costumava organizar exercícios e treinamentos acompanhados de perto pela população (CORREIO PAULISTANO, 1917). Tamanha era a organização em uma destas excursões que todos os excursionistas, cerca de 80, estavam uniformizados e equipados. Ao retornar da aventura estes sócios e militares eram “recebidos com grande entusiasmo do povo (A NOITE, 1917). Estes fatos demonstram que já havia uma relação entre a atividade física e as instituições militares, e que os militares possuíam certo prestígio junto a população, tal qual os médicos, pois a partir das necessidades econômicas, dos avanços científicos e dos desdobramentos culturais, o corpo passa a ser submetido a uma nova ordem disciplinas, mais exposto, submetido a mais normas de comportamento, enquadrado pelas dinâmicas econômicas e de saúde e bem estar. Neste contexto médicos e militares passaram a compartilhar e a construir estes novos padrões visando o progresso e defesa do país. Para tal, sistematizavam métodos e pesquisas cuja prática de atividade física tinha papel central na construção normas de boa utilização do corpo, com uma carga material e simbólica (DEL PRIORE e AMANTINO 2011).

O fato de se buscar exercícios vigorosos não exclui o caráter de divertimento e de lazer desta prática, tendo em vista que os indivíduos realizavam estas atividades, em meio ao ambiente natural, como meio de obtenção do prazer e da auto realização. Isto fica evidente pois ao chegar nos locais desejados em excursões, os praticantes

armam entre si luctas e jogos, sendo premiados os vencedores; as passadas através da marcha, já no centro de mattas ensombradas, já em caminhos em ladeiras e sobre píncaros de montanhas, aonde a voz humana tem vibrações innumeras são acompanhadas de coros e de canções alegres (GAZETA DA TARDE, 1985, p.2).

Portanto, a realização de atividade física, seja ela através do desporto ou dos métodos ginásticos, deveria ocorrer de acordo com os preceitos médicos higienistas e militares, decorrentes dos avanços destas áreas de conhecimentos. Merece destaque que “o discurso médico tinha endereço certo. Ele se dirigia a família de elite, letrada, que podia educar os filhos e aliar-se ao estado” (COSTA, 1989, p.69). Estas preocupações, com as famílias de elite, se justificavam em função de uma busca dos higienistas para ganhar mais adeptos e clientes. Assim, ganhariam fortes aliados nas disputas: políticas, uma vez que as famílias de elite buscavam sua auto defesa e que existia uma questão essencial ao Estado no que diz respeito a substituição de mão de obra; e de mercado, tendo em vista que o consumo e oferta de serviços, inclusive médicos, cresceu significativamente no início do século XX (COSTA, 1989).

Através das notícias associadas ao montanhismo, fica evidenciado que antigos e consagrados jogos atléticos, como o futebol, o rugby, o cricket, dentre outros, passaram a sofrer grande influencia inglesa, à medida que lhe é atribuído o “indiscutível vigor que distingue a raça anglo-saxonia de todas as demais raças do continente europeu “(GAZETA DE NOTICIAS, 1872, p.1). A construção desta de da através da

educação athletica da raça e da excepcional saúde e rigeza physica, determinadas por essa educação, que provém ao povo inglez a sua peculiar adaptação á luta pela vida, em qualquer meio, sob qualquer clima que seja, e esse admirável e fecundo espírito de aventura, que faz dos inglezes os mais arrojados excursionistas, os mais atrevidos navegantes, os mais intrépidos exploradores, os colonisadores mais invasivos e mais dominantes que hoje calcam as cinco partes do mundo debaixo das solas (GAZETA DE NOTICIAS, 1872, p.1).

O imperialismo inglês passou então a se dar também na esfera das praticas corporais institucionalizadas brasileiras, observado através do crescimento dos diversos ramos de esporte na época. Porém, o desenvolvimento destes ocorria através de embates e contradições, conforme será visto ao longo deste trabalho. Tal era a relevância dos esportes, que estes passaram a nomear algumas sessões dos jornais, não aparecendo como subseção esportiva, como o Jornal “O Século”, “A Imprensa”, “Gazeta de Sport”, “Correio da Manhã”, “Jornal do Brasil”, “O Malho”, “Revista da Semana”.

Logo, alguns questionamentos se faziam presentes na época, tais como: Qual o esporte mais difícil? Buscando responder esta pergunta, o jornal Gazeta de Noticias

(1912) buscou a opinião de Ulysses Reymar, um famoso jornalista esportivo correspondente de jornais portugueses. O autor afirma que o “Sport” veio a substituir o legado deixado pela “gymnastica”, entendida como “salutar principio sobre o qual a regeneração do homem realisa-se absoluta, quer sob o ponto de vista moral, quer sob o ponto de vista physiologico” (p.4). O autor defende que a decadência física de uma raça representa a queda de uma nação e o sofrimento de um povo. Neste sentido, o autor defende que deve ser deslocado o foco da questão, de nosso patriotismo para o desenvolvimento moral e físico do Brasil, sendo esta a principal doutrina da modernidade. Para tal deve-se adotar o ideal de “men sana in corpor sano”, investigando a evolução destes esportes, em especial o pedestrianismo, defendendo uma “disciplina superior psycho-physiologica, a da gymnastica educativa”. A gymnastica seria então a base da educação physica moderna, tendo como base uma progressão continua e adaptada (GAZETA DE NOTÍCIASb, 1912). Neste sentido, o montanhismo era compreendido na época, segundo a referida publicação, como uma prática que todos sabem fazer e praticam no seu dia a dia, em um primeiro momento, e na opinião daqueles que não fundamentavam seus argumentos, sendo um dos mais úteis dentre todos os esportes.

O montanhismo, em especial as excursões pedestres, ainda em vias de esportivização, era visto como um gênero “utilíssimo” de esporte, que por estar em seus primeiros passos “ainda não podem exigir qualificativos encomiosos” (JORNAL DO COMMERCIO, 1906, p.2). Porém, algumas práticas do montanhismo, a partir de algumas narrativas, presentes nas notícias veiculadas na época, por diversos motivos, não poderia ser realizada por qualquer pessoa, indo de encontro à notícia citada no paragrafo anterior. Desta forma, para a realização de determinadas práticas do montanhismo, existiam aqueles que acreditavam que “este sport, como todos, carece de aprendizagem, e pessoas previstas aconselham-me a gynastica previa dos pulmões, a adaptação ás alturas, em pequenas excursões ás colinas que formam o cortejo da grande montanha” (CORREIO DA MANHA, 1913, p.2). Existiam manuais para a preparação e o ensino desta prática desde o início do século XIX (CORREIO BRAZILIENSE DE JANEIRO, 1813). Entretanto, esta prática era encarada como de difícil realização e desenvolvimento, quando olhada sob o prisma das disputas esportivas. Era relatado, a título de exemplificação, que na Grécia antiga um corredor de “Marathon” era acometido por perigos fatais, o que já não ocorria, segundo as publicações, no período

analisado. Isto se deve ao fato da evolução das avaliações médicas, programas de treinamentos e de alimentação. Era defendido, que deveria ser realizada uma consulta prévia com o médico, para posteriormente ser realizada muita ginástica e ginástica respiratória, além de alongamentos, massagens terapêuticas. Todo este preparo para uma prática que os leigos consideram ser a mais fácil (CORREIO DA MANHA, 1913). É, também, realizado um apelo

aos homens de boa vontade e ao próprio e oportuno esforço (...) deespendido em favor da causa do desporto, a unirmo-nos em torno do nobre e alevantado ideal de pugnar pelo soergimento de um Brasil mais forte, pelo resurgimento physico e moral da nossa raça, erguendo a Liga Patriótica de Educação Physica Nacional, instituição que se encarregará de dar solução definitiva ao retardado problema da nossa educação physica, salva do pernicioso empyrismo por que evolue (GAZETA DE NOTICIASb, 1912, p.4) .

Fica clara, então, uma busca por um sentimento nacional de eugenia da raça brasileira. Visando superar este enfraquecimento da raça brasileira, a imprensa passou então a estimular a criação de associações esportivas, tais como clubes de exercícios ginásticos e atléticos (NOVO MUNDO, 1874). Para tal, a educação física e os esportes, através das escolas ou de instituições voltadas para tal fim, deveriam incorporar um saber científico que proporcionasse meios de atingir tal fim, evidenciando um uso político dos esportes (COSTA, 1989).

Montanhismo e marcas de uma sociedade forte e viril

No que toca as questões referentes à corporeidade, no início do século XX, deve-se ter em mente que houve, no Rio de Janeiro, uma busca em transformar os corpos da nação, de modo a superar as representações antigas, do período em que o país ainda era uma colônia de Portugal, conforme já explanado anteriormente, uma vez que

Havia uma tendência crescente a partir do século XX “que era a grande vocação para a concorrência, a agressividade e o sucesso. A saúde, nesse sentido, imprimia uma conotação de auto-estima, autoconfiança e combatividade, inscrita na coloração irradiante da pele, nos músculos

tonificados, na estrutura sólida, nas proporções adequadas, nas formas esbeltas e na insinuação de uma sexualidade desperta e fértil. A saúde enfim era a chave de um corpo moderno (SEVCENKO, 1998, p.559).

Assim sendo,

a educação física defendida pelos higienistas do século XIX criou, de fato, o corpo saudável. Corpo robusto e harmonioso, organicamente oposto ao corpo relapso, flácido e doentio do indivíduo colonial. Mas, foi este corpo que, eleito representante de uma classe e de uma raça, serviu para incentivar o racismo e os preconceitos sociais a ele ligados (COSTA, 1989, p.13).

Ao se pensar nas características da sociedade que deveriam estar presentes na construção dos sujeitos da nação, em vias de transformação, muitas foram as propostas para modificação da realidade. Porém, era evidente que o montanhismo e seus praticantes eram marcados pelas

interpretações de *A origem das espécies* que desviavam o perfil originalmente esboçado por Charles Darwin, utilizando as propostas e conceitos básicos da obra para a análise do comportamento das sociedades humanas. Conceitos como competição, seleção do mais forte, evolução, hereditariedade passavam a ser aplicados aos mais variados ramos do conhecimento (SCHARCZ, 1993, p.56).

Em algumas atividades realizadas no Brasil, em especial as travessias, os estrangeiros, considerados educados e arrojados, recebiam o apoio governamental de seus países de origem, para realizar travessias pelo Brasil, como no caso dos “jovens italianos Itarezelli Anzelo e Italo de Eurico, o primeiro natural de Florenza e 2º annista de Medicina na Universidade de Genova, e o segundo, natural de Milão, espirito francesmente educado e excursionista arrojadíssimo”. Nesta empreitada, “em cada cidade a que chegarem procurarão elles o consul italiano que lhes dará os auxilios de que precisarem” (JORNAL DO BRASILb, 1908, p.5). Desta forma, buscava-se difundir através desta notícia a distinção, não apenas econômica destes estrangeiros, mas também cultural e fisicamente, marcas de um ideal europeu que serviria como modelo a ser seguido no Brasil, em especial pelos montanhistas. Somado a estes fatos, a divulgação de apoio a montanhistas seria uma das formas de estimular a realização de tais praticas pelos brasileiros, dado o nobre valor de tais empreitadas.

A audácia e o ineditismo eram veiculados como motivações para a realização das práticas, dentre diversos outros os motivos, porém estes eram suficientes para criar “uma paixão irresistível, que desafia todo o gênero de perigos e de sofrimentos” (GAZETA DE NOTÍCIAS, 1900, p.2). Dentre algumas motivações apresentadas, a vontade de realizar atividades, que até então só alguns animais eram capazes, tais como o escalar pelos lagartos (O PAIZ, 1912).

Outros buscavam no montanhismo

atingir o pico mais alto, plantar aí a bandeira do seu país, gozar durante algum tempo o esplêndido panorama que de lá se desfruta, gravar o seu nome e uma data na pedra ou no gelo e depois regressar ao lar para dizer do seu feito glorioso, ou ao túmulo, precipitando-se no abismo por inadvertência (A NOTÍCIA, 1908, p.2).

Evidencia-se, portanto, que com a difusão destas travessias, um dos atrativos evidenciados nas publicações do jornal era a altitude alcançada ao se chegar aos cumes das montanhas, o que leva a crer que parte do prestígio destas atividades se tratava pela proeza de se chegar a determinadas altitudes (O IMPARCIAL, 1915). Assim sendo,

Ao se falar de distinção, O eventual prestígio alcançado com a chegada ao cume, bem como o domínio sobre a montanha, justificaria quaisquer esforços. Inclusive, é no impulso desses sentimentos, emoções e proezas que muitos alpinistas perderam suas vidas durante escaladas. Não obstante esse cenário de risco, a façanha de conquistar o Everest foi alcançada apenas 100 anos após a descoberta da montanha (SOUZA, TOLEDO e MARCHI JUNIOR, 2011, p.347).

Neste contexto, a motivação para a conquista do Dedo de Deus, que surgiu a partir de um discurso feito por um escalador alemão que afirmou que se ele não conseguiu realizar esta ascensão ninguém mais seria capaz, é um fato curioso. Este discurso causou a revolta em alguns brasileiros, tamanha a petulância. Desta forma, a revolta, a rivalidade e a busca pelo reconhecimento do Brasil enquanto uma nação que possuía montanhistas, assim como as nações mais desenvolvidas europeias, marcou este cenário.

Acerca do montanhismo, paralela a concepção romântica, havia uma vontade de dominar a natureza, decorrente da visão moderna da forma como o homem se relacionava com a natureza. Esta dominação da natureza, característica típica do homem moderno, se configurava também, em certos momentos, como atos de heroísmo, na qual o montanhista deveria realizar as conquistas, vencendo as forças da natureza. Circulava, nas publicações associadas ao montanhismo, a ideia de que não se poderia morrer sem antes realizar um grande ato que os celebrizassem (CORREIO DA MANHA 1913). Estes atos de coragem e bravura, associada à glória e à salvação por meio das conquistas iam ao encontro da ideia do homem moderno veiculada no Rio de Janeiro do início do século XX. Este, considerado vitorioso e do futuro, deveria ser liberto da comunidade, individualista, e que cabe apenas a si mesmo a salvação e o triunfo (FONSECA, 2008).

Heróicos ou não, para alguns autores da época “É verdade que há alpinistas que, por gosto, sobem ao cimo das montanhas. Estes conhecem os perigos que esse divertimento apresenta, porém gostam tanto de affrontal-os como os marinheiros gostam d’aquelles do mar, julgando-se felizes d’essa lucta contínua” (TICO TICO, 1913, p.4). O montanhismo, entendido enquanto esporte, aparece, então, enquanto exercício físico que tornaria a geração forte, uma vez que o pedestrianismo era visto como uma das modalidades esportivas que muito desenvolvidas no Brasil, assim sendo não seria por falta de exercícios físicos (GAZETA DE NOTÍCIASd, 1906). No final do século XIX podem-se observar sensíveis mudanças no padrão de corpo, uma vez que “os ventos que chegavam da Europa traziam um novo modelo de homem e inquietações com a estética corporal. Os tipos físicos masculinos fortes começaram a ser, ainda que lentamente, valorizados” (DEL PRIORE e AMANTINO 2011,p.516).

Merece destaque que no Rio de Janeiro

O desenvolvimento dos esportes na passagem do século se destinava justamente a adaptar os corpos e as mentes a demanda acelerada das novas tecnologias. Como as metrópoles eram o palco por excelência para o desempenho dos novos potenciais técnicos, nada mais natural que a reforma urbana incluísse também a reforma dos corpos e das mentes. Esse amplo processo de transformação comportaria uma alteração crucial no quadro de valores. Nessa nova sociedade da cultura desportiva o valor máximo é necessariamente a ideia de saúde, cuja condição básica é a limpeza e cuja prova patente é a beleza. Não surpreende por isso que os termos por meios dos quais eram expressos os conflitos sociais passem a ser mediados pelos conceitos da profilaxia, da higiene e da eugenia (SEVCENKO, 1998, p.571).

No que toca a idade dos participantes em diversas notícias que os montanhistas aparentavam ter idade muito inferior. Em alguns casos, em idade que muitos já teriam se entregue, tinham a vivacidade de um rapaz de dezoito anos. Esta jovialidade estaria associada: a avidez em conhecer novas paisagens, ao explorar o país; ao preparo físico, uma vez que estes personagens eram considerados infatigáveis; a ousadia de embrenhar-se no mato e no interior do país (A ILUSTRAÇÃO BRASILEIRA, 1910). Alguns “sportmen” eram destacados pela imprensa como sendo valentes, fortes, brilhantes, sempre trajando elegantes toilettes. Ao tentar compreender o por que destas representações deve-se ressaltar que havia, desde o final do século XIX uma imposição de uma estética, em especial a feminina, que nada tinha a ver com biótipo brasileiro, bem como o preconceito em relação aos que não se enquadram neste padrão. O discurso higienista faz da busca pelo padrão uma obrigação, em uma facilidade que depende das escolhas e das vontades do indivíduo (DEL PRIORE e AMANTINO 2011). Assim, esta forma de representação fazia sentido na medida em que buscava delimitar o padrão de montanhistas que deveria ser alcançado na época.

Ao montanhista estavam associados valores como robustez e virilidade, uma vez que ao praticar exercícios como o pedestrianismo o indivíduo teria a capacidade de não sentir dores e lesões tais como luxações, torcicolo, lombalgia. Características essas que fizeram com que o jornalista Ramalho Ortigão narrar que a sensualidade e o glamour desses atletas “enche a pelle de comichões e a alma de inveja” (GAZETA DE NOTÍCIAS, 1892, p.1). Outras características associadas ao montanhista eram a jovialidade, a simplicidade, a simpatia (O PAIZ, 1909). As formas de representação do montanhista pela imprensa do Rio de Janeiro estavam imbuídas em um “complexo sistema articulado pelas noções básicas de limpeza, saúde e beleza, o símbolo central era sem duvida a imagem do corpo humano, utilizado intensamente pela publicidade comercial ou pela oficial, e apresentado em geral semidespido, jovem, saudável, atlético e impoluto” (SEVCENKO, 1998, p.757).

Na opinião de alguns jornalistas, o montanhista deveria “considerar-se bastante superior aos seus semelhantes, porque, para lá chegar, quantas vezes não terá lutado com a morte que ameaçara tragá-lo, vencê-lo!” (REVISTA DA SEMANAb, 1905, p.10). Estes homens eram vistos como pessoas que não desanimavam e não poderiam

desistir. Em atividades, como a realizada rumo ao alto do corcovado com 11 participantes, a busca não era pela integração do grupo, mas sim pela seleção do mesmo, uma vez que “Dahi em diante começou a diminuir o bando de sportmen e, quando as 9:40 atingiram as Paineiras, onde almoçaram, já estavam em seis” (JORNAL DO BRASILc, 1912, p.13). Logo a busca não era apenas no prazer, no contato com a natureza, mas também em demonstrar a virilidade destes montanhistas. A única pausa permitida era a para o almoço, realizado habitualmente nas paineiras, na qual os participantes chegavam com “um appetite voraz” e durava cerca de duas horas. Após esta pausa a disputa viril continuava, assim como a fadiga dos participantes. O cansaço e a desistência eram vistos como motivo de piada pois

De quando em quando parava ora um, ora outro.

Ouvia-se logo a phrase: já affrouxou. E o valente, dilatando no Maximo a caixa thoracica, respondia- Não, Estou contemplando a Natureza...

Uma risada geral fazia coro e prosseguiam os cinco, olhando sempre para o alto (JORNAL DO BRASILb, 1912, p.13).

As proezas e conquistas realizadas, de forma destemida e arrojadas, eram alguns critérios para ser aceito em alguns clubes tradicionais de fora do país, como o Climber's Club (JORNAL DO BRASIL, 1902). Os indivíduos que realizavam as atividades apenas em duplas eram distinguidos dos demais, de modo a ter prestígio através de prêmios sobre as maiores altitudes e ascensões do mundo (JORNAL DO COMMERCIO, 1909). Logo, para uma pessoa ser montanhista é preciso ter fôlego, agilidade e, principalmente, coragem, para que possa vencer os grandes e pequenos empecilhos que se lhe apresentem (GAZETA DE NOTÍCIAS, 1912). Aqueles que possuíssem mais atributos para a realização da empreitada, além ir à frente, servindo como guias, teriam como obrigação auxiliar aos demais. Os jornais da época buscavam divulgar atletas que aliavam a força muscular as qualidades de perfeito cavalheiro e forças morais que transmitiam. Em todo o país e até no exterior essas qualidades faziam os atletas conhecidos, um tipo específico de celebridade e modelo a ser seguido. Este cenário permitiu que o exercício físico e o esporte se tornassem uma indústria, com estratégias comerciais que estariam associadas ao novo modelo de corpo que difundia padrões de bem-estar e saúde. (DEL PRIORE e AMANTINO, 2011).

Em alguns casos de notícias veiculadas do exterior, os guias faziam com que o perigo da empreitada ficasse apenas na imaginação, fato este que os colocavam em destaque no cenário do montanhismo (JORNAL DO COMMERCIO, 1900). Neste sentido, buscava-se difundir que ao se pensar em uma ascensão, deveria ter a clareza de que

Quando o chefe da excursão é forte, a empresa torna-se relativamente fácil e pouco perigosa; mas, se ele não tiver a serenidade precisa para transpor os obstáculos e sobretudo a firmeza de pulso suficiente para não deixar fugir a corda, os que seguem serão, num momento, laçados no vácuo, nos despenhadeiros que os cercam, que ameaçam enguí-los (REVISTA DA SEMANAb, 1905, p.10).

Quando os novos padrões de higiene e saúde passam a ser ditados por médicos e cientistas, passa-se a ter a valorização de um novo tipo físico, com novas construções da imagem corporal (DEL PRIORE e AMANTINO 2011). Somado a este fato, havia uma crença de que “os guias adivinham, à distância, o perigo das avalanches, e para as evitar, valem-se de único recurso: passar tão longe delas quanto possível. Nestes casos, a marcha em linha é perigosa e pode tornar-se fatal” (REVISTA DA SEMANAb, 1905, p.10). Os guias, então, possuíam papel essencial para determinadas ascensões (A NOITE, 1911). O mesmo poderia ser um guia entre amigos, de um clube, ou um profissional. Sendo assim, diversas eram as expectativas acerca de um guia, bem como as suas incumbências. A este cabia indicar o caminho, apontando os perigos, buscando levar os participantes até o fim da viagem são e salvos (REVISTA DA SEMANAb, 1905). Quanto maiores as experiências e os grandes feitos desse guia, maior era seu prestígio junto à comunidade montanhista, e, no caso do guia profissional, maior o seu valor de mercado (FON FONb, 1913). Porém, a grande maioria das notícias os guias não eram apresentados como personagens principais de uma ascensão, mas sim como uma pessoa que auxiliou na conquista (FON FONc, 1913).

No que diz respeito aos guias profissionais, estes possuíam maiores responsabilidades em comparação com os demais participantes. Era comum, em atividades que eram realizadas com mais de um guia, que um dos guias iria à frente do grupo e o outro no final, como medida de segurança. Era comum que estes se ligavam através de uma corda, de modo a tentar ditar o ritmo da atividade, bem como prevenção

de acidentes. Na busca por uma melhor realização da atividade, sem maiores percalços, estes guias aceleravam ou diminuíaam o ritmo, bem como planejavam os locais e horários das refeições e do descanso (TICO TICO, 1919). A divulgação destes fatos pode ser explicada uma vez que “a noção de civilização está diretamente associada à representação que as classes dominantes têm dos usos do corpo, de sua origem, bem como de seus hábitos e, portanto, da forma como devem ser executadas as técnicas corporais” (DEL PRIORE e AMANTINO 2011, p.505). Dentre as técnicas, destacam-se as do montanhismo em função do destaque de uma pessoa como essencial para o êxito de todo um grupo, bem como responsável por ditar os rumos do grupo.

No que toca a divulgação das empreitadas realizadas, os registros deveriam ser feito por estes, mesmo que isto gerasse uma exposição ao risco desnecessária. Em um destes casos, um dos clientes quis ser registrado, e o guia “Chenoz, ao recuar, para por a machina em posição, cair numa brecha aberta na neve. Puderam retiral-o de lá, parecia que o desastre não teria graves conseqeencias quando á noite, de repente, Chenoz morreu” (FON FONb, 1913, p.3).

Os guias pertenciam a um seletto grupo de prestígio, que era acompanhado pela comunidade de montanhistas, como Alexandre Burgeuer,

um veterano alpinista, gozava de fama mundial. Seu nome era universalmente conhecido, como os de Balmat, Cachat, Croz, Almer, Carrel, Knubel. Bennen, Zurbriggen, Maquignaz e muitos outros e havia sido illustrado por aventuras gravíssimas. Os mais celebres alpinistas do mundo, acompanhavam este homem intrepido, adorador a montanha e para quem a montanha e para quem a montanha não tinha segredos (FON FON, 1910, p.3).

Alguns guias buscavam, através de suas narrativas, justificar o seu prestígio e a necessidade de um guia para a realização destas atividades. Ao comentar os acidentes, estes o faziam “com calma tão imperturbável, num tom tão philosophico, que todo mundo, ao ouvi-lo, tinha a impressão de que aquelle homem devia ser um verdadeiro thesouro em momentos difficeis de perigo” (TICO TICO, 1919, p.3). Observa-se que esta comunidade de montanhistas partilhavam informações acerca de tais guias, bem como suas conquistas e dificuldades enfrentadas. Desta forma, era atribuída uma valorização destes guias em função das características que os colocavam enquanto peças

chave das empreitadas realizadas, sempre tendo em comum a adoração pelas montanhas e pelo montanhismo e a forma de se portar perante a sociedade, seguindo, desta maneira,

a lógica das práticas corporais, que associa o prazer à saúde, à vitalidade e à beleza, promete eliminar a inquietude que o olhar do outro provoca, por meio do esforço, da determinação e da disciplina, apontando todo o tempo para a responsabilidade do sujeito. No início do século XX, havia controles bem mais rígidos em relação à apresentação pessoal, quase uma imposição da boa aparência (DEL PRIORE e AMANTINO 2011 p.494).

CAPITULO 2 – MONTANHISMO NO CONTEXTO DA FEBRE ESPORTIVA DO RIO DE JANEIRO

Conforme visto anteriormente, a busca pela adesão a parâmetros civilizatórios e modernos representava um país recém-independente e que se tornou república, buscando, portanto, uma identidade e a diferenciação frente ao seu antigo status de modo a traçar planos futuros tendo em vista o passado (MELO e PERES, 2014). Neste sentido, nos anos finais do século XIX, os diversos tipos de exercício físico, tal qual o esporte, estavam imbuídos em um contexto de preocupações com a defesa das fronteiras, uma sociedade civil em vias de conformação, e a emergência de novas formas de sociabilidade pública, que envolviam diferentes estruturas de entretenimento, um indústria da atividade física, que marcam esta sociedade em pleno processo de modernização (MELO e PERES, 2014).

A partir do início do século XX as manifestações esportivas passaram a ser consideradas como um importante movimento de vanguarda e de civilização do país. Neste processo de transição, o desenvolvimento do esporte estava associado ao fluxo internacional do desenvolvimento deste campo, imerso no contexto sociocultural marcado pelas ideias de espetáculo e consumo, possibilitando o comércio e a difusão de novas tecnologias que marcavam o progresso e a modernidade (DEL PRIORI e AMANTINO, 2011). Logo, inúmeros foram os casos de apropriação dos bens culturais, em especial de origem inglesa e francesa, que buscavam a difusão de hábitos de civilidade. A influência inglesa pode ser explicada, dentre as formas já citadas anteriormente, em função do protagonismo inglês na transferência da família real portuguesa para o Brasil, gerando inúmeros benefícios econômicos e políticos. Conseqüentemente, em função das relações estabelecidas, a influência também se estendeu para o âmbito cultural (MELO e PERES, 2014). Este cenário fez com que o modelo desportivo inglês encontrasse no país um cenário favorável a sua difusão e crescimento. Deste modo, o esporte enquanto alternativa de lazer e meio de diversão atraía cada vez mais admiradores entre a classe trabalhadora (PEREIRA, 2000). Ao pensar no ideal de civilidade e modernidade almejado pelas elites, deve-se ter clareza que o esporte representou uma importante ferramenta de intervenção social visando atingir tais objetivos. Logo, o mesmo caminhava entre uma linha tênue entre a distinção

social e uma forma de enquadrar a classe trabalhadora aos ideais das elites dominantes.

Assim

se inicialmente eram compreendidos como um privilégio das elites, os esportes, com o decorrer do tempo, em função das tensões sociais, das distensões das compreensões iniciais e do próprio contexto de construção do ideário e do imaginário da modernidade, passam a ser valorizados e apresentados como hábitos adequados, oferecidos como alternativas aos antigos jogos populares condenados. A mesma população que vira perseguida a sua possibilidade de jogar passa a ter o direito de um acesso controlado e mediado (MELO E PERES, 2014, p.35).

Ao se pensar nos fatores preponderantes para a difusão dos esportes, deve-se ter em mente que para a elite dominante, a difusão de certas práticas era considerada benéfica para a sociedade como um todo, desde que dentro os moldes por ela impostos.

Essa constatação nos permite supor que não só as atividades de lazer, quando realizadas, tinham maior possibilidade de conquista de adesões se próximas as áreas de residência, o que tem a ver com o curto espaço de tempo e menores recursos que a população poderia dispor para isso, como também eram vistas como atividades que não visavam falar e atingir a sociedade como um todo nem demandavam do Estado nenhuma ação mais concreta. Este, por sua vez, limitava-se a regular o seu funcionamento, no sentido de não romperem com as regras de boa convivência e moralidade, de não perturbarem demasiadamente o trânsito nas vias públicas e de manterem suas críticas a situação social e a política em níveis considerados suportáveis (FONSECA, 2008, p.115).

Logo, inúmeros foram os agentes responsáveis por esta difusão, tais como escolas, imprensa, personalidades públicas, dentre outros. A partir deste momento,

ninguém mais conteve a febre dos esportes. Se o prestígio social atraía a população, o fato é que a cultura popular da cidade já era marcada tanto pelos valores da exuberância física quanto pelo espírito lúdico de precipitar os oponentes no ridículo pela destreza e rapidez dos movimentos (SEVCENKO, 1998, p.577).

Esporte e vida associativa

A articulação dos meios de transporte, urbanização, diversificação econômica, estabilidade política, preocupações com as condições de saúde, além da busca pela modernização e o progresso geravam uma nova dinâmica social na cidade do Rio de Janeiro, marcada pelos luxos e entretenimentos, que serviam para a aquisição de status e distinção por uma parcela da sociedade civil organizada. Neste sentido, as atividades públicas de convivência passaram a ser valorizadas, em especial organizadas em agremiações dos mais diferentes tipos. Pode-se observar o surgimento de espaços para danças, fundação de clubes esportivos, dentre outras (MELO e PERES, 2014).

Ao se falar em difusão desta febre esportiva, que buscava responder aos anseios da sociedade, era veiculado pela imprensa carioca da época que possuir centros esportivos era visto algo que trazia um valor simbólico para a cidade do Rio de Janeiro (GAZETA DE NOTÍCIAS, 1914). Dentre as diversas funções atribuídas ao esporte e as diferentes atividades físicas merece destaque “o caráter salvador atribuído ao exercício físico no período alimentava o surgimento das diversas associações, que faziam do esporte uma árvore de vários ramos” (PEREIRA, 2000, p.50). Logo, os clubes eram vistos como locais para praticar diversas modalidades de esporte e variados tipos de práticas corporais. Corroborando com esta ideia, o Club Sportivo Carioca, além das atividades esportivas, oferecia também aulas de dança para seus sócios (O SECULO, 1907). Em festivais esportivos organizados por instituições que não eram voltadas diretamente para o esporte, o montanhismo era praticado junto com outras modalidades. Havia também exposições cinematográficas, bailes, bandas de música (A NOTICIA, 1909). Deste modo, o desenvolvimento do “Sport” na população brasileira, a partir do início do século XX, era motivo de comemoração por parte da imprensa e de entidades voltadas para o esporte, ocorrendo inclusive festas esportivas para agradar ao imenso público. Algumas provas ocorriam em meio a exposições que envolviam também atrações musicais e comerciais (JORNAL DO COMERCIO, 1908). Observa-se, portanto, que

As associações recreativas popunham-se a possibilitar a prática de esportes, desde os tradicionais até o tiro ao alvo, que então muito se desenvolvia, bem como a realização de saraus, bailes, representações teatrais, leitura de livros e

revistas etc (...) Algumas pretendiam funcionar como locais de encontro dos sócios e para conversas e jantares, servindo como meios de favorecimento de uma sociabilidade baseada no lazer (FONSECA, 2008, p.127).

Fica evidente, então, que os esportes extrapolavam os limites de sua prática, havendo todo um comércio em seu entorno. Esta relação mercadológica pode ser exemplificada ao compreender a associação entre esporte e arte, encontradas nas publicações da época que relatavam um reboiço no mundo sportivo e teatral, em especial no Rio de Janeiro. Em uma delas, que fez sucesso junto ao público que disputava suas edições juntos aos vendedores, era o livro “Theatro e Sport”. A obra, voltada para todos “que amam essas duas coisas adoráveis que divertem o espírito e fazem bem ao corpo”, retratava, através de grandes personalidades, a relação entre esporte e arte

Desde a capa, colorida a quatro cores e duas esplendidas lytographias, também a cores, allegoricas ao theatro e ao Sport, até as magníficas e nítidas photogravuras que illuminam o texto, tudo é um primor onde se patenteam os méritos artísticos do Calixto. O texto, no qual collaboramos melhores pennas do jornalismo, é uma verdadeira conquista do bello semanário e trata magistralmente de todos os gêneros de Sport, taes como Turf, Rowingm Football, Cyclismo, Autobmobilismo, Pedestrianismo (CORREIO DA MANHAE, 1905, p.4).

Outro fato que corrobora com a mercantilização dos esportes, se deve ao fato de que algumas provas esportivas apenas eram realizadas mediante ao pagamento antecipado (CORREIO DA MANHAb, 1908). O valor da inscrição poderia variar de acordo com a categoria a ser disputada e com a procura pela inscrição, indicando que algumas categorias possuíam maior prestígio, e conseqüentemente uma maior premiação, sendo denominadas em algumas ocasiões como “Grande Prêmio”, o que justificaria cobrar a mais pelas inscrições (CORREIO DA MANHAc, 1908; JORNAL DO BRASILE, 1904). Para melhor compreender o por que desta mercantilização deve-se olhar um prisma mais amplo, que leve em consideração as transformações pela qual a cidade do Rio de Janeiro passava,

Pensem na urbanização acelerada e na remodelação da cidade. Elas criaram espaços de desfile e exibição social, mais ou menos ostensivos, conforme a

área e conforme o público, implicados no consumo, o qual pela publicidade preenchia o repertório das fantasias associadas ao sucesso nos negócios e no amor. O grande segredo, aliás de conhecimento geral, para angariar atenção e ampliar seu repertório de opções era parecer moderno (SEVCENKO , 1998, p.555).

As atividades esportivas eram, então, umas das formas de se parecer moderno, e a veiculação destas construía este imaginário social, através das narrativas destes espaços de desfile e exibição social. Um apontamento interessante deve ser feito com relação à organização destas atividades associadas aos esportes. Ao que indica, na primeira década do século XX, pessoas passaram a enxergar o potencial econômico e social dos esportes, fazendo com que fossem criadas instituições que divergiam dos tradicionais clubes esportivos. A partir de então, nem sempre estes eram organizados por instituições esportivas, como o caso do festival realizado pelo Centro de Cultura Physica, sob direção do professor de ginástica Sr. Enéas Campello (A NOTICIA, 1909). No que toca aos esportes, e em especial o montanhismo, poderiam ser realizadas não só por agremiações ou atletas, pessoas que não pertenciam diretamente a nenhuma associação esportiva, tal como “sportmens” famosos, alguns jornais, centros cívicos e de cultura física e companhias de comédias mas também por amigos, e não necessariamente em grandes grupos (CORREIO PAULISTANO, 1917). Poderiam ser organizadas também por grupos de escoteiros, pelas sociedades científicas e pelo próprio governo (A GAZETA, 1920). Alguns clubes recreativos estudantis, através de seu departamento de educação física também realizavam estas travessias, através de monitores e comissão organizadora dos eventos, e tendo diversos sócios inscritos (A GAZETA, 1921).

Algumas festas eram promovidas pela imprensa, dentre estas uma festa, gratuita, seria realizada na praça da republica pelo “Jornal do Brasil” em prol do resurgimento do ciclismo e o desenvolvimento do pedestrianismo (A IMPRENSA, 1914). A organização destas era realizada através de

diversas comissões fiscaes e de juizes, que serão constituídas de representantes dos jornaes diários e representantes de cada um dos clubs sportivos, cujos associados tiverem requerido inscrição (GAZETA DE NOTICIAS, 1914, p.9).

Certas companhias de comédias, como a Alberto Barbosa, organizavam festivais esportivos, em especial no Jardim Zoológico, em homenagem a clubes, na qual diversos clubes eram convidados, e os grandes prêmios, que eram as provas mais importantes do evento, recebiam o nome de jornais da época (GAZETA DE NOTICIASc, 1916). Disputas eram organizadas também por clubes de futebol, como o Vila Isabel Football Club. O referido clube promoveu uma festa esportiva, realizada no Jardim Zoológico, que contava com uma disputa de pedestrianismo inter clubes a ser iniciada às 6 horas da manhã. O itinerário ia do pavilhão Monroe até o Jardim Zoológico, passando pelas principais ruas da cidade (GAZETA DE NOTICIASl,1915). Alguns “sportmen” famosos, como Leopoldo de Souza Lima, Jose Domingues e Antonio Miranda, promoviam provas na pista do velódromo, rua Haddock Lobo. A referida festa era destinada aos diversos clubes da capital, evidencia que existe já uma divisão clara acerca das nomeclaturas das provas, sendo a prova de 500 metros de velocidade e na distância de 2000 metros de resistência, incorporando alguns discursos científicos (A IMPRENSAb, 1914).

Mesmo que estas atividades não fossem organizadas pelos clubes, fica claro que a realização buscava uma consolidação do esporte, inclusive pelo fato de em determinadas provas não eram permitidos não filiados a clubes. Neste sentido, a participação, e pertencimento desta vida esportiva, estava circunscrita dentro dos limites das associações que

As associações constituíam um espaço de sociabilidade, em que membros adquiriam um sentido de grupo, vital numa sociedade formada por grande parcela de pessoas desenraizadas por migrações internas ou internacionais, onde o risco de viver e morrer sozinho fundamentava um medo bastante real (FONSECA, 2008, p.204).

O transporte era, também, fruto de preocupação por parte daqueles que promoviam os eventos, visando. Visando garantir a presença de um maior número de expectadores e de sportmans, diretores providenciavam bondes especiais para levar as famílias e convidados. Havia também casos em que estes bondes especiais eram precedidos por bandas, como a banda do 23º Batalhão de Infantaria do Exército, em prova realizada no Jardim Zoológico (JORNAL DO BRASILc, 1904). Para compreender melhor o porquê de bondes especiais, é válido lembrar que o potencial

extraordinário que novos recursos comportavam, como o bonde elétrico e rede de energia elétrica, tal qual a profundidade com que mudavam o dia a dia da população, fizeram com que a população rapidamente adotasse estes novos hábitos, ficando a oferta muito aquém da demanda. Logo, estes bens passaram a ser moeda de distinção social, bem como de uma divisão de classes a serviço do capital (SEVCENKO, 1998).

Ao que se percebe, a banda supracitada se fazia presente nas festas de diversos clubes, demonstrando certa tradição dos eventos esportivos, em especial os do pedestrianismo (JORNAL DO BRASILd, 1907). Estas provas, em geral, eram organizadas pelo diretor de diversões, que buscavam ferramentas para a participação de um maior número de pessoas (JORNAL DO BRASILc, 1903). As provas costumavam receber nomenclatura de pessoas famosas, de pessoas e periódicos da imprensa, datas comemorativas, locais da cidade, além de provas com o nome dos próprios clubes. Os páreos mais disputados eram comumente chamados de “Grande Prêmio” e os poucos páreos destinados às mulheres de “Bello Sexo”. Era um hábito, ao final dos festivais ou nos intervalos dos páreos, oferecer um “lunch” aos que prestigiaram as provas, que em sua maioria contavam com as arquibancadas lotadas (JORNAL DO BRASIL, 1903; JORNAL DO BRASILb, 1904). No que toca o período de realização dos programas, a grande maioria das provas e atividades veiculadas pela imprensa ocorriam no período da manhã e da tarde, favorecendo assim a presença do público. Estes fatos podem ser explicados na medida em que

Paradoxalmente, portanto, ampliação do tempo e espaço privados para o interior do âmbito público e inserção da experiência íntima no plano regulado das energias aceleradas e dos mecanismos massificantes. No primeiro caso há um desinvestimento do público em favor do privado; no segundo, é o privado que passa a se modular por uma norma cada vez mais coletiva. Essa antítese caracteriza a condição por excelência do homem moderno (SEVCENKO, 1998, p.551).

Como a imprensa era peça fundamental para mover a engrenagem esportiva, esta se fazia presente na grande maioria das atividades, inclusive, as associações tinham como hábito convidar alguns jornais a estarem presentes em suas atividades (CORREIO DA MANHAf, 1905; O SECULOg, 1907). A imprensa era convidada inclusive para a participação da fundação de clubes, como o Club Athletico Carioca (O MALHO, 1904).

Outro hábito era nomear alguns campeonatos em homenagem à imprensa, como o “Grande premio Imprensa” e nomear determinadas provas com os nomes dos jornais (CORREIO DA MANHA, 1908; O SECULOj, 1907; JORNAL DO BRASILc, 1903). Nestas provas, o destaque se dava ao tratamento dado a imprensa pelos clubes, no qual “a directoria foi de uma fina gentileza para com os representantes da imprensa”, onde estes membros, como o Sr. Belach, tratavam a imprensa “com a delicadeza que lhe é peculiar, levou ao buffer o nosso representante, saudando por essa ocasião a nossa folha” (CORREIO DA MANHA, 1908, p.5). A premiação, é válido ressaltar, era entregue por representantes da imprensa, fatores estes que faziam com que a imprensa divulgasse e saudasse estas festas frequentemente. Em provas, o representante da imprensa era convidado a participar como juiz de chegada, deixando este lisonjeado pelo prestígio dado pelos organizadores (JORNAL DO BRASILc, 1903).

Estes fatos demonstram que havia uma relação de interdependência entre o desenvolvimento esportivo, em especiais das instituições, e a imprensa, fazendo com que ambos se retroalimentassem, tendo em mente que “escrita e saber estiveram, em geral, ligados ao poder e funcionaram como forma de dominação ao descreverem modos de socialização, papéis sociais e até sentimentos esperados em determinadas situações” (DEL PRIORI E BASSANEZI, 2001, p.402). Cabe aqui lembrar que houve na época, no Brasil, uma modernização acelerada a qualquer custo. Quanto maior o distanciamento do passado remoto melhor, tendo em vista a construção de uma nova nação com símbolos e recursos que traduzem novas relações de poder e prestígio. Neste caso, ao buscar reformular a ordem, e não pensar no passado, novas formas de difusão das notícias e acontecimentos passam a ser referência, tais quais o jornalismo que difundia os bens de consumo e as formas de diferenciação e distanciamento das parcelas excluídas e menos abastadas da sociedade (SEVCENKO, 1998).

Outro fato interessante ao se analisar as fontes se deve ao fato de que apenas uma prova reportada pela imprensa foi iniciada no período noturno, o que se configura enquanto inédito e extraordinário para a época, uma vez que a iluminação noturna das casas e das ruas eram precárias e o transporte público se fazia inexistente a partir de certo horário da noite (CORREIO DA MANHAb, 1908). Este fato foi possibilitado devido ao projeto de reurbanização do Rio, a regeneração usava como bases os bulevares parisienses, dando um caráter cosmopolita, desejado pela nova sociedade republicana. Este novo cenário buscava também uma nova moral e ética, onde “com a

abertura das avenidas, os apetites, as ambições, os vídeos jorraram” (SEVCENKO, 1998, p.153). Este projeto gerou um grande impulso das inovações tecnológicas, tal qual bondes e redes de energia elétrica, que permitiu um aumento na capacidade de circulação de pessoas e imagens, tal qual a realização um aumento na vida noturna da cidade, que envolvia as atividades relacionadas ao montanhismo (PERROTA, 2001).

Ao analisar esta febre esportiva pelo viés econômico, merece destaque que em algumas atividades realizadas pelas associações as inscrições eram reabertas com a finalidade de conseguir um número maior de participantes (O SECULO^f, 1907). Haviam também provas voltadas para atletas veteranos, fazendo com que se conseguisse um público ainda maior para participar dos eventos (O SECULO^j, 1907). Outro ponto interessante diz respeito ao patrocínio envolvido em algumas provas. Algumas premiações eram realizadas por patrocinadores dos eventos, como os objetos de arte fornecidos pelo patrocinador “Passarinho”, em evento realizado pelo tradicional Club Athletico Carioca, no dia 09 de Junho de 1907 (JORNAL DO BRASIL^c, 1907). Determinadas disputas, como a realizada no dia 07 de julho de 1908 pelo Club Sportivo Guarany, tinham o formato de campeonato. No referido campeonato, o vencedor seria o que obtivesse maior número de pontos obtidos em três provas (500, 1000 e 2000 metros). Em caso de empate haveria uma corrida desempate com a distância de 1000 metros. Como premiação o primeiro lugar receberia um relógio de ouro de uma famosa marca (Lange), o segundo medalha de ouro, o terceiro, medalha de prata dourada, medalha de prata aos 4º e 5º colocado e medalha de bronze ao 6º. Destaca-se que a inscrição era paga e que deveria ter ao menos 10 inscritos para que o campeonato ocorresse (CORREIO DA MANHA, 1908; GAZETA DE NOTICIAS, 1908).

Em festa organizada pela imprensa para a divulgação de alguns esportes, como o montanhismo, compreendida como um meeting esportivo, ocorreu a presença de espectadores desde cedo, devido a entrada franca, o que ocasionou num super-evento nos jardins do Campo de Sant’Anna. O evento foi patrocinado pela “Cervejaria Hanseatica, sendo belissimamente ornamentada, contando com a banda de música do Corpo de Bombeiros. Tamanho era o número do público que as pessoas não conseguiam se deslocar pelo parque. A presença maciça da população fez com que os organizadores, que pensavam em um evento para as elites, tal qual esta prática, ficassem atônitos e sem saber qual decisão tomar. Como não foi solicitada a presença da polícia para impedir a invasão popular às pistas de corrida e a guarda civil era impotente para

conter “a avalanche de cavalheiros, senhoras, senhoritas, rapazes, meninos, meninas e crianças, além, dos cachorros”. Depois de uma luta os organizadores conseguiram convocar os competidores e abrir um espaço no local destinado à prova. Após a realização de uma eliminatória entre os clubes, a multidão dobrou em número, o que levou a organização a adiar o evento para o próximo domingo, o que gerou um esvaziamento do espaço em poucos minutos, o que permitiu a realização de mais um páreo (A IMPRENSAc, 1914; GAZETA DE NOTICIASc, 1914). Na semana seguinte, a continuação desta festa que marcou o início da temporada esportiva de 1914, ocorreu no campo de São Cristóvão, contando com cerca de 40 mil espectadores para as provas de pedestrianismo. O evento movimentou a cidade, que apesar dos bondes, levou inúmeros carros e carruagens as ruas. Após as chamadas dos competidores representantes dos clubes, atletas e diretores, devidamente uniformizados, foram realizados desfiles de apresentação e, na sequência, as provas eliminatórias. Após as eliminatórias foi realizada a disputa interclubes, sendo o clube campeão aquele que levou a taça do torneio, além de medalhas de ouro (A IMPRENSAd, 1914). Estes fatos indicam que o campeonato não possuía apenas um caráter de confraternização, disputas, rivalidades, mas também mercadológico. Segundo Marzano e Melo (2010) o esporte, entendido enquanto um fenômeno cultural, possui, no Rio de Janeiro, na transição do século XIX para o XX, como principais características

se organizar em entidades representativas (clubes, federações, confederações); possuir um calendário próprio (já não mais seguindo estritamente outros tempos sociais ou rituais); envolver um corpo técnico especializado cada vez maior; gerar um mercado ao seu redor (MARZANO e MELO, 2010, p.49).

Havia também corridas de abertura da temporada anual, como a realizada no dia 21 de janeiro de 1908 pelo Club Athletico Major Dias Jacara (O SECULOOb, 1908). Algumas provas se tornavam específicas para comemorações. No 12º aniversário do Velo Club, por exemplo, foi realizada uma festa que contava com uma corrida noturna, algo pouco comum na época. A prova constou com um total de 13 páreos, com distâncias maiores que as habituais, variando de mil a 23 mil metros. Destes páreos, 3 eram destinados para alunos de colégios famosos da época como o Gymnasio Nacional, Collegio Militar e Pio Americano. Outra prova, pouco habitual era a corrida com

obstáculo, destinadas para meninos com até 10 anos, com distancia de 130 metros (CORREIO DA MANHÃ, 1908). Deve-se destacar que as provas específicas para cada colégio, bem como de páreos voltados para o público infantil possivelmente seriam uma maneira de angariar novos sócios para o clube. Algumas destas associações eram voltadas para este público infante-juvenil, tal qual o Juvenil Pedestre Club, o que indica uma preocupação da educação dos adolescentes e jovens adultos, buscando uma formação voltada para o futuro da nação (A NOTICIA, 1909). Todavia, alguns casos fugiam a esta “regra”. Dentre as provas voltadas para crianças e adolescentes, incluindo as exclusivas para alunos do Externato Hermes, como as realizadas no dia 21/04/1908. Dentre estes “pareos” destacam-se o “Externato Hermes”, voltados para alunas de 5 a 9 anos; “13 de Julho”, voltado para alunos de 12 a 14 anos; “Bello Sexo”, voltado para meninas de até 12 anos (A IMPRENSA, 1908). O externato Hermes era constantemente homenageado pelo clube, tendo provas voltadas para alunos deste externato, levando a crer que se tratava de uma instituição com relevância social para a cidade do Rio de Janeiro (JORNAL DO BRASIL, 1907). Algumas destas crianças e adolescentes eram vistos como jovens promessas para o futuro, como o caso de Carlos Lebro, “uma criança ainda, pois não pode contar mais de 14 annos, fez uma bella corrida no 1º pareo, vencendo em m tiro de 600 metros, seus competidores, folgadamente” (JORNAL DO BRASILc, 1903, p.4). Observa-se, que para além da questão mercadológica, existia uma preocupação em difundir o hábito esportivo nas crianças e adolescentes, na qual

Mais do que a explicitação da diferença, tratava-se da definição da desigualdade, que daria aos jovens reunidos nos clubes esportivos um caráter hierarquicamente superior aos demais. Contando para isso com o decisivo apoio das teorias higiênicas, que definiriam a superioridade dos indivíduos adeptos do exercício físico sobre o grosso da população brasileira (PEREIRA, 2000, p.60).

Este uso das práticas esportivas já estava enraizado desde o século XIX, no qual o corpo atlético e o espírito esportivo eram encarados enquanto alguns dos pilares, de grande utilidade na educação e formação dos jovens das elites dominantes que futuramente ocupariam cargos de liderança no Império. (DEL PRIORI e AMANTINO, 2011). Ao se falar destes padrões, de corpo e espírito esportivo, deve-se ter em mente que durante o século XIX “a maioria dos artistas em atividade no Rio de Janeiro

continuou a ser de estrangeiros, assim como os profissionais que introduziam as técnicas de reprodução da imagem. Com eles vinham também os padrões estéticos do mercado internacional” (PERROTA, 2001, p.59). Porém, engana-se quem pensa que tais padrões eram facilmente aceitos e incorporados pelos brasileiros. Deste modo, havia alguns atritos, por parte daqueles que não enxergavam no esporte como uma mostra de força e virilidade, mas sim um fator de degeneração, produzindo corpos disformes e deformados. Alguns cronistas, inclusive, tinham certa aversão ao culto à força e colocavam como antagônicos ao intelecto, que destacava no ser humano a sua animalidade (PEREIRA, 2000).

Outro fato interessante de ser pontuado se deve ao fato de que as corridas de aniversário geravam expectativa, a medida que, como na festa de aniversário do Club Athletico Major Dias Jacare, “reina entre os sócios grande animação por esta prova, que se revestirá de muito interesse, tratando-se, como se trata, de corredores amestrados e bem disposto” (O SECULOg, 1907, p.3). Os programas de corrida eram disputados com animação, em alguns casos demonstrando que os corredores estavam bem preparados (JORNAL DO BRASILb, 1907). A relação entre o nível de prática dos corredores parece ser um dos fatores que contribuía para a grande expectativa, além das comemorações, logo quanto maior o nível das provas maior o público, tendo em vista que este campo esportivo envolvia todo um corpo técnico a sua volta que permitia que o espetáculo estivesse associado aos resultados esportivos (MARZANO E MELO, 2010).

Os grandes centros esportivos do Brasil se concentravam nos estados do Rio de Janeiro, São Paulo e Pará, havendo, inclusive, uma “Taça-Pará-Rio-São Paulo”, havendo comitês específicos para a realização destas provas (GAZETA DE NOTÍCIAS, 1914). Vale destacar que a prova mais importante de pedestrianismo da América do Sul, instituída em 1918, era realizada na cidade de São Paulo. Denominada de “Estadinho”, a prova de 24 kilometros despertava interesse nos centros athleticos. Em sua primeira edição contou com 55 corredores, já em sua segunda edição 77 (GAZETA DE NOTÍCIAS, 1919). Os diferentes esportes, em especial os náuticos, passaram a ganhar grande atenção das autoridades, como o prefeito do Rio de Janeiro, e o presidente da republica, chamando a atenção e um trato diferenciado do estado frente às demais associações. À medida que ganhavam publico e respeito, as associações esportivas iam se alastrando pela cidade (PEREIRA, 2000).

No caso do montanhismo não foi diferente, uma vez que a imprensa da época, através de suas publicações, dava a entender que a criação de entidades e campeonatos seria interessante para o desenvolvimento das atividades que envolviam tal prática. No início do século XX, houve um aumento significativo no número de associações esportivas que ofertavam tais atividades, o que resultou também em maior número de provas e atividades realizadas, demonstrando que o montanhismo se tornasse uma prática corporal institucionalizada, um esporte, amplamente praticado no Brasil. Merece destaque que muitas destas instituições envolviam diversos esportes tais como o ciclismo, o tiro ao alvo, o turfe, dentre outros. Como principais associações que desenvolviam tais práticas pode-se citar o Club Athlectico Carioca, Club Sportivo Guarany, Racing Club Amazonense, Andarilhos-Grupo, Club Sportivo Carioca, Club Sportivo Fluminense. Club Athletico Major Dias Jacare, Velo Club Petropolitano, Juvenil Pedestre Club, Sport-Club Jose Floriano, Brazil Athletico Club, Rio Sportivo, Club Atletico Liberdade, Athletico Club, Club Athletico Tijuca, Club Athletico da Tijuca. As instituições esportivas eram fundadas através de grupo de amigos que tinham como paixão os esportes e buscavam cultivá-los e se desenvolver fisicamente (JORNAL DO BRASIL, 1904). Observa-se que, para além dos locais e finalidades “Essas agremiações adotam os nomes mais diversos, em geral sempre associados a uma ideia de união e junção” (FONSECA, 2008, p.117).

As condições das associações possuíam relação com a idade, gênero, local de residência, profissão. Algumas associações tinham como pano de fundo a solidariedade e a proposição de melhoria das condições econômicas do povo. Contudo, “as sociedades não eram grupos homogêneos e as diferentes visões políticas que nelas coexistiam podiam se manifestar tanto em disputas internas como em soluções de compromisso” (FONSECA, 2008, p.161).

Neste sentido, “a proliferação de redes associativistas pode também ser vista como desdobramento de processos macro políticos relacionados ao delineamento das nações e dos nacionalismos” (MELO E PERES, 2014, p.96). Por exemplo, a criação de agremiações portuguesas pode ser vista como uma estratégia de afirmação e conformação dos lusitanos, seja para encarar os problemas quanto para exaltação e celebração da sua pátria, pois

entre os populares foram muitas as manifestações de contestação aos lusitanos, mais ou menos violentas, origens de uma ironia que vai se perpetuar até os dias de hoje. Eram considerados interesseiros e exploradores, criticados por privilegiarem os que vinham de Portugal em detrimento dos brasileiros. Na verdade, poucos não eram os incômodos com o protagonismo dos portugueses, na alta e baixa esfera social (MELO E PERES, 2014, p.121).

Logo, as tensões sociais se faziam presentes também no dia-a-dia e no interior dos clubes, já que

Apesar da solidariedade pregada em seus estatutos, esses clubes constituíam um eficaz meio de organizar, de um bairro para o outro ou dentro de cada bairro, as tensões e diferenças que separavam seus sócios, estabelecendo hierarquizações diversas entre eles. Tratava-se, assim, de ressignificar esse senso de solidariedade, circunscrevendo-o aos limites de cada grêmio (PEREIRA, 2000, p.243).

Deste modo,

as sociabilidades presentes nesses espaços podem ser lidas, ao mesmo tempo, como resultado e reforço do seu caráter intraclassista, em que se fomentariam as relações entre iguais, a busca de um grau de homogeneidade marcada pela articulação significativa com o estrato e a origem social. A ênfase estava na valorização das interações que buscavam se distinguir e definir fronteiras daqueles que são considerados os outros (MELO e PERES, 2014, p.173).

Na busca de melhor compreender esta distinção de fronteiras é válido aprofundar as diferentes formas de se portar, o que incluía também a forma de se vestir. O Andarilhos Grupo inclusive determinava “que o uniforme dos corredores passo a ser o seguinte: bonet preto e encarnado, dividido em quatro gomos, camisa preta com faixa encarnada a tiracolo e calção, meias e ligas pretas e sapatos brancos” (JORNAL DO BRASILd, 1904, p.1). Os uniformes podem ser entendidos como marcos distintivos, e identitários, de cada clube. O Club Athletico Carioca definia seu uniforme como sendo calção e camisa preta com faixa branca a tiracolo, sapatos pretos ou brancos, e boné preto com gomo branco (JORNAL DO BRASILc, 1907). Somado a este fato, os mesmos deveriam se apresentar de acordo com as normas do clube, criando assim um caráter normativo e de identidade de cada associação. Logo, o uso de vestimenta ia para

além das normas de civilidade, questões estéticas e higiênicas, diziam respeito, também, a uma valorização por parte dos sócios, prevista nos estatutos dos clubes (MELO e PERES, 2014).

Outra forma de buscar a distinção dizia respeito às sedes das associações que desenvolviam atividades esportivas, tal qual o montanhismo. A localização da sede não era determinada apenas pela residência da população como um todo, mas sim a sua relação com os locais de trabalho, dispor de melhor rede de transporte, de modo a permitir um deslocamento mais fácil de seus associados (FONSECA, 2008). A região da Tijuca sediava inúmeros clubes, como O Velo Club, localizado na rua Haddock Lobo. O Club Athletico Carioca, fundado em 21 de Agosto de 1904, que tinha por finalidade cultivar o ciclismo e o pedestrianismo, era sediado na rua S. Francisco Xavier (O MALHO, 1904). Já Club Athletico Major Dias Jacare, possuía um “bello hyppodromo”, na sua sede em Vila Isabel, onde eram realizadas suas festas esportivas (CORREIO DA MANHAF, 1905). Portanto, existia uma relação direta com os residentes do bairro, na medida que alguns esportes eram elitizados, o que fazia com que os clubes e as festas fossem honradas “com a presença da fina sociedade do bairro” (O SECULOg, 1907, p.3). Somado a este fato o bairro era considerado como salubre, frente a outros bairros que sofriam com as mazelas de um processo de urbanização não planejando (JORNAL DO BRASIL, 1904). Outro fator determinante para distinguir estas sedes dos clubes era possuir uma boa acessibilidade. Neste sentido, o Club Sportivo Carioca possuía sede na rua General Camara, nos arredores da Praça da República (Campo de Sant’Anna), que costumava ser um local bastante utilizado para práticas desportivas, devido ao seu fácil acesso e a presença de bondes no entorno (O SECULO, 1907). Assim, fica evidente que

As sedes não eram apenas o lugar do exercício principal da atividade associativa, o espaço de reunião dos membros ou de fornecimento de serviços aos associados. Eram também uma das faces visíveis da associação na sociedade e, por isso, tanto a sua localização física quanto a sua arquitetura deviam funcionar como um monumento a própria associação e seus ideais, o que terminava por dignificar seus associados (FONSECA, 2008, p.161).

No que toca aos locais aonde eram realizadas as atividades, alguns clubes optavam por suas próprias sedes e outros optavam por utilizar locais públicos. O Club

Major Dias Jacaré utilizava sua sede no nobre bairro de Vila Isabel. Já o Club Sportivo Carioca, costumava realizar suas corridas no Jardim Zoologico, havendo provas com inscrições livres (CORREIO DA MANHA, 1905; CORREIO DA MANHAf, 1905). O Club Athletico Carioca realizava suas provas e festas, tal qual a festa de 1 ano de aniversário do clube na qual foi realizada uma corrida denominada grande premio, em seus terrenos na rua Jockey Club (O MALHO, 1905). Posteriormente, o referido clube mudara sua sede para a rua Senador Pompeu (O SECULOf, 1907). Logo, compreende-se que determinadas associações possuíam maior poder econômico e inserção dentro da vida esportiva da cidade do Rio de Janeiro. O Club Sportivo Guarany tinha por costume ornamentar sua pista de competição, localizada na rua d. Anna Nery, deixando-a com aspecto encantador. Era comum que as festas lotassem o estabelecimento, dando a impressão de que o espaço era insuficiente para o numero de pessoas presentes (JORNAL DO BRASILb, 1907). As notícias acima apresentadas dão conta de que existia uma relação entre as sedes e os associados no que diz respeito ao caráter econômico, na qual “Esperava-se que as sedes atraíssem mais membros e, portanto, era importante que os edifícios demonstrassem viabilidade econômica da associação” (FONSECA, 2008, p.161).

Porém, seja qual for o tipo de prova, o esporte era visto como algo benéfico e prazeroso, sendo motivo de festejar seu acontecimento. Tamanho era o prestígio destas atividades que uma deles contou com a presença do presidente da republica, com o “Grande Premio” homenageando-o, “que esteve adorável, enorme a concorrência de senhoras, senhoritas e cavalheiros. O palacete da sede do Velo Club apresentava! sumptuoso aspecto, pela boa ornamentação” (O SECULOh, 1907, p.3). Este evento foi tão distinto que incluiu a distribuição para as famílias presentes de artefatos de seda, sorvete, dentre outros, além de contar com a banda do exército. Tal presença não poderia ser considerado um fato isolado, uma vez que existiam preocupações governamentais com relação a imagem que era veiculada da cidade do Rio de Janeiro mundo afora. Não a toa a febre dos cartões postais teve seu apogeu na década de 1910, no mesmo período em que a febre esportiva era amplamente veiculada. Para além das reformas urbanísticas, a vida esportiva da cidade era motivo de se comemorar e de se difundir por todo o mundo (PERROTA, 2001). Em geral, os pontos de encontro aconteciam em locais centrais devido as facilidades. A praça da bandeira era um local de encontro devido a localização próxima das montanhas (A NOITEb, 1918). O largo

da carioca era um ponto de encontro para diversas atividades, a medida que ficava em uma região privilegiada pelo transporte e comércio (O IMPARCIAL, 1916). O largo era ponto comum das atividades de alguns clubes, como o já citado Centro Suíço Sportivo, que iniciavam neste ponto de encontro as atividades da série “Excelsior”. Em uma prova desta série, com 22 quilômetros de percurso, percorreu grandes atrativos da região que hoje conhecemos como Parque Nacional da Tijuca, passando por Alto da Boa Vista, Cascatinha, Bom Retiro, Pico da Tijuca, Furna Luiz Fernandes e Furna Paulo e Virginia (O IMPARCIAL, 1916). Ao se pensar em tais locais, bem como no porquê dos encontros nas regiões centrais da cidade, deve-se deixar claro que na projeção da geografia moral carioca, para além das reformas urbanas ocorridas, existia uma tentativa de expurgar da região central tudo aquilo que era considerado bárbaro e velho, bem como de trazer práticas de lazer, tais quais o montanhismo, associadas à civilidade e ao moderno. Logo, determinados espaços, como os descritos acima, não deveriam ser coabitados, uma vez que a civilização estaria associada ao modo de ser europeu, devendo ocorrer uma cosmopolização de tais espaços (SANTOS JUNIOR, 2017). Nesta cosmopolização, a rapidez das transformações urbanas fez com que a área central da cidade se transformasse em tempo recorde, irradiando os símbolos da modernidade que havia chegado, símbolos estes que a imprensa fazia questão de representar, como nas publicações descritas acima (SEVCENKO, 1998).

Ao se analisar a distinção de algumas provas, deve-se ter em mente que as glórias não se davam apenas em função das conquistas e das pessoas que dela participavam. Como premiação estas provas tinham medalhas de ouro, que eram raras, prata e bronze, além de objetos e obras de arte, sendo estes mais comuns em provas femininas (O PAIZb, 1907; A IMPRENSA, 1908). Em algumas festividades, nem o tempo ameaçador era capaz de diminuir o ímpeto do público, como na festa de 1 ano da fundação do Athletico Club, seja este composto por “gentis senhorias, moradoras do pittoresco bairro da Tijuca e de muitos sportmen, concurrencia que se avolumou mais tarde” (JORNAL DO BRASILc, 1903, p.4). Por sinal, o aumento do número e de divulgação de provas nas quais as mulheres participavam como atletas ou espectadoras pode ser explicado na medida em que “um dos grupos sociais que mais ganhou em visibilidade com o desenvolvimento do campo esportivo foram às mulheres. Considerada uma prática saudável e familiar, a presença feminina se tornou aceita e exaltada nas arquibancadas. Eram responsáveis por embelezar as competições. Os

jornais se esmeravam em anunciar o comparecimento de jovens da nata da sociedade, ressaltando seu ar de alegria, belo aspecto, suas roupas” (DEL PRIORI e AMANTINO, 2011, p.522). Conforme será visto mais adiante, esta mudança da presença feminina no campo esportivo não se deu de forma repentina, mas sim fruto de inúmeros embates.

Determinadas provas tinham suas premiações alteradas, como a do pareô realizado pelo Sport Club, no dia 06 de março de 1904 no Jardim Zoológico, sendo substituídos os objetos de arte por medalhas de prata e bronze (JORNAL DO BRASIL, 1904). Em provas de grande relevância, joias também eram premiações constantes em provas, tais como relógio de prata da marca Ômega, e relógio de ouro da marca Lange (JORNAL DO BRASIL, 1906; CORREIO DA MANHA, 1908). Nas provas com muitos páreos voltados para o público infantil e para mulheres as premiações poderiam ser violas, lapeseiras, cestas de bombom, leques, canetas, caixas de po de arroz, lapis-caneta, espelhos, cinturões (GAZETA DE NOTICIAS, 1906). Neste sentido, fica evidente que buscava-se delinear uma associação entre o esporte e o estilo de vida por aqueles que pertenciam a tais círculos, já que

Com a sua vinculação a saúde (uma relação equivocadamente linear que permanece até os dias de hoje), a publicidade, que no momento também melhor se delineava, não deixou o esporte passar despercebido. Vários produtos passaram a ser vendidos tendo-o como mote: tônicos, fortificantes, xaropes. Muito rapidamente ao redor da nova prática, dialogando com a própria melhor configuração de uma indústria do entretenimento, foram concebidas e implementadas estratégias múltiplas e cada vez mais multifacetadas de negócios. Não surpreende, assim, que tenha sido progressivamente compreendida (e por alguns adotada) como um estilo de vida (MELO e PERES, 2014, p.34).

Estatutos e normas de operar

No que toca aos diferentes modos de administração, as provas e festividades eram utilizadas como atrativos para angariar mais sócios, e conseqüentemente, mais fundos para que as instituições pudessem se desenvolver. A inadimplência de alguns sócios se fazia presente no dia a dia das associações, o que fazia com que algumas destas, como o Club Athletico Major Dias Jacare, levasse a perdoar dívidas para que

não se perdessem estes sócios (CORREIO DA MANHAb, 1905). Clubes, como o Club Sportivo Juvenil, contratavam pessoas específicas para cobrar as dívidas de sócios inadimplentes (O SECULOm, 1907). Tais fatos vão ao encontro da visão de que estas associações

Eram também escolas de democracia, na medida em que se regulavam por normas criadas pelo próprio grupo, educavam seus membros no debate, estimulavam sua participação e conscientizavam-nos de que o êxito ou fracasso do grupo era responsabilidade de todos (FONSECA, 2008, p.204).

As reuniões dos clubes ocorriam para tratar de assuntos organizacionais, e da prática do esporte em si, sendo em sua maioria realizadas no período noturno. O Club Sportivo Fluminense tinha por hábito realizar reuniões noturnas para tratar de assuntos referentes as próximas corridas (O SECULO, 1908). Os clubes, desde sua inauguração, tinham por hábito realizar reuniões da diretoria para tratar de confirmações de vitórias, conforme o Club Athlectico Carioca. Todavia, algumas destas eram adiadas devido as condições climáticas, como a reunião do referido clube no dia 18 de março, na qual “por motivo do mau tempo, não se reuniu ante-hontem a directoria para tratar da confirmação das victorias da corrida inaugural” (JORNAL DO BRASILb, 1905, p.5). Tal cancelamento está associado à infraestrutura da cidade na época, que por mais que tivesse avançado, ainda não possuía condições de garantir um deslocamento com qualidade em condições climáticas desfavoráveis.

Algumas provas tinham seus resultados discutidos nestas reuniões, sendo realizadas desclassificações de corredores e a anulação de páreos por descumprimento de regras (JORNAL DO BRASILc, 1904). Diretorias, através de reuniões confirmavam resultados de corridas realizadas e definiam como seriam as próximas provas. Algumas destas reuniões ocorriam aos finais de semana o que possibilitava uma maior presença de seus sócios (CORREIO DA MANHA, 1905). Associações, como o Club Sportivo dos Liberaes, reuniam-se para a eleição de novas diretorias, sendo as eleições divulgadas pela imprensa, bem como o resultado das mesmas (O SECULOd, 1907; O SECULOe, 1907). Era hábito as antigas diretorias realizarem festas para saudar os novos diretores (JORNAL DO BRASIL, 1904). As associações esportivas costumavam ser organizadas por uma diretoria eleita. Em sua maioria o mandato era de um ano,

sendo comum a eleição de esportistas praticantes das modalidades da qual a instituição promovia (O SECULOc, 1907). No Club Athletico Carioca a diretoria era composta por tesoureiros, procuradores, diretor de corridas, secretário, presidente e vice. Em sua fundação, o clube prometia ser um belo centro de diversões, sendo saudado com inúmeras felicidades (TAGARELA, 1904). O Brazil Athletico Club possuía em sua diretoria, além dos cargos de presidente e vice, secretário, tesoureiro e procurador um comitê voltado para provas (O SECULOi, 1907). As reuniões, bem como os diferentes modos de organização, dão conta de que ao aderir à agremiação o sócio teria a possibilidade de ter uma experiência democrática bem como uma relação específica com o aparelho estatal. Também através da vida associativa poderiam partilhar de símbolos identitários. Deste modo, o esporte reforçava seu status de prática moderna, desejável a uma nação recém tornada república e em vias de reconstrução (MELO E PERES, 2014).

Era comum, durante os primórdios destas associações, que as mesmas passassem por adaptações necessárias para melhor satisfazer a necessidade dos participantes. O Andarilhos-Grupo, por exemplo, passou por uma reunião onde foram eleitos os membros da direção que teriam de reorganizar o grupo esportivo, sendo nomeados novo tesoureiro, secretário e presidente (CORREIO DA MANHA, 1905). Em determinadas situações, pessoas mudavam de clube na qual eram filiados, bem como participavam de mais de um clube, como o caso do Sr, Germano Mendes, que era ex diretor de corridas do Club Sportivo Carioca e passou a integrar o quadro de sócios efetivos do Club Athletico Carioca (JORNAL DO BRASIL, 1907). Ocorriam também assembleias extraordinárias para tratar dos cargos em vacância (CORREIO DA MANHA, 1905; O SECULOd, 1908). A vacância de cargos não era algo raro neste início de século, tendo em vista que eram comuns demissões a pedido, o que gerava a necessidade de se realizassem assembleias para a substituição destes membros, como a realizada no dia 6 de junho de 1906 pelo Club Athletico Major Dias Jacare (CORREIO DA MANHAb, 1905). No dia 05 de novembro de 1907 o Sport-Club Jose Floriano conseguiu preencher as vagas para secretário e tesoureiro, que no mesmo dia da eleição já empossou os candidatos eleitos (O SECULOOb, 1907). Porém, é válido ressaltar que as publicações analisadas não foram suficientes para compreender o porquê destas mudanças de clubes dos afiliados, bem como das diretorias. Acredita-se que tal movimento poderia estar

associado à relação de amizade presente entre os clubes, bem como da hierarquia social, em função do prestígio, entre os clubes da capital.

Em função de tantas mudanças, e troca de associações por parte dos sócios, algumas estratégias se faziam necessárias para que os sócios se fidelizassem e criassem vínculos. Neste sentido, algumas destas associações procuravam valorizar aqueles sócios que mais se dedicavam aos esportes e a vida dos clubes. O Club Sportivo Juvenil, inclusive, em suas reuniões, premiou aqueles sócios que obtiveram maiores números de propostas no ano de 1907 (O SECULO, 1907). Algumas medalhas eram entregues em reuniões e os sócios que tinham a receber deveriam solicitá-las e se habilitarem nas reuniões, buscando assim um maior envolvimento dos praticantes com a vida organizacional do clube (O SECULO, 1907; O SECULO, 1908). Esta valorização e premiação para estes sócios ocorriam, pois,

enquanto na Inglaterra e na América, todos os interesses sociais saídos da esfera restrita do Estado eram promovidos por sindicatos, cooperativas, clubes, ligas, sociedades de caráter econômico, moral, artístico, científico, político ou recreativo, entre nós, formas de solidariedade voluntária, de cooperação espontânea e livre, só apareceriam sob grandes entusiasmos coletivos (FONSECA, 2008, p.37).

As atividades dos clubes eram organizadas pelo diretor de diversões ou pelos diretores de corridas (JORNAL DO BRASIL, 1903; O PAIZ, 1906). Em prova realizada pelo já citado “Centro de Cultura Physica”, os 6 mil metros deveriam ser percorridos a beira mar. Os concorrentes deveriam estar uniformizados e numerados na frente e nas costas, demonstrando uma organização muito criteriosa para as provas disputadas até então (GAZETA DE NOTÍCIAS, 1914). Havia um diálogo entre os organizadores das provas e os “sportsmen”, buscando uma melhor organização dos festivais, o que culminavam em algumas resoluções

I- Não poderão ser aceitas as inscrições de corredores que não falam parte de um club sportivo qualquer desta capital.

II- Os corredores terão de se apresentar devidamente uniformizados, de acordo com as vestimentas dos clubs a que pertencerem.

III- As inscrições serão encerradas definitivamente na terça feita, 10 do corrente, a noite, impreterivelmente.

IV- As inscrições serão gratuitas e a entrada no Campo de Santa Anna, local do festival, franca(GAZETA DE NOTICIAS, 1914, p.5).

Neste sentido, o localismo também se fazia presente, pois filiados a clubes que não fossem da capital não poderiam sequer se inscrever em determinadas provas prova, se limitando a participar como espectadores. Inclusive, a forma de se referenciar aos clubes da capital se fazia de forma diferenciada. Neste sentido, clubes como o Club Juvenil Sportivo, eram exaltados. O jornal Gazeta de Notícias de 4 de abril de 1916, ao descrever o citado clube, afirma que “ a valorosa aggreiação que com tanto esforço e entusiasmo vem despertando nesta capital o amor pelo pedestrianismo” (p.7). Estes fatos podem ser explicados na medida em que

Fazendo nos centros esportivos espaços de reunião de estudantes endinheirados, altos funcionários e de capitalistas em geral, esses sportmen faziam de seus clubes um meio de constituir associações restritas, que tinham no caráter selecionado de seus associados uma de suas marcas principais (PEREIRA, 2000, p.63).

Os festivais esportivos ocorriam não apenas na cidade do Rio de Janeiro. Em um destes, ocorrido em Petrópolis, o Velo Sport Petropolitano homenageou o Sport Club Carioca, oferecendo, inclusive, uma prova exclusiva para sócios do clube homenageado. A cordialidade se fazia tão presente entre os clubes que “os rapazes do Petropolitano esperam os do Carioca com carros, banda de musica, flores, etc.. e lhes darão hospedagem em um dos principaes hotéis da bella cidade serrana” (CORREIO DA MANHA, 1907, p.4). Também ocorriam idas de atletas cariocas para as disputas de provas como a dos 10 mil metros da taça “Cidade de São Paulo” (GAZETA DE NOTICIASc, 1907). Uma constatação interessante que corrobora com a cooperação interclubes se deve ao fato destes conservarem uma relação de amizade e parceria entre si, o que pareceu ser fundamental para o desenvolvimento destas práticas. Em alguns casos, os clubes emprestavam suas sedes para que os clubes que não possuíssem sede própria, ou estivessem em reforma, pudessem realizar suas provas, como o Club Sportivo dos Liberaes, que realizava suas provas na pista do Club Athlectico Carioca,

“gentilmente cedido pela sua directoria” (O SECULOj, 1907; O SECULO^k, 1907; O SECULO^l,1907).

Outro ponto que é interessante ressaltar era que as agremiações, mais bem estruturadas, cedessem suas instalações para que algumas congêneres realizassem suas provas e festividades, demonstrando a fraternidade existente entre estas, desde que pertencessem a um mesmo círculo social (MELO E PERES, 2014). Por estes motivos, alguns sportman costumavam participar também dos eventos de outros clubes (JORNAL DO BRASIL^b, 1907). Estes laços entre os clubes eram, então, estreitados pois

Promovendo festas conjuntas, trocando ofícios com gentilezas mutuas e emprestando o campo uns aos outros, esses clubes firmavam para si mesmos a cordialidade de parceiros, mutuamente identificados como a vanguarda do futuro que médicos e educadores pretendiam impor ao país (PEREIRA, 2000, p.55).

A organização e evolução do esporte também podem ser observadas nas provas voltadas para crianças e adolescentes, como “raid escolar” de 18 kilometros organizado pelo Centro Cívico Sete de Setembro. O “raid”, com partida as 7 horas da manhã, voltado para estudantes acima de 16 anos das escolas militares, teve como ponto inicial a rua Barão de Rio Branco, no centro da cidade, e destino o Jardim Botânico. Durante os 12 primeiros kilometros os alunos poderiam andar livremente e daí em diante será facultado correr. Ao longo do percurso os estudantes deveriam coletar cartões com juizes, posicionados ao longo do percurso, sendo desclassificado o que não apresentasse cartões iguais ao número de juizes. Estes fatos representam uma evolução da aplicação das regras, indicando que questões relativas ao descumprimento das regras e discussões acerca dos resultados das provas eram comuns no cotidiano desta prática. Além dos juizes havia comissões e inspetores no evento, indicando formas organização diferentes das provas do século anterior (GAZETA DE NOTÍCIASⁱ, 1915; GAZETA DE NOTÍCIAS^j, 1915). A organização por um centro cívico leva a crer que a prova tinha como objetivo formar os alunos dentro de um ideal de civilidade. Esta constatação fica evidente a medida que “será desclassificado incontinentemente áquele que usar de meios fraudulentos como sejam: trancar, empurrar e calçar”, a utilização de juizes e não poder

participar da corrida descalço (O SECULO Ob, 1915). Assim sendo, o esporte, aliando as normas de civilidade às teorias higiênicas, apareciam como

uma solução perfeita: afirmando a superioridade natural dos indivíduos adeptos de uma boa educação física sobre aqueles que mantivessem seu apego a preguiça e ao marasmo que seriam uma das marcas do caráter nacional, dava aos jovens elegantes a oportunidade de buscar, nos campos, a justificativa moral para sua superioridade que se perdera no final do século XIX. Excluídos desses clubes, os trabalhadores continuariam condenados a degeneração física e mental, distanciando-se cada vez mais dos corpos bem educados e fortes (PEREIRA, 2000, p.87).

Breves apontamentos sobre os divertimentos populares

Os divertimentos poderiam ser encarados como obrigações dos círculos sociais mais elevados. Porém, não eram todos os divertimentos que mereciam tal destaque. Os populares, por exemplo, eram perseguidos e controlados, recebendo uma reeducação em função das novas exigências da nação. Inclusive, para o funcionamento destas associações já existia um padrão de civilidade pré-determinado uma vez que

Estas associações para funcionarem, precisavam basicamente de autorização da Secretaria de Polícia do Distrito Federal (FONSECA, 2008, p.119)”. Para além destas autorizações, alguns clubes “optaram também por adquirir personalidade jurídica. Uma possível explicação para isso pode ser a necessidade de se defender, por meio dela, de possíveis arbitrariedades policiais (FONSECA, 2008, p.119).

Ao analisar as motivações que envolviam o surgimento destas associações mais populares, deve-se ter em mente que

Uma visão geral dos fins das associações deixa clara a predominância de problemas concretos aos quais também pretendiam dar respostas concretas. Problemas relacionados a sobrevivência da população carioca, como desemprego, baixos salários, péssimas condições de trabalho, doenças, morte, subsistência da família, dificuldades para moradia, falta de opções de lazer, defesa de sua liberdade ou de seus membros diante das autoridades, mais comumente da polícia e do Poder Judiciário, suscitam resposta via

organização de associações formalizadas, que não só somam forças, mas buscam também se transformar em interlocutores visíveis diante da sociedade geral e do Estado (FONSECA, 2008, p.129).

Neste sentido, a criação das associações populares, ou ditas de subúrbio, eram bem claras em suas propostas, uma vez que se organizavam por meio de laços de vizinhança. Ao adotar tal forma de organização, estes clubes criavam uma identidade com relação à região às quais pertenciam bem como de seus moradores. Esta identificação foi fundamental para a presença maciça da classe trabalhadora, dando a estas associações perfis próprios, angariando sócios das mais diferentes profissões, tais como pescadores, estivadores, operários, dentre outros das classes populares. Esta composição era fundamentada através dos estatutos destas associações, cujos critérios de aceitação dos sócios eram bem amplos, aceitando trabalhadores de qualquer ramo e de qualquer etnia (PEREIRA, 2000).

Em raras atividades relatadas às pessoas dispendiam o pouco dinheiro que possuíam para conhecer o Brasil. Logo poucos são os relatos de conquistas e atividades realizadas por pessoas da classe trabalhadora. Em um destes casos, merece destaque O Sr. José Carlos de Carvalho que realizou excursões com cunho científico pelo interior do Brasil. Merece destaque que “Em tal empreza não buscou o Sr. José Carlos, abalizar-se nem auferir lucros – pois, contrariamente, ainda despendeu do pouco que possui – mas unicamente conhecer nosso querido Brazil” (A ILLUSTRACÃO BRASILEIRA, 1910, p.2).

Alguns clubes, como o Touriste Club realizavam algumas atividades, associadas ao montanhismo, sem nenhum tipo de restrição quanto aos participantes, sugerindo que se tratava de uma atividade que buscava a inclusão e a difusão das atividades, e conseqüentemente do clube (A NOITEb, 1918). Estes fatos podem ser explicados na medida em que

Essas agremiações eram uma expressão da ampliação de espaços sociais nos quais antigas e novas elites (compostas por profissionais liberais, industriais, homens de negócios, ilustrados da política e da administração pública etc.), bem como grupos mais populares, procuravam construir laços, intra e extraclasses, em tese mais abertos e igualitários. Serviam bem ao propósito de demonstrar o alto grau civilizacional dos envolvidos (MELO E PERES, 2014, p.97).

Mais especificamente com relação ao montanhismo, este, muito lentamente, passou, devido a seu grau de distinção, a ser incorporado pela classe trabalhadora como prática habitual de atividade física. Neste sentido, associações de bairros considerados operários começaram, na medida do possível, a ter suas excursões divulgadas através dos jornais, bem como a incorporarem os valores associados a esta prática. Em notícia veiculada pelo Jornal do Brasil (1907), dá conta de que alguns “guapos rapazes” costumavam sair “as 3 horas da manhã da povoação de Bangu, calculando fazer a viagem em oito horas – pois são fortes de canellas” (JORNAL DO BRASILE, 1907, p.12). Isto demonstra que a prática passou a ser realizada não apenas nos locais mais freqüentados e distintos da cidade, e que a população, de uma maneira geral, utilizava o montanhismo como forma de distinção social, pois “os clubes das regiões pobres do Rio de Janeiro assumiam para seus sócios o papel de espaços de efetivação de suas próprias atividades de lazer e sociabilidade, ultrapassando seu caráter propriamente esportivo” (PEREIRA, 2000, p.245).

Aqueles que não possuíam tais características ficavam em certos momentos marginalizados. No que toca a realização de algumas atividades, atletas eram excluídos de participar de provas por não pertencer a estas tribos, como o caso do major Taylor. Na League of American Wheelmen, major ficou em terceiro lugar e “que apesar de ser o mais popular não pode, devido a sua cor, concorrer a certos prêmios, sem o que seria o campeão da América” (O PARA, 1899, p.1). Neste caso, fica evidente que o único critério utilizado para a não participação em determinadas provas fosse sua cor, embora o atleta em questão gozasse de bastante popularidade, demonstrando que para alguns atletas, nos Estados Unidos, existia um recorte étnico envolvido. A veiculação desta notícia, no Brasil, pode ser explicada ao se analisar a inserção dos negros no esporte, na qual através de algumas instituições militares, negros, mestiços e pobres iam aproximando-se do esporte, de forma divertida e com o apoio dos superiores que acreditavam que a promoção do esporte traria o desenvolvimento físico de suas tropas (PEREIRA, 2000).

Em uma notícia que ganhou a capa do jornal “O século” (1915), algo raro para a época, a sessão *Pedestrianismo* apresentou uma difícil subida ao Bico do Papagaio, localizado em Jacarepaguá. O “Grupo dos Palativas” era considerado um destemido

grupo de rapazes do subúrbio, e coube a estes um longa excursão a um dos picos mais altos da cidade, inclusive mais alto que o famoso Pico da Tijuca (O SECULOc, 1915). Ao pensar sobre o destaque dado a um feito realizado por pessoas da classe popular, deve-se ter em mente que

abrigando-se sob um manto de fervor cívico e disciplina, os clubes formados nos subúrbios e nas regiões pobres da cidade davam então a formulações como as do literato uma tradução concreta, que explicaria para ele o ardor cívico que demonstravam (PEREIRA, 2000, p.234).

Questões de gênero no contexto esportivo do rio de janeiro

Ao se pensar nas questões de gênero dentro do montanhismo, deve-se olhar primeiro por um prisma mais amplo, enxergando os papéis da mulher dentro da sociedade, onde, inicialmente a higiene, seguindo o processo de urbanização, retirou a mulher do confinamento, tornando-a capaz de ter um convívio social e um consumo comercial, incluindo os serviços médicos (COSTA, 1989). Esta mudança não se deu repentinamente, mas sim em função de diversas tensões. O início do século XX foi marcado pela movimentação de mulheres, organizadas ou não, que buscavam esta maior participação social e conquistas, como direito ao voto, curso de educação superior e ampliação da inserção no mercado de trabalho, para além da atividade de professora (DUARTE, 2003; ADELMAN, 2006). Associado a estes fatos havia a busca pela modernização do país, o Brasil passava por profundas transformações, inclusive, na forma de se pensar os papéis da mulher dentro da sociedade. Inicialmente excluídas da vida social, da educação formal e da prática de atividade física, estas passaram a ser fruto de novas configurações. Nestas novas configurações é válido ressaltar que

O ciclo anti-higiênico nutria-se de seus próprios efeitos e tinha, na mulher, seu pivô. Pálida, flácida, doentia, ela gerava e amamentava mal seus filhos. Confinada nas alcovas, expunha, através de marcas deficientes do seu corpo, as provas de condenação do mundo colonial (COSTA, 1989, p.118).

Para melhor compreender este cenário, deve-se recorrer a algumas modificações históricas que influenciaram diretamente neste processo. Neste sentido, é interessante pontuar que

Durante o século XIX, a sociedade sofreu uma série de transformações: a consolidação do capitalismo; o incremento de uma vida urbana que oferecia novas alternativas de convivência social; a ascensão da burguesia e o surgimento de uma nova mentalidade- burguesa- reorganizadora das vivências familiares e domésticas, do tempo e das atividades femininas; e, por que não, a sensibilidade e a forma de pensar o amor (DEL PRIORE e BASSANEZI, 2001, p.223).

Merece destaque que até os anos finais do século XIX, e iniciais do século XX, a esfera pública, no que tange os divertimentos e as atividades de lazer, era predominantemente masculina, cabendo às mulheres os divertimentos em espaços confinados e determinados. Com o passar dos anos as atividades públicas de convivência passaram a ser valorizadas, em especial organizadas em agremiações dos mais diferentes tipos, incluindo as que eram voltadas para o lazer e o divertimento. Pode-se observar o surgimento de espaços para danças, fundação de clubes esportivos, atividades circenses, dentre outras. Este reordenamento e adequação dos divertimentos públicos passaram a contar, lentamente, com a presença feminina, principalmente como expectadoras, e em alguns casos como participantes (MELO e PERES, 2014). Porém, no que toca a questão da ocupação da rua, as mulheres, seguindo a ideologia dominante da época, só poderiam sair do domínio privado para o público, espaço considerado masculino, se acompanhadas pelos seus maridos (DEL PRIORE e BASSANEZI, 2001). Esta forma de se pensar a mulher se faziam presente uma vez que

as imposições da nova ordem tinham o respaldo da ciência, o paradigma do momento. A medicina social assegurava como características femininas, por razões biológicas: a fragilidade, o recato, o predomínio das faculdades afetivas sobre as intelectuais, a subordinação da sexualidade à vocação maternal. Em oposição, o homem conjugava à sua força física uma natureza autoritária, empreendedora, racional e uma sexualidade sem freios. As características atribuídas as mulheres eram suficientes para justificar que se exigisse delas uma atitude de submissão, um comportamento que não maculasse sua honra (DEL PRIORI e BASSANEZI, p. 363).

Ao buscar compreender o porquê desta inserção da mulher deve-se ter em mente que “a norma familiar produzida pela ordem médica solicita de forma constante a presença de intervenções disciplinares por parte dos agentes de normalização” (COSTA, 1989, p.15). Dentre estes agentes que produziam e reproduziam um discurso normativo se faziam presentes médicos, juristas, o Estado, a Igreja e também a imprensa (DEVIDE, 2004). Como estas intervenções buscavam condicionar a família, em especial as famílias das elites, o esporte era uma forma de reforçar estas distinções, as mulheres passaram a ser vistas como parte integrante neste processo, uma vez que

As questões de gênero são notáveis nesse novo cenário. De um lado o esporte é concebido como uma “Escola de masculinidade”, uma ferramenta que explicita os novos comportamentos socialmente esperados dos homens. De outro lado, as mulheres nele encontram um excelente argumento para a conquista de maior espaço social, uma forma de reivindicarem a possibilidade de uma maior presença na cena pública (MELO E PERES, 2014, p.35).

No que toca ao papel social da mulher, até a segunda metade do século XIX, caberia à mulher contribuir na organização do lar, e não nas demais esferas da vida, como nas atividades de lazer e esportivas, o que indica que apesar de haver uma participação na vida pública, à mesma não se dava plenamente e em pé de igualdade com os homens. Assim,

historicamente, a redução da mulher ao papel de mãe e esposa devotada representou esse compromisso entre o pai e o poder médico. O homem, expropriado de terras, bens e escravos, através da higiene, colocou seus genitais a serviço do Estado. Em contrapartida foi-lhe dado o direito de concentrar sobre a mulher toda a carga de dominação antes distribuída sobre o grupo familiar e demais dependentes da propriedade. A esposa passou a ser a sua única propriedade privada. De propriedade jurídico-religiosa, a mulher passou a ser propriedade higiênico-amorosa do homem (COSTA, 1989, p.252).

Porém, na transição dos séculos, esta visão foi sendo modificada. Na nova configuração da família burguesa brasileira, caberia ao pai ganhar dinheiro para o sustento da família, e a mãe os deveres de esposa e relativos à casa, sendo fortaleza e ao mesmo tempo a fragilidade da família. No que toca o surgimento de um novo papel da

mulher nas relações da chamada família burguesa, marcado pela valorização da intimidade e da maternidade, uma boa reputação financeira e a articulação entre as famílias como forma de proteção frente ao mundo externo marcaram a urbanização e o modo de ser do país (DEL PRIORE e BASSANEZI, 2001). Este fato pode ser observado na medida em que quando uma montanhista era representada na imprensa carioca estava, em geral, associada ao seu marido, como no caso da senhora Workmann, já citada anteriormente. Havia na época, portanto uma

educação sexual, que deveria transformar homens e mulheres em reprodutores e guardiões de proles sãs e raças puras, conseguiu, em grande parte, estes objetivos. A sanidade física da família de elite aumentou, na medida em que as condutas sexuais masculina e feminina foram sendo respectivamente reduzidas as funções sócio sentimentais do pai e da mãe. Em contrapartida, esta mesma educação desencadeou uma epidemia de repressão sexual intrafamiliar que, até bem pouco tempo, transformou a casa burguesa numa verdadeira filial da polícia médica (COSTA, 1989, p.14).

A constituição da família popular, não seguia a configuração das elites dominantes, possuindo uma diversidade de formas, inclusive com famílias chefiadas por mães solteiras. Tendo em vista a modernização e a busca constante em se mostrar um país civilizado, a imprensa, por meio dos jornais, busca então difundir e forjar uma nova forma de organização para as famílias da classe trabalhadora já que

a implantação dos moldes da família burguesa entre os trabalhadores era encarada como essencial, visto que no regime capitalista que então se instaurava, com a supressão do escravismo, o custo de reprodução do trabalho era calculado considerando como certa a contribuição invisível, não remunerada, do trabalho do mestiço das mulheres. Além disso, as concepções de honra e de casamento das mulheres pobres eram consideradas perigosas à moralidade da nova sociedade que formava (DEL PRIORE e BASSANEZI, p.362).

Diante do novo modo de olhar a família e a mulher brasileira, descrito acima, havia a construção e difusão de novas formas de sociabilidade e distinção das elites brasileiras, pois

diante da grande e pequena burguesia europeias, não bastava ser branco, católico ou proprietário de terras. Estas qualidades diluíam-se, agora, em meio a uma população que desprezava em bloco o atraso e o primitivismo locais. As mulheres tinham que expor-se ao mundo em teatros, recepções oficiais e restaurantes públicos que começavam a surgir. A nova etiqueta, o novo código de relacionamento social impunham essas formas de sociabilidade. A semelhança física e de costumes com os europeus, já higienizados e domesticados em seus países de origem, era indispensável ao reconhecimento social e ao sucesso econômico da família (COSTA, 1989, p.120).

Esperava-se da mulher brasileira, além da beleza e elegância, “graça, a sua viva alegria, o seu espírito, ora de parisiense, ora de lisboeta (...) saias rasteiras e escorridas, de passo silencioso e britânico, de véus fantasistas, azuis ferretes, castanhos, cinzentos, brancos, e de olhos altaneiros numa face lindamente audaciosos” (A VIDA ELEGANTE, 1909, p.1). Havia, portanto, uma busca na europeização da mulher brasileira uma vez que “apoiando-se nas características físicas das mulheres, a medicina afinava suas críticas com as exigências da urbanização. Fazia coro com cronistas os viajantes e imigrantes europeus que viam em toda aparência física diversa da sua, sinal de inferioridade e degradação racial” (COSTA, 1989, p.118). Ao tentar compreender o porquê desta representação na sociedade carioca do início do século XX, deve-se levar em conta que o corpo feminino, historicamente, sempre foi insuficiente em relação ao masculino. O contraponto dessa insuficiência seria a maternidade. Durante séculos a mulher foi então mãe, santa e esposa. A ruptura da associação mulher-reprodução se deu em função da busca por um corpo mais jovem e atraente, da erotização feminina. Essas duas visões da mulher passam, então, a ter uma relação de oposição e justaposição para dar significado único à mulher (DEL PRIORI E AMANTINO, 2011).

Neste sentido, as notícias buscaram quebrar alguns paradigmas, principalmente no que diz respeito à incapacidade física da mulher, de modo a se questionar a inferioridade desta. Estes fatos estariam de acordo com o ideal de eugenia onde “os pais dotados de uma constituição forte e de uma saúde vigorosa adquirida por sábios preceitos engedram filhos robustos e vigorosos” (COSTA, 1989, p.219). Havia na época a busca pela promoção da educação física junto aos jovens e as crianças. Assim, era realizado um apelo às mães, sendo estas incumbidas, junto dos professores da tarefa de zelar pela educação dos filhos, com a nobre tarefa de formar uma nação forte e sadia. Todavia, criar o hábito da prática do exercício físico na juventude não parecia uma fácil tarefa, em função do desleixo dos pais, necessitando de um meio concreto para sua

efetivação entre rapazes e moças. O esporte aparece, então, como o principal meio para se atingir este fim. (DEL PRIORE e AMANTINO, 2011). No que toca o montanhismo, era destacado que timidamente as mães passavam a deixar suas filhas realizarem estas práticas, o que gerava mulheres peritas na prática e na teoria acerca deste exercício físico, facilitando sua difusão e o desenvolvimento de uma nova geração feminina e de uma nova pátria (JORNAL DO BRAZIL, 1891).

Na visão colonial da mulher, a educação feminina deveria ser centrada nos bons hábitos, etiqueta, conhecimentos artísticos, literários, musicais, dançantes e relativos ao cuidado com a casa (DEVIDE, 2004). Ao tentar superar a visão colonial da mulher, e substituí-la por uma visão mais moderna, autores afirmavam que

A insufficiente cultura physica e mental da mulher creou outrora uma supposta inferioridade cerebral para o sexo feminimo, a qual a sciencia dos nossos dias demonstra categoricamente não ser verdadeira A cerebração feminina pode alcançar o maior grão de actividade e de aptidão; apenas, na opinião de Doleris dous factores conjugados contrariam a sorte da mulher: – a preguiça atavica a que a sociedade a tem habituado e condemnado e o intellectualismo estéril que se refugia exclusivamente em certas formas de arte e de litteratura (O FLUMINENSE, p.1917, p.5).

A ciência, então, passa a ser uma ferramenta de luta e de transformação do papel da mulher. Todavia, esta mesma ciência, que permitiu alguns avanços nas relações de gênero presentes na sociedade brasileira, também reforçava a inferioridade da mulher e marcava a sua função. A prática de exercício físico serviria, portanto, para consolidar esta visão, à medida que

uma educação physica apropriada e gradativa resgatará para o sexo fragil todos os attributos de belleza sobre a tríplice forma de admirável plástica, edificante moral e intellectualidade condigna. Comtudo é preciso saber que o organismo da mulher não foi feito para uma despeza muscular intensiva, por isso que seo próprio esqueleto não satisfaz as condições de equilibrio favoráveis á producção de muita força (O FLUMINENSE, 1917, p.5).

Assim, existiam aqueles que defendiam que a pratica de exercício físico para as mulheres deveria seguir algumas recomendações e limitações, dentre as quais

O suor excessivo, o esforço físico, as emoções fortes, as competições, a rivalidade consentida, os músculos delineados, os gestos espetacularizados do corpo, a liberdade de movimentos, a leveza das roupas e a seminudez, praticas comuns ao universo da cultura física, quando relacionados a mulher, despertavam suspeitas porque pareciam abrandar certos limites que contornavam uma imagem ideal de ser feminina. Pareciam, ainda, desestabilizar o terreno criado e mantido sob domínio masculino cuja justificativa, assentada na biologia do corpo e do sexo, deveria atestar a superioridade deles em relação a elas (GOELLNER, 2006, p.92).

Passou-se, então, a veicular, no país, o pensamento de que “devemos pois estendermos essas noções de treinamento physico não só aos jovens patricios como tambem ás gentis senhoritas a cuja guarda está confiado um papel de excepcional valor no futuro na nossa pátria” (O FLUMINENSE, 1917, p.5). Este papel fundante para o futuro da nação, de mãe e esposa, estaria fundamentado na medida em que “no casamento higiênico, a hereditariedade como que substituiu a herança. O dinheiro e o status social herdados só mereciam reverencia quando aliados a uma boa saúde física e a uma boa constituição moral” (COSTA, 1989, p.222). Logo, para que a nação prosperasse era necessário que fosse desenvolvido, nas mulheres, uma boa saúde e uma boa moral, a ser buscada através dos exercícios, para que estas fossem capazes de gerar filhos aptos e transmitir os valores burgueses. E “é nesse contexto que o esporte vai aparecer como uma das possibilidades de participação social feminina, já que era considerado de caráter aristocrático, familiar e saudável” (GOELLNER, 2006, p. 91).

No referido período as atividades esportivas quase não se faziam presentes nas instituições voltadas para o ensino. As mesmas passaram a ser difundidas em função dos médicos higienistas, que detinham o conhecimento da educação corporal, divulgado devido à proximidade junto às famílias. No contexto apresentado acima, existiam aqueles que advogavam que deveria ser dada

uma educação a cada um dos sexos, de acordo com a missão que cada um deles tem de realizar relativamente ao desenvolvimento da civilização. O que resta fazer é dar ao homem uma educação integral, que lhe desenvolva todo o poder mental, de maneira que a mulher não possa considerá-lo inferior a si, e à mulher uma educação superior, que a torne mais bela, moral e intelectualmente. Uma educação superior, que a torne mais bela, moral e intelectualmente (GAZETA DE NOTÍCIAS, 1900, p.1).

Como destacado acima, estes médicos, através da educação física, moral, sexual e social, buscavam ditar normas de comportamento e orientar a conduta dos homens e das mulheres acerca de asseio, banho, vestimenta, alimentação e atividade física. Dentro do projeto de engrandecimento da nação, estes especialistas, incluindo intelectuais brasileiros com renome, começam a referenciar o exercício físico, e o esporte, como forma “desenvolver ao máximo as virtudes de raça e as aptidões hereditárias de cada indivíduo na medida em que era capaz de atuar no equilíbrio funcional e morfológico dos indivíduos, aumentando, portanto, a saúde da população” (GOELLNER, 2006, p.89).

Uma das estratégias para se alcançar os objetivos destacados acima foi consensual e amplamente veiculada: a prática esportiva pelas mulheres. A educação da mulher passa a fazer parte deste projeto nacional, visando o embranquecimento e fortalecimento da nação. É válido ressaltar que até 1827 as mulheres eram excluídas da educação pública, sendo limitada a poucos espaços particulares, através do ensino individualizado nas casas das professoras, ou em raros conventos, e através do conhecimento passado de mulher para mulher, tendo em vista que na época vigorava o pensamento de que não era necessária a educação pública para as mulheres (DUARTE, 2003).

No início de século XX, já com instituições públicas de ensino para as mulheres, a educação destas envolvia formas de alimentação, diversão, trabalho, embelezamento, relacionamento interpessoal, vestimenta, e principalmente a exercitação física. Estes diversos intelectuais passam então a recomendar a prática do esporte as mulheres, mesmo que com diversas opiniões acerca das restrições e cuidados. Passa a ser presente, então, um novo corpo de classe, que incorporava a prática esportiva cotidianamente, na qual as mulheres, em clubes privados, começam a se movimentar e ganhar espaço nas modalidades “adequadas” às mulheres (DEVIDE, 2004). Logo, qual ou quais seriam os esportes que a mulher deveria, ou teria o direito de, praticar? Não havia um consenso científico acerca desta questão. Porém, havia a crença de que

Os desportos femininos deverão primar principalmente pela extensão e flexão rythmadas dos membros considerando-se como menos favoraveis á integridade hygida da mulher o automobilismo, o cyclismo, a equitação, a aerostação, o foot ball, o tiro, a patinação, o cricket, o ténis, e outras formas, attenuadas do atletismo como luta e o jiu jitsu conhecido no Japão. Outro

tanto não acontece com a marcha natural, o alpinismo, a natação, a canotagem e a esgrima que por si sós são suficientes para prevenir todo o nevrosismo e neuropathias sem prejuízo de deslocamento das vísceras pelvianas. A marcha moderada em pleno ar e sobre tudo em terreno elevado e montanhoso (alpinismo) beneficia de modo geral o organismo, excitando os movimentos respiratório e circulatório, estabelecendo mais facilidade para a corrida e o salto apresentando-se como mais simples e natural de todos os deportes. Estimula a transpiração da pelle que exerce uma verdadeira depuração e determina um descanso relativo dos órgãos uropotenticos. A marcha methodica nunca determina as deformações próprias dos grandes excursionistas e corredores (O FLUMINENSE, 1917 p.2).

Assim, na época, existiam diretrizes que deveriam ser seguidas que limitavam a participação feminina nos esportes tais como: a não utilização de vestimentas nocivas à saúde das mulheres; não realização da prática esportiva competitiva e de alta intensidade; realizar exercícios que fortaleçam os membros inferiores. Estas normas reforçavam que o esporte deveria servir para manutenção dos atributos estéticos e graciosos femininos, em detrimento do desenvolvimento físico esportivo, e para fortalecer o ato de maternidade (DEVIDE, 2004).

Observa-se, então, que o esporte nacional, ao longo da história, sempre teve diferentes relações de poder entre mulheres e homens na gestão, participação e administração, em função das diversas formas de se pensar os incentivos, apoios, visibilidades, oportunidades, estando o montanhismo envolvido nestas condicionantes. Conforme dito anteriormente, o Brasil do início do século XX foi marcado por um anseio de civilização, trazendo implicações diretas para o campo esportivo (GOELLNER, 2006). Para melhor compreender as demais questões de gênero presentes no campo esportivo deve-se olhar inicialmente para o cenário internacional.

Ao olhar para a participação das mulheres, em um âmbito internacional, pode-se observar que a prática esportiva era bem difundida, embora, em algumas competições estas não pudessem participar. Para melhor exemplificar tal ponto, merece destaque que na primeira edição dos jogos olímpicos de verão, em 1896, não houve participação de nenhuma mulher, em função do pensamento de alguns de seus idealizadores. Na visão destes, a presença feminina poderia vulgarizar um ambiente que era marcado por conquistas e honras. Todavia, as mulheres não eram excluídas da prática esportiva, pois

Ao se verificar as ideias de Coubertin, fica claro que o Barão reconhecia o direito das mulheres a uma educação esportiva, inclusive competindo entre elas, porém fora da vista do público masculino, mais por razões de raízes antropológicas e culturais do que fisiológicas.^{8,9,25} Sua idéia era, apenas reproduzir fielmente a estrutura Grega em seus valores e costumes na sociedade antiga, buscando que os jogos olímpicos fossem idênticos as competições gregas da antiguidade, participando, as mulheres, apenas como expectadoras nos primeiros jogos olímpicos da era moderna (OLIVEIRA *et al.*, 2008, p.119).

Para conquistar a participação nos jogos olímpicos, diversas foram as lutas das mulheres, que forçavam sua entrada paulatinamente, modalidade a modalidade, desconstruindo os valores da época. Esta inserção se deu inicialmente em esportes no qual não havia contato físico, e que, para a época, considerados esteticamente belos, mesmo não havendo premiação para as primeiras campeãs, fato este que se deve ao caráter de apresentação simbólica para as primeiras participações femininas. Algumas federações esportivas femininas foram criadas como ferramenta de luta para a inclusão de certas modalidades, como a Federação Esportiva Feminina Internacional, principalmente no atletismo, uma vez que a Federação Internacional de Atletismo Amador se opunha em representar e apoiar a prática por parte das mulheres (OLIVEIRA *et al.*, 2008). Deve-se entender que as modificações ocorridas na Europa ecoavam no Brasil, embora tardiamente, uma vez que o país buscava reconhecimento pelas grandes potências mundiais, o que na prática incentivou o consumo de bens e costumes importados, como a prática de esporte pelas mulheres. Deve-se pontuar que

Junto com os ventos de mudança e inovações que vinham da Europa, chegam também os ecos das lutas femininas, que projetam novas perspectivas para as mulheres brasileiras como, por exemplo, o cuidado com a aparência, com a saúde e com maior presença na vida social das cidades. Obviamente, essa mudança foi lenta e mais significativa para as mulheres das camadas mais ricas da sociedade, visto que tinham maior acesso as novidades do continente europeu (GOELLNER, 2006, p.88).

Todavia, estas mudanças não ocorreram num piscar de olhos, mas sim em função da tensão entre aqueles que buscavam a modernização do país e os que tinham um pensamento mais tradicional. Para os que defendiam esta corrente de pensamento a prática esportiva, bem como aos demais bens e costumes importados, como o cuidado com a aparência, troca de hábitos e atitudes, uso de artigos estéticos e vestimentas que

mostrassem “excessivamente” o corpo eram identificados como vulgaridades, uma vez que esta onda modernizadora era vista como ato que feria a moral e a honra uma vez que tornavam o discurso da maternidade, como obrigação feminina, mais brando. Discurso este que era a missão mais nobre da mulher brasileira. Contudo, as mulheres que eram indiferentes às normatizações do discurso hegemônico da interdição se sentiam seduzidas e desafiadas a participarem das praticas esportivas” (GOELLNER, 2006, p.94).

Assim sendo, no Brasil, na transição do século XIX para o século XX, não era comum que as mulheres participassem de eventos esportivos como atletas, o que se tornaria comum a partir da segunda década do século XX. Esta participação se dava na condição de expectadoras tendo em vista que as famílias de elite frequentavam as competições esportivas nos clubes como um hábito familiar, o que dava certa projeção das mulheres ao frequentar estes clubes esportivos de elite. Esta inserção da mulher nas associações se deu de uma maneira bem pontual,

considerando-as como sócios dependentes de uma figura masculina, que podia ser o pai, esposo ou irmão. Algumas das que aceitavam mulheres, sem coloca-las na dependência de outrem, exigiam, entretanto, o assentimento de um desses responsáveis. Da mesma maneira, menores, mesmo que participando do mercado de trabalho, necessitavam de autorização dos pais para serem aceitos (FONSECA, 2008, p.129).

Esta participação se dava majoritariamente pelas jovens, das classes mais abastadas, filhas de imigrantes europeus que incentivavam esta inserção no esporte em função dos valores associados ao exercício físico, embora o cenário sociocultural brasileiro ainda fosse desfavorável a esta nova forma de socialização da mulher (OLIVEIRA *et al.*, 2008). Este fato pode ser observado no caso de uma Miss de 16 anos. A Revista Nova (1907) descreve esta pratica como “passeios higienicos”, realizados periodicamente, sendo alguns com duração de uma hora, realizados junto à natureza (REVISTA NOVA, 1907). Para os higienistas, as mulheres não poderiam ultrapassar as fronteiras da casa e do consumo de bens e serviços que fortalecessem a imagem da mulher-mãe (COSTA, 1989).

Observa-se, portanto, que para a mulher da época era permitido que praticasse esportes, desde que sob a companhia da família ou do marido, pensando dentro da lógica patriarcal e moralista vigente na época. Em alguns casos, como o da nadadora Blanche Pironnet, a participação na prática esportiva, realizada na praia vermelha, era supervisionada pelo pai e realizada com a presença do irmão. Neste caso, o fato da família ser europeia era preponderante para que Blanche competisse nas provas de natação. Porém, havia uma preocupação para que a mesma não mostrasse seu corpo em público portando trajes de banho, em função da resistência da sociedade a tal hábito (DEVIDE, 2017). A vigilância e o controle sobre as mulheres estavam associados com a ascensão dos valores burgueses, este controle não era exercido apenas pela sociedade, mas também pelas próprias mulheres que reproduziam esta lógica (DEL PRIORI e BASSANEZI, 2001). Conforme será destacado adiante, nas notícias analisadas, algumas notícias fazem menção às mulheres destacando a relação conjugal destas, ao passo que em nenhuma notícia relacionada ao universo masculino houve menção a esposa ou de familiar do homem retratado na notícia, demonstrando que dentre as questões de gênero presentes no montanhismo e nos esportes de uma maneira geral era a controle e vigilância da aparição pública, que se dava de maneira diferenciada entre homens e mulheres. Independente do incentivo ou não para participar de algumas modalidades, a ampliação das participações femininas nos esportes possibilitou a criação de grandes competições destinadas exclusivamente às mulheres (GOELLNER, 2006).

Ao destacar estas grandes competições destinadas exclusivamente às mulheres, deve-se ressaltar que em Paris as corridas a pé estavam na moda, “Todos os dias se inventam novos pretextos, títulos e justificativas para promover novos certames. Na última quinzena foram as dúzias, mas só descrevemos a marcha das Midinettes, como mais pitoresca e original” (JORNAL DO BRASILd, 1903, p.2). O termo é um qualificativo gracioso para as operárias, costureiras e grissettes de Paris, qualificação esta que “pegou”, embora não estivesse, na época, vocábulo oficial do país. Trata-se de uma prova exclusivamente feminina. A corrida, organizada pelo jornal “Monde Sportif”, fez sucesso, sendo considerada um “triumpho”, contando com 2000 participantes. As competidoras chegavam

em bandos, de calção e saia curta, umas de escuro outras de claro, coifadas por um pólo, um gorro ou um chapéosinho de feltro lindamente equilibrado sobre os cabelos, que em umas são loiros e em outras de cores mais carregadas. Vêm-se caritas interessantes, sorrisos adoráveis, posições deliciosas e provocantes; não falta a muitas seu quê de graciosa originalidade. São todas alegres e bastante desenvoltas, para que deixem de estar a vontade; isto, porém, de um modo conveniente-como parisiense que são; e assim atravessam pelo meio da turba álaçre, bem disposta e Cortez; porque já se nota concorrência (JORNAL DO BRASILd, 1903, p.2).

As “Midinettes” faziam tamanho sucesso que eram seguidas pelo povo, incluindo pessoas da alta nobreza como barões, por ciclistas e por carros que vieram assistir as gentis excursionistas. As casas próximas também ficavam lotadas para prestigiar a prova, aclamando as vencedoras ao completar a prova. A prova foi tão disputada que

As concorrentes, bastantes coradas, suando, esbaforidas, os cabelos em desordem, caem de roldão sobre os juízes que se debatem, oppõem resistência, tomam nota das sessenta primeiras; por ultimo, já não são senhores de si: estendem as mãos as Midinettes que chegavam, levadas pela turba, exaustas, quase a cair (JORNAL DO BRASILd, 1903, p.2).

Esta ampliação da participação feminina nos diferentes espaços sociais, como o esportivo, buscava a equiparação da mulher no lar, enquanto mãe e guardiã dos valores morais da família, e de sua influência na rua como parte integrante de uma cidade que ofertava inúmeras novidades de consumo e diversão (GOELLNER, 2006). Porém, não há registros de mulheres que fizessem parte da diretoria ou da fundação das entidades voltadas para a prática de esportes. No que toca esta não participação da mulher na organização das associações, deve-se ressaltar que, no Brasil,

a maior parte das associações não aceitava mulheres ou, se o fazia, elas assumiam uma posição inferior em direitos, em relação aos demais membros homens, basicamente por não poderem participar das decisões da administração da sociedade por meio do voto. A isto se pode contrapor, entretanto, que aquela era a consciência possível, uma vez que, de maneira geral, neste período, a mulher não era considerada cidadã ativa, eleitora, em quase nenhum lugar do mundo (FONSECA, 2008, p.205).

Até o início do século XX, a imprensa carioca representava o esporte e os divertimentos realizados na natureza enquanto práticas majoritariamente masculinas, visto que raros eram os casos em que a mulher era personagem presente nas publicações analisadas. Assim, a mídia sub-representava e subestimava as experiências esportivas das mulheres (DEVIDE, 2017). Porém, a partir do início do século XX, o número de publicações que retratavam a realização do montanhismo e de outras práticas de lazer na natureza por mulheres aumentou significativamente, como, por exemplo, uma espécie de celebridade norte americana que figurou por diversas vezes as páginas dos jornais brasileiros. Trata-se da Sra. Fanny Bullock Workmann, considerada “a mais ardorosa alpinista dos dois mundos” (FONFON, 1913, p.8). A mesma era, constantemente, entrevistada por jornalistas, interessados em saber sobre como ocorreram as suas aventuras (FONFON, 1913).

O montanhismo, então, se inseria nestas novas formas de sociabilidade e de incorporação dos costumes europeus por parte das mulheres. Logo, algumas montanhistas passam a ganhar destaque nos jornais que circulavam na época. Uma das precursoras a aparecer nos jornais foi a rainha da Itália,

a mais ardorosa alpinista dos dois com a energia e valor do sexo forte. Como este, sete prazer em subir aos mais altos e quase inacessíveis píncaros. Nada há para ela como completar os majestosos panoramas, que nos proporcionam à vista as elevadas serras (O APOSTULO, 1900, p.2).

Neste sentido, o montanhismo representado como uma prática de lazer prazerosa, na qual as mulheres que o realizam passam a se encantar com esta nova forma de sociabilidade junto à natureza, uma vez que “as ascensões lhe chegam a causar uma espécie de sugestão; os perigos, as comoções e os esplendidos panoramas que se descobrem apaixonam-na de tal maneira, que não experimenta maior prazer” (CORREIO DA MANHÃ, 1905, p.4). Ao mesmo tempo em que os jornais tentavam difundir esta prática junto a população carioca, o montanhismo, e em especial as mulheres que o praticavam, era divulgado como forma de distinção social, como no caso citado acima da rainha da Itália, ou como a própria senhora Workmann que “Como é rica, pode dar-se ao luxo de organizar essas ascensões ao Himalaya, que são o único fim da sua vida” (FON FON, 1913, p.8).

Esta distinção social não estava atrelada, exclusivamente, a realização destas novas formas de sociabilidade, mas também em função das características físicas e formas de se portar perante a sociedade, que eram atribuídas as mulheres. Apesar dos avanços, estas novas formas de sociabilidade, e conseqüentemente suas normas, poderiam ser caracterizadas como um “privilégio” de raça e classe, algo que apenas algumas mulheres poderiam ter uma relação de pertencimento (ADELMAN, 2006). Como no caso da montanhista já citada neste trabalho, a senhora Workmann, descrita como “americana, tem quarenta e seis annos, mas parece ter menos dez, mesmo porque não desenha tratar de elegância e toilette, que devia parecer um antagonismo com a sua audácia” (FON FON, 1913, p.8). Este questão de gênero se faz presente na medida em que os padrões de beleza físicos masculinos eram apropriados por princípios medico higiênicos, e no caso da mulher esse padrão estava constantemente associado à beleza e elegância, além de civilidade (DEL PRIORE E AMANTINO, 2011).

Ao se pensar no fato de que as representações femininas associadas ao montanhismo se davam principalmente através de notícias e personagens estrangeiras, deve-se atentar ao cenário de lutas feministas no Brasil. Desde os anos finais do século XIX, a divulgação, em jornais cariocas, de realizações femininas em outros países era encarada como uma forma de luta feminista buscando a igualdade de gênero e os direitos das mulheres (DUARTE, 2003). Logo, nas duas primeiras décadas do século XX a divulgação de provas e feitos femininos no montanhismo seguiam esta linha de pensamento, buscando superar as questões de gênero tão presentes na época. No caso do montanhismo, pode-se observar que a imprensa carioca, em alguns casos, nos dão indícios de que esta representação das mulheres enquanto esposas não se limitava ao papel de coadjuvantes de seus esposos nos grandes feitos esportivos, nas explorações científicas e nos divertimentos, como no caso de Fanny Workmann, indicando haver algumas correntes mais progressistas no que tocam as questões de gênero no Brasil. Apesar do marido, um renomado geólogo, participar das aventuras, cabe a ela todo o mérito das mesmas uma vez que “a direcção da expedição cabe a ella, que é reconhecida por todos os componentes da caravana, como o unico chefe diante do qual devem todos inclinar-se” (FON FON, 1913, p.8). Esta relação conjugal, portanto, fugia, de certo modo, aos padrões da época no qual

o papel desta corajosa mulher não se limitou a seguir o marido: Ajuda-o nos seus trabalhos de observação, toma notas, classifica objetos e, por último, é a colaboradora inteligente e ativa das suas obras, absorvendo, sem que pretenda, uma grande parte da glória alcançada pelo marido, o qual se mostra orgulhoso dos triunfos de sua mulher, e a anima para que faça conferências sobre as suas pitorescas e científicas viagens (CORREIO DO AMANHÃ, 1905, p.4).

Inclusive, a senhora Workmann realizava expedições mesmo após a morte de seu marido (FON FONb, 1913). Estes fatos passam a fazer sentido uma vez que a mulher passou a ter uma vida pública, representada pelo controle não apenas da família, mas também da sociedade. Logo deveriam aprender a comportar-se em público e de forma educada. O papel social da mulher passou a incorporar valores associados à ascensão e manutenção social, através de suas funções de esposa e mãe, bem como através do matrimônio. A educação inicial caberia então a estas mulheres, que de certa forma eram responsáveis pelo sucesso da família, representando um capital simbólico para os homens (DEL PRIORI e BASSANEZI, 2001).

Diferente das narrativas de histórias masculinas obtidas nas fontes analisadas, os atributos físicos das mulheres eram ressaltados, tais como sua beleza, elegância e distinção. (FON FON, 1911; FON FON 1913). Estes, porém, não apagavam seus feitos esportivos, haja posto que a mesma “deu, no correr dos últimos anos, prova de extraordinária coragem e tenacidade, escalando os mais agudos cumes das grandes cadeias montanhosas da Ásia” (JORNAL DO COMMERCIO, 1913, p.3). Assim, as montanhistas sempre eram caracterizadas como gentis e fortes, simpático exemplo de energia e resistência, cuja jovialidade ressaltava, dentre outras características (FON FON, 1912). As notícias veiculadas acima dão conta de que a prática do montanhismo seguia aos ditames das demais atividades físicas, no que diz respeito à educação feminina, manifestada na imprensa carioca, que buscava promover a saúde, e também a ideia de beleza (DEVIDE, 2004).

Desta forma, pode-se observar que existia uma busca pelo delineamento de um padrão de mulher esportista, em especial no que diz respeito ao montanhismo, no qual esta deveria ser destacada como a mulher moderna, combinando a aptidão física com um padrão corporal e um modo de se portar perante a sociedade. Porém, ao serem identificadas por sua natureza frágil, havia discursos que chamavam atenção para os riscos que a prática competitiva poderia apresentar tal qual a masculinização das

mulheres, representação esta que ocorria desde final do século XIX nos Estados Unidos e na Europa em função de atividades de riscos e desafios que colocavam as mulheres na condição de excepcionais (GOELLNER, 2006; ADELMAN, 2006). Esta forma de enxergar a mulher no campo esportivo, e mais especificamente no montanhismo, vai ao encontro ao padrão atual de montanhistas no qual

A associação do esforço exigido e do risco de lesão parece tirar a feminilidade das praticantes dissociando-as de atividades perigosas e segregando-as aos exercícios que cuidem das formas do corpo, sem agredir o conceito de virilidade masculino que se reflete no esporte. Isso também acontece por fatores históricos, que são associados à hegemonia dos homens nas práticas esportivas (PEREIRA *et al.*, 2017, p.87).

As fontes demonstram que, no que toca ao montanhismo feminino, era comum uma busca por conquistar grandes cumes, de modo a garantir glórias do montanhismo para as mulheres, e divulgar a que ponto poderia chegar a tenacidade feminina (REVISTA DA SEMANA, 1905). O que dá a entender que estas procuravam ganhar visibilidade através de suas conquistas de modo a mostrar que o montanhismo também era e deveria ser uma prática comum às mulheres, em especial no que diz respeito ao alpinismo nas mais altas montanhas. Deste modo, a ascensão às montanhas representava também um tipo de ascensão social, na qual quanto maior o cume alcançado maior o prestígio alcançado, por suas conquistadoras, perante a sociedade. Inclusive, quando grandes feitos, como de ser a detentora do recorde feminino do alpinismo, eram questionados, a recordista sentiam que sua moral e seu status de “recordewhoman” havia sido ferido, e não queria se dar por vencida (FON FON, 1911). Assim,

Pouco depois, outra americana, Miss Peck, subiu, no Peru, ao cume do Huascarán, que se dizia ter 7300 metros de altitude; e reivindicou para si o “record” da sua patricia. Madame Workman não se deu por vencida. Sabia que não estavam bem exactamente determinadas as alturas dos picos sul-americanos. Foi a Paris, consultou o douto geographo Schrader que também não lhe soube dizer a verdadeira altitude do Huascarán. – E não será possível saber-se, com exactidão? – E’; mas isso custa perto de treze contos de réis. – Não importa estão a sua disposição. Schrader organizou então uma expedição que, munida dos instrumentos mais modernos e precisos, foi medir a altura do famoso pico peruviano. A’ Academia das Sciencias de Paris, foi agora apresentado o relatório da alludida commissão geographica, a qual verificou

que o pico de Huascaran tem apenas 6763 metros de altitude. Miss Peck subiu, pois 437 metros menos que Madame Workman que continuará a ter o “record” da altitude, pelo que não hesitou em desembolsar treze contos (O PAIZ, 1911, p.3).

Ao aprofundar estas representações, o título de recordista mundial do montanhismo feminino mundial poderia

definir uma nova representação, mais apropriada cientificamente, permitiria atrair um lucro de distinção aos agentes que o fizessem. Sobre essa nova estrutura no plano das representações, vale dizer que a mesma potencialmente constituiria uma nova realidade, fundada e fundamentada numa nova visão e divisão do espaço social (SOUZA, TOLEDO e MARCHI JUNIOR, 2011, p.347).

Em outro caso, a Sra. Helena Morain Andriewitsch, uma russa naturalizada austríaca, foi a primeira mulher a receber um premio de um clube de montanhismo. Merece destaque o fato de que “poucos sócios do club alpinista vienense podem competir com ella no numero de records conquistados” (FON FON, 1912, p.2). Esta notícia suscita fato semelhante observado por Devide (2017) que, ao investigar a natação feminina no inicio do século XX, constatou que

a possibilidade de uma mulher disputar e vencer os homens em uma competição contribuiu para mostrar que as mulheres podiam competir, serem atléticas e fortes, desconstruindo o fundamento do discurso normativo da época, que buscava nas diferenças naturais entre os sexos elementos que determinavam quais praticas físicas eram ideais para as mulheres e para os homens (DEVIDE, 2017, p.677).

Neste sentido, os grandes feitos e recordes quebrados aparecem enquanto uma nova possibilidade de se enxergar a mulher, especialmente a mulher europeia, sinalizando o atraso no país, no que diz respeito às praticas esportivas por parte das mulheres, desconstruindo alguns argumentos biologicistas que repreendiam a participação feminina em competições esportivas. Este atraso se deve, em parte, a visão que se tinha na época na qual

a presença da mulher no mundo do esporte representa, ao mesmo tempo, ameaça e complementaridade: ameaça porque chama para si a atenção de homens e mulheres, dentro de um universo construído e dominado por valores masculinos e porque põe em perigo algumas características tidas como constitutivas de sua feminilidade. Complementaridade porque parceira do homem em atitudes e hábitos sociais, cujo exercício simboliza um modo moderno e civilizado de ser (GOELLNER, 2006, p.89).

Este fato também fica evidente ao se analisar alguns relatos das passagens por regiões longínquas e árduas, como pelo Himalaya, na qual afirma-se que a Sra. Workmann vinha “demonstrando a cada momento que dispunha de uma audacia, e de força de resistência, capazes de causar inveja em muitos homens” (JORNAL DO COMMERCIO, 1913, p.3). Foi ela, na companhia de um guia e de outro homem, a primeira mulher a ter realizado bivac a 6.450 metros (REVISTA DA SEMANA, 1906). Evidencia-se que o desempenho desta montanhista se faz comparável ao dos homens, pois, embora seja uma mulher, seus resultados são invejados pelos homens (FON FON, 1913). As notícias que veiculavam a participação feminina no montanhismo possuem relação com a participação no campo esportivo de uma maneira em geral pois, neste campo mais amplo

Ainda que apreendida pela lógica do mundo masculino e servindo para fortalecer os interesses dos responsáveis pela direção dos clubes, é inegável que tal participação funcionou como uma válvula de escape e um espaço que tornava visível a disposição feminina de maior presença social (DEL PRIORE e AMANTINO, 2011, p.522).

CAPÍTULO 3- MONTANHISMO E A INCORPORAÇÃO DE CÓDIGOS ESPORTIVOS

No início do século XX, se inicia, no Brasil, um processo de institucionalização do montanhismo assumindo valores do esporte. Deve-se destacar que neste período a palavra Sport não possuía tradução para o português, perdurando até o início do século XX (GAZETA DE NOTÍCIASd, 1906). Entendido enquanto esporte, o montanhismo teve grande desenvolvimento no Brasil a partir do século XX. Porém, na Europa esta prática já emergia desde o início do século XVIII, quando o montanhismo era visto como algo sem prestígio, não sendo considerado um hábito a ser adotado por pessoas de bem, uma vez que as montanhas não eram vistas como um ambiente a ser freqüentado. Porém, na virada do século, passaram a ser enxergadas com outros valores e sentidos, fruto de um imaginário social construído (MACFARLANE, 2005). Neste sentido, o modelo europeu, e em especial inglês, trás apontamentos interessantes que podem ajudar a compreender melhor as transformações que fizeram com o montanhismo passasse a incorporar os códigos do esporte.

O montanhismo, na Inglaterra, teve suas origens na interseção das definições contemporâneas de gentildade da classe média, status social, gênero e identidade nacional. Estas mudanças sociais e culturais da classe média estavam associadas ao período de imperialismo da Grã Bretanha. A expansão das estradas em associação com a sensibilidade romântica frente ao ambiente natural, e em especial as montanhas são alguns fatores que contribuíram, porém não foram determinantes para a prática do montanhismo, uma vez que, a apreciação por grandes picos Alpinos foi cultivada por diversas gerações, sem se afastar do conforto da rede hoteleira (HANSEN, 1995). Deve-se destacar que na segunda metade do século XIX o montanhismo representou, para a Inglaterra, não apenas uma forma de lazer, mas uma maneira de consolidar sua política imperialista. Através do montanhismo as fronteiras entre viagem, exploração e império foram se expandindo. Os montanhistas representavam os grandes picos como os limites da Europa e do Império, de modo a realizar uma construção geográfica do império e de identidades nacionais (HANSEN, 1996).

No que toca a popularização do montanhismo, alguns dos responsáveis foram os jornalistas da época que divulgavam os fatos. Para melhor exemplificar tal constatação,

de 1786, data da conquista, até 1851 apenas 45 vezes a ascensão ao Chamonix foi repetida. Após uma expedição com um jornalista e animador cultural em 1851, este mesmo cume foi repetido 88 vezes em um espaço de apenas 5 anos, e a partir de 1858 33 pessoas faziam a ascensão por ano, em média. Estes fatos evidenciam como a construção do imaginário social construído na época, bem como o papel de uma indústria do lazer e entretenimento na difusão desta prática. A década de 1860 ficou conhecida como os anos dourados do montanhismo na Europa, uma vez que esta prática se tornou extremamente significativa, contribuindo para a construção de uma nova classe média (HANSEN, 1995). Segundo Dias, Melo e Alves Junior (2007), dentre as entidades voltadas para a prática do montanhismo tiveram papel essencial na difusão e consolidação do montanhismo. Especificamente, são marcos, neste processo, a fundação do clube de excursionismo britânico (1857), clube alpino suíço e italiano (1863), o clube alpino alemão (1869), o clube alpino francês (1874), o clube alpino Belga (1883), instituições estas que eram responsáveis por organizar e divulgar os grandes feitos do montanhismo europeu.

Conforme já citado anteriormente neste trabalho, no Brasil, diversas foram às organizações, esportivas ou não, que participaram ativamente na construção da vida esportiva da cidade do Rio de Janeiro, e que desenvolviam atividades relacionadas ao montanhismo. Para ilustrar o rápido crescimento destas instituições, merece destaque que alguns clubes, apesar de sua recente criação, contavam com número elevado de sócios para os padrões da época. O Athletico Club, com apenas 1 ano de fundação, já contava com cerca de 150 sócios, demonstrando seu rápido desenvolvimento proporcionado pelo entusiasmo destes em explorar os mais variados ramos do esporte. Este clube foi fundado no dia 12 de outubro de 1902 por moços, deixando claro que esta atividade já havia caído no gosto dos jovens adultos (JORNAL DO BRASILc, 1903). Outro fator que contribuiu para este desenvolvimento dos clubes foram os esforços das diretorias para agradar as famílias dos praticantes, bem como de outras instituições que mantinham amizade com os clubes, dando conta de que este fenômeno não envolvia apenas seus praticantes (JORNAL DO BRASIL, 1904). Para melhor compreender os fatos que fundamental o crescimento exponencial da civilização esportiva, tal qual o montanhismo, nas duas primeiras décadas do século XX, deve-se ter em mente que

Essa expressão civilização esportiva portanto não deve ser entendida como se referindo exclusivamente a pratica generalizada de diferentes modalidades de esporte, mas a generalização de uma ética do ativismo, a ideia de que é na ação e portanto no engajamento corporal que se concentra a mais plena realização do destino humano. As filosofias da ação, os homens de ação, as doutrinas militantes, os atos de arrebatamento e bravura se tornam os índices nos quais as pessoas passam a se inspirar e pelos quais passam a se guiar (SEVCENKO, 1998, p.568).

A forma como os populares se apropriaram da pratica esportiva não seguiu exatamente os desejos da classe dominante, que conforme aumentava esta difusão novas formas de status e distinção, passaram a ser gestados. Assim sendo, esta pratica, era permeada por representações de valores, desejos e sensibilidades associadas à modernidade como: comparação de resultados, a necessidade de superação de limites, realização de atividades em situações extremas, valorização do desenvolvimento tecnológico, construção de identidades nacionais, controle de emoções e exaltação de conceitos de beleza. Para tal, o esporte começou a incorporar códigos da sociedade capitalista, como produção, precisão, disputa, e desempenho (MELO E PERES, 2014).

Montanhismo no contexto da indústria do lazer e do entretenimento

Havia, no início do século XX, uma busca para se demonstrar que o montanhismo já se configurava enquanto uma prática corporal desde muitos anos. Logo, algumas notícias evocavam realizações fora do país para justificar o montanhismo enquanto uma prática cotidiana. Merece destaque, neste contexto, a publicação do jornal Gazeta de Notícias, do dia 19 de Agosto de 1903, ao descrever as tentativas de escalada no Monte Branco na Suíça,

Todos sabem que o alpinismo é um esporte como qualquer outro. Em 1786, Jacques Balmat conseguiu pela primeira vez chegar ao cume do Monte Branco. Veio daí contando maravilhas do panorama que se descortina. No ano seguinte, voltou, de nove, já então com o grande físico francês Saussure, que confirmou os elogios. Passaram-se anos sem que tais viagens comesçassem a ser uma verdadeira moda. Em 1820, um dr. Hamel, fazendo a ascensão em três guias, os guias pereceram e só ele se salvou. Outros tentaram a empresa. Entre muitos figurou o ilustre sábio inglês Tyndall. Afinal, em 1858, fundou-se o Clube Alpino. Daí por diante, o alpinismo passou a ser para alguns um exercício, para muitos uma paixão e para Suíça uma fonte extraordinária de prosperidade, porque, como os visitantes vão a França, nos milhões, para verem Paris, ou a Roma para verem grandes

monumentos de Catolicismo e, sobretudo, o Vaticano e o papa, vão à Suíça para ver os Alpes (GAZETA DE NOTÍCIAS, 1903, p.1).

Na Europa, portanto, o montanhismo se configurava enquanto prática de lazer, possuindo, inclusive, toda uma indústria a sua volta. O mesmo era considerado um dos esportes europeus muito em voga (JORNAL DO BRASIL, 1911). A revista A Epoca de 24 de novembro de 1912, na sessão Curiosidades Mundiais, observa-se, portanto, que no início do século XX na Europa já havia toda uma indústria voltada para a prática do montanhismo. A difusão dos valores associados ao montanhismo se deu também através desta indústria do entretenimento, com alguns personagens marcantes. Albert Smith foi uma destas figuras, que criou fortuna através de shows e espetáculos que buscavam fazer com que o público se sentisse como parte integrante destas aventuras e ascensões. Estas apresentações, que combinavam entretenimento com instrução, envolviam merchandising, livros de colorir, fans, jogos e miniaturas de alguns picos conquistados. Estes espetáculos fizeram com que pessoas se iniciassem no montanhismo, fazendo com que a vida imitasse a arte. Logo, a imagem da classe média passou a ganhar uma forma cultural específica, dotada de um status simbólico que Smith canalizou através do montanhismo. Dialeticamente, este universo simbólico se relacionou com a aristocracia da época, fazendo com que a ascensão social se desse também através da ascensão de montanhas (HANSEN, 1995). Tais fatos contribuíram para um crescimento número de praticantes, apesar de ser uma prática arriscada com um número elevado de acidentes, em especial os fatais. Nesta indústria os italianos eram consumidores ativos, na qual

Ultimamente, realizou-se uma excursão de mil alpinistas italianos, devidamente organizados e que se destinaram a escalar os mais agrestes píncaros das celebres montanhas. Calcula-se em 100.000 o número de turistas que em 1911 empreenderam essa ascensão de prazer, feita sempre à custa de numerosas vítimas. Durante o mesmo ano de 1911, deram-se nos Alpes 133 desastres mortais, e mais de 500 acidentes de certa gravidade, o que não estaria o gosto pelo alpinismo, a despeito a baixa temperatura dessas regiões. (A EPOCA, 1912, p.7).

Esta indústria, como outras, passava por modificações e modismos, sendo que o montanhismo, na Europa, era realizado sazonalmente, visto que “com a volta do estio recomeçam em toda a Europa as aventuras de turistas (pessoas que viajam para se

divertirem) que procuram de preferência as altas regiões dos alpestres” (TICO TICO, 1915, p.3). Para ser uma ideia da relação entre os montanhistas e os demais turistas nos alpes franceses, suíços e italianos, era estimado que para cada 300 ascencionistas para cada 50 mil turistas (A NOTICIA, 1908). Observa-se, então, que o montanhismo fazia parte de toda uma indústria que ia para além do esporte em si. A expansão das estradas em associação com a sensibilidade romântica frente ao ambiente natural, e em especial as montanhas, são alguns fatores que contribuíram, porém não foram determinantes para a prática do montanhismo, uma vez que, a apreciação por grandes picos Alpinos foi cultivado por diversas gerações, sem se afastar do conforto da rede hoteleira (HANSEN, 1995). Deve-se destacar que na segunda metade do século XIX a ida a montanha representou na Europa, e em especial na Inglaterra, não apenas uma forma de lazer, mas uma maneira de consolidar uma política imperialista. Através do montanhismo as fronteiras entre viagem, exploração e império foram se expandindo. Os montanhistas representavam os grandes picos como os limites da Europa e do Império, de modo a realizar uma construção geográfica do império e de identidades nacionais (HANSEN, 1996).

Na virada do século XIX para o século XX, a difusão do montanhismo no Brasil ocorria, também, através da divulgação de provas realizadas no exterior, incluindo Portugal. Esta difusão buscava mostrar que “O sport está em plena actividade” e que esta prática é recomendada para se realizar preferencialmente no verão, uma vez que “com os lindos dias que teem feito realizam-se agora os concursos annuaes de pedestrianismo” (FOLHA DO NORTE, 1897, p.1). Em uma prova de 10 “kilometros disputada na Bélgica, foi despertado no mundo esportivo o maior interesse, dado que em nenhum outro ano tantos profissionais estavam reunidos e que a prova estava cheia de “peripeças”. Além dos profissionais houve neste mesmo evento um campeonato escolar. Deve-se destacar que no mesmo período foram realizados os campeonatos suíços e inglês de pedestrianismo (O PAIZ, 1906). Outra prova descrita foi realizada “entre Aveiro e Coimbra a corrida annual de resistência- 66 kilometros- em tres lotes” o que indica que se trata de uma prova tradicional no cenário português” (FOLHA DO NORTE, 1897, p.1).

Ao se falar de provas já tradicionais na Europa, não se pode deixar de destacar o Premio Roosevelt. Esta era entendida como uma das maiores provas do pedestrianismo mundial, e realizada anualmente desde 1891 e organizada pelo Racing Club da França,

sendo organizada pelo primo do presidente dos Estados Unidos, o que demonstra que o esporte não se limitava as fronteiras nacionais. Havia inclusive rivalidades entre as grandes potencias do pedestrianismo mundial, que viam na competição uma maneira de medir suas forças. Alguns apontavam que “o fim exclusivo deste premio é cortejar a força dos campeões francezes com a dos inglezes” (CORREIO DA MANHAD, 1905). Fica evidente, então, que existia uma disputa pela hegemonia do pedestrianismo europeu, sendo duas grandes potencias neste esporte a França e a Inglaterra. No que toca a França, deve-se recordar que este esporte se mantinha na moda durante um tempo considerável (O MALHOb, 1905).

Deste modo, desde o século XIX esta prática já havia se consolidado na Europa, possuindo inclusive livros específicos tendo o pedestrianismo como temática central. Um destes livros, *Thom's Pedestrianism*, inclusive já estava em seu 8º volume no ano de 1813. Este livro narra grandes feitos de celebres pedestres durante o século XVIII e XIX, demonstrando que esta prática já estava consolidada enquanto atividade de lazer na Inglaterra industrializada. Pode-se observar que havia, inclusive, todo um nicho mercadológico que envolvia tal prática corporal. Para tal, não era realizada apenas a prática, mas também o hábito de assistir a estas provas, bem como a realização de apostas, comprovadas no referido livro através de “uma plena narrativa das apostas publicas e particulares do Capitão Barclay (CORREIO BRAZILIENSE DE JANEIRO, 1813). Logo, havia toda uma gestão deste esporte, envolvendo treinamentos específicos, mercado de apostas, vestimentas. Ao se falar de apostas, é interessante ressaltar que os esportes que envolviam apostas passaram a ganhar volume e adeptos, contribuindo para que este mercado fosse se ampliando no Brasil, conforme explanado anteriormente. Porém, posteriormente, na virada do século XIX para o século XX as apostas passaram a ser mal vistas e proibidas por parte das autoridades por estarem associadas aos jogos de azar, desordens nos locais aonde as provas eram realizadas, bem como na fabricação de resultados (MELO, 2001). Logo, as associações esportivas aos mesmo tempo que atraíam populares, em função do mercado de apostas que envolviam sua prática, buscavam se distanciar deste mercado, em função dos problemas apontados acima, como um modo de distinção social, se vinculando aos discursos de saúde e higiene (MELO, 2010).

Esta indústria do esporte na Europa, envolvendo questões associadas ao lazer e entretenimento, fazia uso também de outros elementos, tais como as belezas dos lugares

e uma infraestrutura turística, que foram essenciais para o desenvolvimento do montanhismo. Um destes casos é o da Inglaterra, que em 1906 era vista como um local de bela paisagem, na qual havia uma grande indústria do turismo em suas montanhas, frequentadas por pessoas de vários países, possuindo toda uma rede de infraestrutura a sua volta. Tratava-se de um destino comum para os montanhistas, que facilmente eram destacados dos demais turistas. Os objetivos das práticas de lazer destes também eram divergentes. Todos estes apontamentos podem ser observados no jornal *A Notícia* de 25 de Setembro de 1908, que ao publicar um bilhete postal de um de seus correspondentes, Garcia Redondo, do dia 08 de Agosto de 1906 afirma

Imaginem uma língua de terra verdejante, colocada entre dois lagos e rodeada de montanhas vestidas de relva e de pinheiros e aí tem o que é Inglaterra, tal qual a natureza a fez. O homem completou esse trabalho enchendo a planície de casas e de jardins, abrindo canais que ligam os dois lagos, dependurando chalés das encostas e assentando por toda a parte trilhos de aço e cremalheiras que conduzem aos pontos mais elevados das montanhas. De qualquer ponto de Interlakem, vê-se o Jungfrau, que eleva os seus picos cobertos de neve a três e a quatro mil metros de altura. Neste mês canicular de agosto, a pequenina e formosa cidade está cheia de forasteiros que acodem dos quatro pontos cardeais do globo para respirar o ar puro e fresco das montanhas e descansar um pouco. Vê-se aqui o russo, o polaco, o inglês, o americano do norte e do sul, o francês, o belga, o alemão, o japonês, o negro, o branco, o mulato e o amarelo. A todas as horas do dia, as ruas desta Cosmópolis cheias de lojas magníficas e de hotéis colossais, são percorridas por carros, por ônibus, por automóveis, pesados de homens e mulheres, que conversam alegremente e que vestem no rigor da moda. Nos squares, nas avenidas, a multidão acotovela-se e a cada passo nos esbarramos com ranchos de alpinistas dos dois sexos que, de sacola, às costas do varapau ferrado em punho, a cabeça colfada de um chapéu de felpa emplumado, seguem para a montanha ou da montanha regressam. A manda do alpinismo! Quem, como eu, vai ao Jungfrau, comodamente sentado dentro de um vagão, vê através das janelas do carro um formigueiro de ascensionistas que escalam a montanha por todos os flancos (*A NOTÍCIA*, 1908, P.2).

Nesta relação, houve uma nova reconstrução da Europa, uma vez que os limites dentro de cada sociedade eram decorrentes de diferenças de classe, etnia, sexo, raça ou sexualidade. Portanto, as fronteiras culturais e políticas se configuravam enquanto desafios nesse remodelamento da identidade imperial. Estes montanhistas compreenderam inúmeras identidades sobrepostas que representavam para muitos a incorporação do prestígio europeu, em especial o britânico, e do imperialismo (HANSEN, 1996). Observa-se, portanto, que a consolidação do montanhismo enquanto prática corporal, bem como sua relação com a indústria do lazer e entretenimento era

algo presente na Europa, possuindo relação com diversas esferas, que vão desde a econômica até a política, cultural, biológica e religiosa.

Sendo assim, o Brasil deveria acompanhar esta tendência, visto que o montanhismo já era um esporte conhecido por todos. As notícias publicadas no Rio de Janeiro, nas duas primeiras décadas do século XX, dão conta de que a cidade deveria seguir tais modelos europeus. Neste sentido, a prática do montanhismo possuía relação direta com a construção de um campo esportivo que possuía íntima relação com a indústria do lazer e entretenimento, também em vias de construção. Durante a narrativa de algumas atividades realizadas, era evidenciado que alguns pontos da cidade do Rio de Janeiro, tal qual o Alto da Boa Vista, Santa Tereza, e o Sumaré, destacavam-se como um destinos relevantes e que deveriam ser melhores explorados pela indústria do turismo e do entretenimento. A partir da segunda metade do século XIX já existia, no Brasil, um mercado imagético, através de narrativas, álbuns e fotografias, de modo a vender as diversas paisagens do Rio de Janeiro, dando conta de que se trata de um local belo, civilizado e exótico, e que conseqüentemente poderia ser explorado pela indústria do lazer e do entretenimento, destacando também sua cadeia de montanhas (PERROTA, 2001).

Além de fazer registros fotográficos ao longo da empreitada, os participantes lamentavam a impossibilidade de passar ali uma linha de bondes elétricos, o que proporcionaria a população passeios pelas belas paisagens do Rio de Janeiro (GAZETA DE NOTICIASc, 1915). Ao analisar o porquê de tais registros fotográficos, bem como na lamentação de não haver uma linha de bondes deve-se ter em mente que

A imagem não apareceu de imediato, mas seu uso faria deste objeto não apenas o principal meio de divulgação da fotografia como também – graças a ela – um disparador do processo de globalização, no momento em que o mundo “se internacionalizava pelo comércio e fluxo migratório [e turístico] sem precedentes (...) Assim, fotografia e postal, juntos, formaram a “mais democrática forma de comunicação que envolve um processo industrial de produção da informação (FERNANDES JUNIOR, 2002, p.17).

Regiões como o Alto da Boa Vista e a Vista Chinesa eram alvo de intervenções públicas, visando o melhoramento de sua infraestrutura. Em alguns casos, o próprio presidente da República, na companhia de ministros, arquitetos, engenheiros e outros

funcionários, acabavam por fiscalizar o andamento das obras e buscar acelerar o processo. Quando estas comitivas se faziam presentes, eram recebidas por moradores e por famílias e cavalheiros que passeavam pelo local (O PAIZ, 1903). Neste sentido, eram solicitadas, dentre outras coisas, a ampliação dos transportes públicos, através das ferrovias e dos bondes elétricos. As ferrovias possibilitavam que estas excursões às montanhas por parte das instituições voltadas para o montanhismo fossem realizadas fora do município do Rio de Janeiro, tal qual a excursão da série “Excelsior” voltada para Paracamby, com saída marcada para as 05h30min da manhã (CORREIO DA MANHAb, 2016). O desenvolvimento tecnológico realizado na transição dos séculos se deu de modo profundo e irreversível, no qual o poder da tecnologia se encontrava muito além dos demais séculos, sem precedentes históricos. Estes novos recursos técnicos desorientaram e confundiram o ser humano em função das escalas potencias e velocidades envolvidas, que excedem as limitadas percepções do ser humano, sejam de força, deslocamento ou sensoriais. A eletricidade, responsável pela revolução das velocidades de deslocamento, fez, inclusive, com que os bondes, no início de sua implementação, fossem a causa de algumas mortes, em função da falta de adaptação do homem a tamanha velocidade (SEVCENKO, 1998).

Tais avanços tecnológicos permitiram com que alguns locais se tornassem mais acessíveis aos montanhistas. Assim, por exemplo, o pico do Andaraí também foi um dos cumes a ser perseguido em travessias de cerca de 25 quilômetros (CORREIO DA MANHAg, 1905; JORNAL DO BRASILc, 1915). Em algumas destas práticas, “no bambusal haverá churrasco á gaúcha”, aproximadamente na hora do almoço. Estes fatos indicam duas possibilidades: a primeira de haver uma infraestrutura no local que permita tal acontecimento, podendo ser organizado previamente pelo grupo; ou, o fato de que os participantes eram muito bem preparados a ponto de levar todos os mantimentos necessários em suas mochilas (CORREIO DA MANHAg, 1905; JORNAL DO BRASILc, 1915). Na realização das travessias, devido ao alto grau de exigência física, os participantes costumavam dar atenção ao que carregavam, conforme na excursão pedestre de São Paulo A São Luiz, passando pelo Rio de Janeiro, na qual

os andarilhos Gino Capagli, Emilio Brambila e Walfredo Lorel, que vão emprender uma viagem a pé áquella cidade, afim de assistir a exposição Universal. Estes excursionistas apparelhar-se-ão sómente de munições de bocca, animaes para transporte de sua bagagem, que constará unicamente de

roupas de uso e outros objectos indispensaveis (JORNAL DO BRASILg, 1904, p.1).

As travessias com destino aos Estados Unidos possuíam diversas motivações, porém sempre com uma justificativa, embora nem sempre plausível. Em uma delas os excursionistas caminharam do Rio de Janeiro até “S. Luiz” assistir uma “Exposição Universal”, viagem esta que demanda um enorme esforço de logística (JORNAL DO BRASILi, 1904, p.3). Deste modo, as travessias possuíam diversos significados, e se relacionavam com outras práticas de lazer que serviriam para a construção e divulgação da identidade carioca que possuíam grande apelo popular. Neste sentido, “outros veículos de divulgação das riquezas naturais do país e da paisagem carioca – com seus aspectos naturais e cosmopolitas – foram as grandes exposições universais” (PERROTA, 2001, p.13). Observa-se que havia uma preocupação em carregar apenas o necessário, bem como o hábito de utilização de animais caso o homem não fosse capaz de carregar os mantimentos necessários para a empreitada. Estes fatos demonstram que para a realização de determinadas atividades associadas ao montanhismo se faziam necessárias toda uma indústria que desse suporte e infraestrutura.

A imprensa carioca buscava, deste modo, difundir a necessidade de investimento neste mercado, através destas práticas, de modo a estimular a criação de uma infraestrutura voltada para estas práticas. Para tal, recorriam aos relatos que vinham da Europa por meio de viajantes e correspondentes. Tendo em vista a dificuldade enfrentada ao longo de algumas empreitadas, bem como a longa duração das mesmas, era comum que os participantes acampassem no meio do caminho. Esse acampamento poderia ser selvagem, por meio de barraca ou bivak, e em algumas cabanas e refúgios, construídos para esta finalidade, no qual “os desafios possíveis ao corpo humano passam a ser pequenos perante as enormes possibilidades que se abrem com o uso de aparatos, algo potencializado por um contexto marcado pela busca insaciável por novidades cada vez mais assombrosas” (DEL PRIORI e AMANTINO, 2011, p525). Em uma destas empreitadas, realizada por Luiz D’Orleans, buscando atingir o cume do monte La Mejie, França,

Quatro horas e meia. Primeira aparição do Meije. A um ângulo do vale surge de repente a imensa muralha, abrasada pelos últimos raios do sol poente.

Aparição fantástica, estupefaciente, da qual nenhuma fotografia, nenhum quadro pode reproduzir a grandeza sublime. Instintivamente paramos e durante alguns minutos, ficamos em contemplação perante a montanha dos nossos sonhos. Depois de tirarmos uma fotográfica, continuamos a via dolorosa de cascalho. O suplício felizmente vai ter fim. Com pouco os guias nos mostram, a algumas centenas de metros de nós, um montículo esverdeado sustentando um grande bloco de rocha, onde se esconde o refugio. A cabana, modesta construção de madeira, encravada entre duas enormes pedras roladas da montanha, tem pobre aspecto exterior. Mas o interior é bem instalado e aí encontramos, além de um grande leito de palha, cobertores, uma bateria de cozinha completa, lenha, garrafas...vazias e um letreiro lembrando as penas severas sofridas por dois habitantes de La Berarde, culpados de terem subtraído dois feixes de palha. (JORNAL DO COMMERCIO, 1900, p.1).

Neste cenário, a análise das notícias veiculadas pelos jornais cariocas do início do século XX também dá conta de que visando a homogeneização e crescimento do montanhismo este passa a assumir diversos códigos do esporte, tal qual a espetacularização de suas atividades. Assim, algumas publicações dão conta de que alguns montanhistas são “exemplos curiosos de perseverança andante que nos mostram como podemos elevar a uma arte o mais comedido emprego das forças do nosso corpo” (NOVO MUNDO, 1874, p.139). Havia, em torno desta prática, uma grande divulgação, sendo inclusive armados grandes espetáculos para a medição cuidadosa das distancias percorridas, incluindo cobrando entrada do publico, sendo “o producto de cuja venda pertencia ao heróe das pernas”. A animação do espetáculo também estava associada a “incertesa sobre a Victoria- o que constitui, a nosso ver, o verdadeiro entusiasmo em uma porfia” (JORNAL DO COMMERCIO, 1906, p.2). O esporte, portanto, era encarado, também, como um “espaço de visibilidade, um teatro público relacionado à valorização de certos princípios em vigor e /ou construção, causa e consequência da gestação de uma sociedade civil mais ativa” (MARZANO E MELO, 2010, p.55).

Constata-se, portanto, que havia uma preocupação em proporcionar estas atividades de lazer para a sociedade como um todo e divulgar isto através de registros como a fotografia, visto que a beleza destas atividades e o prazer ao realizá-las devia ser algo a ser compartilhado. Fica evidente então que a preocupação já não era apenas realizar as atividades, mas também registrar, comprovar e divulgá-las. Alguns montanhistas tinham como hábito recolher documentos que comprovassem e divulgassem a história, devido à descrença ao relatar a mesma (A RAZAO, 1919). Esta

descrença parece ter sido gerada devido a simulação de alguns em ter realizado determinados feitos, tendo em vista que na época não havia tecnologia que permitisse a comprovação em tempo real do feito. Inclusive, as grandes ascensões alpinas realizadas fora do Brasil que tinham suas características associadas apenas ao caráter esportivo eram cobertas por fotógrafos profissionais e por correspondentes da imprensa, como a excursão realizada pelo Duque dos Abruzzos ao Himalaia, sendo toda a excursão coberta pelo alpinista fotógrafo Victor Solla (JORNAL DO BRASIL, 1908). Deve-se salientar que, desde meados do século XIX, os periódicos cariocas, na busca de construir um país moderno, veiculavam informações sobre os esportes por meio de publicações importadas, brasileiros residentes do continente europeu, e por meio de estrangeiros que aqui residiam. Assim sendo, a imprensa seguiu este modus operandis ao buscar difundir o montanhismo no Brasil no início do século XX (MELO, 2010).

A construção corporal e estética através do montanhismo

Ao se analisar o padrão estético que era veiculado por meio da imprensa, pode-se observar que este permeava diferentes olhares do montanhismo. Assim sendo, a beleza, bem como as emoções e valores a ela associados, estava relacionado aos locais nos quais o montanhismo era praticado, bem como dos feitos que eram realizados, valorizando os montanhistas e os locais nos quais as empreitadas eram realizadas. Deve-se esclarecer que tal olhar sempre tinha em mente a construção de uma identidade nacional, em um país que buscava se modernizar e seguir nos rumos da civilização. Neste sentido, o montanhismo seguia os ditames dos esportes, que de uma maneira geral, estavam mais próximos entre si, tornando comuns as noções e imagens de desafios, superação, saúde e higiene. As diferentes modalidades passaram a ser, no período, submetidas a um processo de adequação e construção de regras que simbolicamente se esperam de uma prática moderna (DEL PRIORI e AMANTINO, 2011).

Na cidade do Rio de Janeiro era comum que os montanhistas buscassem a “Tijuca, Gavea, Corcovado e Pão de Assucar, onde passaram parte do dia, gosando o frescor das florestas e o panorama que se descortina do alto dessas montanhas” (A EPOCA, 1915, p.3). As Paineiras também era um local de preferencia por este público,

que encontrava ali uma vegetação magnífica que tornava o lugar encantador (TICO TICOb, 1915). A região da Tijuca possuía diversos atrativos, proporcionada pela série de cadeias de montanhas circundadas por rochas, árvores gigantes, flores, ervas medicinais, além de uma bacia hidrográfica muito rica, que servia de abastecimento para toda a capital. Assim sendo, este era um dos locais mais visitados para o lazer na natureza, e conseqüentemente para o montanhismo (O FLUMINENSEb, 1907). O Alto da Boa Vista se configurava enquanto um importante local para a prática do montanhismo, e um ponto de encontro para as travessias pelas montanhas da região. Para melhor compreender o porquê desta região ser uma das mais visitadas para o lazer na natureza, deve-se deixar claro que

O desenvolvimento no país das técnicas de impressão e de reprodução de imagens, assim como a estruturação do seu mercado editorial e de estampas, estão intrinsecamente vinculados à construção da identidade nacional e com o processo de definição do Rio de Janeiro enquanto destino turístico (PERROTA, 2001, p.57).

O alto do corcovado também era visto como um importante cume a ser alcançado em travessias, inclusive as noturnas. Em uma delas o ponto de encontro foi marcado as 19 horas no largo da carioca. O trajeto passava pelas Laranjeiras, Silvestre, Alto do Corcovado, Paineiras, Alto do Corcovado, com paradas no morro do Inglês e na Bella Vista, totalizando 28 quilômetros (O IMPARCIAL, 1915). O “Toutriste Club” era uma das instituições que realizava atividades cujo destino era o alto do corcovado, a partir do centro da cidade, o que indica que alguns clubes realizavam atividades periódicas com predileção por alguns destinos. O Corcovado merecia destaque por possuir uma estrada de ferro que levava ao cume, bem como por proporcionar uma vista que tinha

A cidade do Rio de Janeiro estendida aos pés do viajante; a bahia formosíssima com as suas límpidas águas desenrolando-se em semi-círculo, e uma série de montes e cabeços, emergindo do mar ou perdendo-se entre as névoas cor de leite do horizonte; à direita, uma linha de verdura, semeada de lindas chácaras e de habitações de telhados coloridos; p jardim botânico, cujas palmeiras gigantescas, de troncos perpendiculares, parecem atingir o céu (O BRASIL, 1892, p.1).

Assim sendo, a estrada de ferro do corcovado se configurou enquanto um empreendimento voltado exclusivamente para o lazer nas montanhas, pois a ida ao Corcovado, na época, era associada apenas a vista que tal cume proporcionava. Logo é possível observar como a literatura foi fundante para marcar os atrativos turísticos, em especial os relacionados à natureza que contribuíram para construir o imaginário da cidade maravilhosa (COSTA, 2015).

Alguns pontos da cidade eram alvo de certa rivalidade, no que diz respeito ao destino dos passeios. Neste sentido,

Há mesmo quem prefira a Tijuca ao Corcovado. Mas a verdade é que, ambos magníficos, o passeio ao Corcovado tem o seu maior encanto exactamente no cimo da montanha, ao passo que o da Tijuca acha-se muito disseminado e vários pontos são deslumbrantes como natureza e como horizonte (HORARIO OFFICIAL DAS ESTRADAS DE FERRO BRAZILEIRAS, 1917, p.3).

Na época, os cronistas, por meio da imprensa, refiguravam a cidade, fazendo com que esta se observasse e se pensasse, tendo em vista o interesse em construir uma cidade moderna e cosmopolita. Estes intelectuais que pensavam a cidade, além de lançar modismos, construíam o gosto carioca, através das influências nacionais e estrangeiras, recriando a cidade através da literatura (COSTA, 2015). Deste modo, estes literatos, ao narrar o montanhismo, dão conta de que em certas ocasiões as atividades eram realizadas em mais de um local no mesmo dia, o que permitia comparar os locais visitados, em termos de suas belezas

A diferença entre as Paineiras e o alto do Corcovado é imensa, pois nas Paineiras o que mais agrada ao excursionista é a poesia do lugar, e no alto do “Chapeu de Sol”, pois é assim denominado o kiosque que allí existe, o que mais encanta e attrahe o viajante é o magnífico panorama que se descortina do alto desse bello morro (TICO TICOb, 1915, p.1).

Deste modo, dada a efervescência cultural pela qual a cidade passava, havia toda uma construção dos espaços de fruição e do lazer realizados pelos cariocas, incluindo as diferentes formas de lazer e sociabilidades relacionadas à cultura urbana realizada na

natureza (COSTA, 2015). Neste processo, cabe aqui destacar, outros destinos dentro da cidade do Rio de Janeiro, como a Pedra Branca, localizada na serra do rio da Prata do Cabuçu, que fazia divisa entre o distrito federal, Campo Grande e Jacarepaguá, com 20 quilômetros de duração e partida saindo da companhia ferroviária Central do Brasil (O IMPARCIALb, 1916). Regiões mais remotas da cidade, para a época, como Jacarepaguá, eram vistas como locais de fauna magnífica, das mais respeitáveis belezas do Distrito Federal. Jacarepaguá era considerada a “Friburgo Carioca”, devido ao bom clima e ao ar puro para aqueles que buscavam fugir das impurezas da cidade, seja por um dia, para moradia ou para temporadas (JORNAL DO BRASILc, 1908). Ao se pensar nos usos e prestígios das regiões distantes da região central da cidade, é interessante ressaltar “A higiene transformava-se, portanto, em uma grande aliada dos patrocinadores e praticantes dos novos esportes, dando-lhes a justificativa moral para sua lucrativa diversão” (PEREIRA, 2000, p.46). Deste modo, os ideais higiênicos são vistos como fundamentais para ressaltar as práticas nestas regiões.

Dentre os principais destinos de realização do montanhismo fora da cidade do Rio de Janeiro, merece destaque Itatiaia, em função do pico das Agulhas Negras. Até os anos iniciais do século XX, o referido pico era considerado como o maior do país, sendo que, na época, sua altura exata ainda carecia de aferições precisas e universalmente aceitas. Existiam aqueles que relatavam que no mês de agosto, em algumas ocasiões, poderia ser observada neve em seu cume, fato este questionado por alguns excursionistas da época (O PAIZ, 1912). Estas afirmações traziam certo glamour a montanha e a região, além de fazer desta uma possível alusão aos picos alpinos europeus pelo fato de, supostamente, ser o único pico brasileiro com neve. A região serrana do Estado do Rio de Janeiro também era destacada como um ponto muito marcante no que diz respeito ao lazer na natureza e ao montanhismo no Brasil. Existia, já na época, uma rivalidade entre as principais cidades situadas no planalto da Serra dos Órgãos, destacando-se Friburgo, Petrópolis e Teresópolis, sendo esta última apontada como superior devido ao clima mais seco (O PAIZb, 1909).

A vista dos cumes alcançados proporcionava, aos que lá chegaram, a sensação de que estavam mais perto do céu devido ao seu ponto de vista. Em excursão realizada ao Sumaré, o jornalista Coelho Netto assim narra a emoção ao chegar ao cume

Tive a impressão de achar-me sobre os ombros da cidade – a gigante sustinha-me nas suas espáduas verdes, e eu, de tão alto, olhava a planície, via o casario, tudo que ficava em plano inferior, e parecia-me estar mais perto do céu. Tudo se alcança, todos os bairros: Botafogo, Tijuca, e a vista segue deliciada os vários meandros, volteia nas ruas, sobe aos outeirinhos, flutuam nas águas calmas e contempla a agitação do homem in...(?), tão pequenino como um verme rastejando na terra baixa. Que são os bondes, os comboios, os transatlânticos que deslizam em terra e nas águas, vagarosamente? Insignificâncias. A montanha fá-los mesquinhos, anula-los, e a gente tem um certo orgulho em achar-se a cavaleiro da cidade dominando-a, avassalando-a com o olhar, podendo com o gesto lento, mostra-la toda, de extrema a extrema, desde a orla das florestas até as areias em que o mar se espreguiça. Os panoramas variam de instante a instante, os aspectos transformam-se – depois de um alcantil, a planura; o abismo e a cham revelada; ora um trocho de povoado lá embaixo, ora um campo, uma colina ou o rochedo escalvado, e por sobre tudo, em poeira de outro, o sol, o grande sol que reveste os dias azuis desse Novembro primaveril. (O FLUMINENSE, 1908, p.2).

Ao fazer alusão a uma publicação desta figura marcante, deve-se fazer um breve apontamento de sua importância dentro do cenário carioca. Este havia, nos últimos anos do Império, se aliado aos que defendiam a república radicalmente. Porém, após a mudança do regime, ficou completamente insatisfeito frente às questões políticas dos primeiros anos da república. Passou, então, a realizar obras que se distanciavam do enfrentamento, bem como de interesses políticos mais diretos, chegando inclusive a ser considerado por alguns como “um cosmopolitismo literário acrítico, desinteressado da realidade social” (PEREIRA, 2015, p.57). Porém, por meio de sua obra o autor realizava críticas veladas à sociedade, em alguns casos utilizando pseudônimos, como o de Anselmo Ribas. Passou então a projetar a cidade com uma imagem de brilho e modernidade, conforme exemplificado na notícia acima, que possuía inúmeras contradições e decepções frente ao que se espera de uma cidade moderna (PEREIRA, 2015).

No que toca ao descontentamento, por parte da imprensa, para com a cidade e seus habitantes, havia um sentimento de lamentação pelo desconhecimento da população em relação aos belos atrativos das montanhas da Cidade do Rio de Janeiro, na medida em que

Quanta gente não há que ora me lê, que nasceu, cresceu, envelheceu neste suntuoso Rio de Janeiro, e jamais teve a suprema ventura de apreciar, lá do alto desses morros, a esses panorama magnificente que eu, pobre

excursionista, de passagem, apreciei há dias, cheio de entusiasmo e cheio de orgulho (JORNAL COPACABANA, 1908, p.2).

Na busca por compreender o porquê desta lamentação, é interessante pontuar que a cidade passou, a partir da transição do século XIX para o século XX, a receber um volume cada vez maior de turistas que buscavam atividades exclusivamente de lazer. Para tal, em certa medida visando estimular as atividades de lazer nas montanhas, e em especial o montanhismo, a imprensa da época, buscavam, através de suas notícias, que fossem “construídas e reconstruídas pouco a pouco as imagens turísticas do Rio de Janeiro, que eram responsáveis por atrair os turistas e pelas quais os estrangeiros e os visitantes de outros estados brasileiros reconheciam a cidade” (COSTA, 2015, p.187).

Neste processo de construção e reconstrução, a subida aos morros poderia possuir significados distintos em função da maneira como era realizada. Logo, era veiculado que a ida a montanha através de bondes e trens não deveria ter o mesmo valor que uma subida a pé, pois

isso não dá a emoção nem a fome devoradora que comunica a ascensão a pé, carregando um peso enorme e debaixo de um sol tropical. Isso é vulgar, isso é banal. O lindo, o belo, o heroico é subir, pedibus cum jambisse, chegar onde os outros não foram ainda, colher onde os outros não foram ainda, colher na neve a flor da edelweiss e trazê-la no peito da blusa, ou empenachando o chapéu, para depô-la no regaço da doce e gentil amada ou guardá-la religiosamente como um troféu (A NOTICIA, 1908, p.2).

Na região de Copacabana, bairro em grande crescimento, merecia destaque os ‘morro da Babilônia ou o Nariz da Chinesa, como geralmente denomina o povo, “aquele morro em cujo cimo um poderoso bloco de pedra, fita desassombradamente os Dois Irmãos, como que ameaçando de precipitar-se sobre eles” (JORNAL COPACABANA, 1908, p.2). Deste modo, ao buscar subir os cumes de Copacabana, os montanhistas buscavam sentir

aquela mesma sensação que entusiasmo e anima e com a qual se conseguem vencer os maiores empecilhos, para depois, como o prêmio de um vitorie poder espraiair o olhar por toda a enorme

cidade amada, sobre Copacabana e sobre o infinito Atlântico, azul como o céu. o céu azul de nossa terra, e buliçoso como os olhas d'azogue das fluminenses (JORNAL COPACABANA, 1908, p.2).

A descrição das belas paisagens do bairro de Copacabana estaria associada ao fato do reordenamento urbano e cultural pelo qual o Rio de Janeiro passava. Neste sentido, a valorização de locais afastados, em especial os bairros atlânticos, do centro da cidade, considerado velho e atrasado, estaria associada a uma mudança no roteiro das elites locais, bem como da vida cultural e esportiva da cidade, através dos esportes náuticos, conforme observado através da notícia supracitada, do montanhismo (O'DONNELL, 2012; O'DONNELL, 2014; MELO, 2001).

O prestígio dos locais da prática do montanhismo estava relacionado às suas belezas naturais, seu clima e aos desafios que proporcionavam. Os desafios poderiam variar em função da face ou da via que buscavam alcançar o cume desejado. À medida que estes desafios tornavam-se banais, sendo realizados por quaisquer montanhistas, os locais se tornavam desprestigiados (JORNAL DO COMERCIO, 1900). A paixão e o entusiasmo dos montanhistas também estavam associados ao que o ambiente poderia proporcionar, tornando a empreitada ainda mais dinâmica. Logo, os montanhistas buscavam ambientes em que “os perigos variam. Os rochedos são escorregadios. As chuvas e as enxurradas alteram a disposição das folhagens, desobstruem ou enchem as concavidades dos penedos” (GAZETA DE NOTICIASc, 1906, p.3). Assim, observa-se que um dos elementos centrais presentes nos dias de hoje encontra suas raízes desde o início do século XX. Tal elemento refere-se aos desafios que o local proporciona, principalmente através da excitação de seus participantes, que fazem com que as empreitadas realizadas nestes locais ganhem destaque entre os montanhistas, bem como representação por parte da mídia (DIAS e ALVES JUNIOR, 2007).

Como o objetivo de algumas atividades, embora realizadas na montanha, estava centrado na proeza física, os participantes “depois de curta permanência, em que contemplavam a natureza e o bellissimo panorama, iniciaram a descida” (JORNAL DO BRASILb, 1912, p.13). Logo, a busca pela natureza e por belas vistas era apenas um pano de fundo para a realização do exercício físico e pela marcação da virilidade de seus participantes.

O estado do Rio de Janeiro, como um todo, era destacado como favorável a prática do montanhismo, uma vez que nele poderiam ser realizadas

Subidas não uma mas muitas vezes, não como uma novidade mas como um exercício, as nossas montanhas urbanas, ahi estavam a desafiar a boa vontade e a resolução dos nossos alpinistas quasi a dous passos a bellissima Serra dos Orgãos e um pouco mais longe, porém, ainda assim perto, a Serra do Mar (JORNAL DO BRAZIL, 1891, p.1).

Cabe aqui recordar que durante o período imperial, e no início da era republicana, o descontentamento dos brasileiros e dos estrangeiros com as providencias governamentais em relação ao abastecimento de agua e a salubridade das cidades era enorme. E à medida que a imprensa ia se desenvolvendo, esta associava a sujeita com a pobreza, e consequentemente a doença. Aos poucos a falta de saneamento e de salubridade urbana representava problemas para a indústria e o comércio, o que associava a cidade a algo retrogrado, impedindo de prosperar com conforto e riqueza. Assim, “advem daí uma serie de modificações na organização social e na intervenção engendrada pelos governos no espaço urbano, momento de grande prestígio da engenharia sanitária e dos médicos da área, agentes de analyses do corpo social” (DEL PRIORE e AMANTINO, 2011, p.239).

Neste sentido, a ciência da higiene foi encarada como fundamental para o progresso social e individual da nação. Logo as modificações urbanas estavam alinhadas a um conjunto de atitudes perceptivas e comportamentais, associadas a um padrão corporal, que possuía relação com a sensibilidade de médicos, higienistas e educadores (DEL PRIORE e AMANTINO, 2011). Percebe-se, então, na cidade, uma nova dinâmica urbana caracterizada pela valorização da natureza, em contra partida as mazelas do processo de urbanização. Não à toa, as notícias veiculadas acima dão conta de que a geografia da cidade era utilizada como um dos elementos da construção da identidade moderna da cidade do Rio de Janeiro (MELO e PERES, 2017). Assim, a capital despontava como a cidade, do mundo, que oferecia melhor quadro para que se desenvolvessem os diversos esportes. No que diz respeito à prática do montanhismo, a mesma possuía

uma porção de montanhas que sem precisarem as façanhas do alpinismo europeu, são ainda assim dignas de tentar o esforço dos amadores de boas caminhadas e rudes ascensões e propriíssimas a desenvolver os músculos, os pulmões, capacidade torácica, e, portanto, a resistência dos que por caminhos já trilhados ou novamente achados as escalassem (JORNAL DO BRAZILb, 1891, p.1).

Ao almejar os efeitos que a prática do montanhismo em grandes altitudes, a luz dos grandes picos alpinos europeus, a imprensa passava a construir na capital brasileira um novo padrão estético, tal qual os padrões corporais seguidos em outros esportes. Deste modo,

A princípio encarado como um jogo, logo o esporte passa a ser concebido como estratégia de formação; uma boa ferramenta para a preparação de corpos musculosos (que passaram a ser considerados padrões de saúde), bem como para a difusão desse modelo como um ideal a ser perseguido (MELO e PERES, 2014, p.34).

Buscando aprofundar esta relação, merece destaque as atividades do Centro de Andarilhos, uma das associações que promovia esportes e o montanhismo, que realizava mensalmente excursões aos domingos. Em uma destas atividades, foi realizada, por membros do centro, a travessia do Alto da Boa Vista a Freguesia de Jacarepaguá. É narrado que a mesma

Foi feita sem incidentes dignos de registro, tendo os valentes andarilhos galgado com relativa facilidade a longa e íngreme distancia que medela entre os pontos referidos, ao ultimo dos quaes chegaram a tardinha no meio da maior alegria e satisfação, marcando assim, nos annaes do Centro, mais uma Victoria sportiva (GAZETA DE NOTICIASb, 1915, p.5).

Tal narrativa evidencia uma mudança na forma de se pensar as atividades associadas ao montanhismo, na qual a empreitada e o sucesso esportivo dependiam na associação entre os atributos físicos e intelectuais dos participantes, e que apenas através da vitória e da superação que tais praticantes conseguiriam alegria e satisfação. O montanhismo era encarado também como provas de resistência. Em instituições como o Centro de Cultura Physica, havia o hábito de se promover excursões, aos

domingos, com o caráter de exacerbação do preparo físico de seus praticantes (JORNAL DO BRASILb, 1912). Assim sendo, os atributos físicos passaram a ser considerados essenciais para o desenvolvimento do campo esportivo, e conseqüentemente do montanhismo, fundamentados pelo fato de que

se algo ocorreu com os homens, foi que além de adquirir asas, descobriram que tinham músculos e passaram a explorar as vantagens destes sobre os velhos e surrados miolos. O resultado dessa curiosa mutação cultural foi o desencadeamento de uma febre esportiva (SEVCENKO, 1998, p.567).

Técnica, riscos e racionalização do montanhismo

Ao entender que o desenvolvimento corporal era essencial para o sucesso das empreitadas e das disputas, fica evidente também em função de haver, já em 1909, treinamentos específicos junto a algumas entidades. Em um destes treinamentos, o Racing Club Amazonense, organizou um programa de treinamento voltado para uma festividade a ser realizada no dia 22 de agosto de 1909. Estes eram muito concorridos pelos rapazes sócios da entidade, considerados “fortes elementos de Sport”. Havia, inclusive, premiação para os mais empenhados no treinamento, o que sugere o início de uma profissionalização (CORREIO DO NORTE, 1909). A ausência de um treinamento específico era vista como um fator limitante para o desenvolvimento deste esporte, uma vez que a imprensa apontava que

si uma pessoa que disso entenda, se occupar a ministrar aos nossos corredores pedestres regras essenciaes referentes á hygiene, á educação dos movimentos e sobretudo á respiração, brevemente- um anno, talvez- teremos excellentes corredores de fundo e de velocidade (JORNAL DO COMMERCIO, 1906, p.2).

No que toca as medidas de segurança para evitar acidentes, observa-se que

Em regra, os excursionistas se amarram uns aos outros por uma corda, presa à cintura. Fazem assim um verdadeiro rosário humano. Sobem com sapatos próprios, ferrados, que permitem andar sobre o gelo, sem escorregar. Munem-se de cajados, que lhes fornecem seguros pontos de apoio. Assim, quando um vacila e escorrega, os outros solidários a ele pela corda que a todos prende, conseguem salvá-lo. Mas nem sempre isso é possível (GAZETA DE NOTÍCIAS, 1903, p.1).

Era veiculado, portanto, que a técnica, através de treinamentos específicos ou de formas de se realizar tais práticas, se fazia presente e de fundamental importância para o desenvolvimento do montanhismo, entendido enquanto um ramo dos esportes, e conseqüentemente da sociedade. Estes fatos corroboram com o contexto mais amplo do esporte no Rio de Janeiro, no qual

o processo de racionalização é claro, expresso não só na organização de entidades específicas, como também no desenvolvimento de técnicas corporais, tendo em vista a obtenção de melhores resultados (que começam a ser mais comumente registrados) (DEL PRIORI e AMANTINO, 2011, p.515).

Ao se pensar neste processo de racionalização, um dos componentes essenciais ao esporte, presente no montanhismo, foi a sazonalidade desta prática, possuindo períodos específicos para a sua realização. Deste modo, a imprensa buscava veicular que existiriam períodos tidos como mais propícios para a realização destas práticas, poderiam ser encarados como uma temporada de montanhismo. Em notícias que relatavam a prática do montanhismo, na Europa, era destacado que alguns montanhistas mais célebres procuravam escalar as rochas durante o verão, visto que “Todos os annos, em fins de outubro, quando termina a temporada de viagens pela Suissa, faz-se o balanço dos ganhos e perdas do alpinismo” (EU SEI TUDO, 1919, p.3). Ao se pensar o porquê do montanhismo europeu ser realizado durante o verão, deve-se ter clareza de que as condições climáticas são fundamentais neste processo, uma vez que estas são fundamentais para realização destas práticas, tal qual “O Gransasso d’Itália é uma das maiores e das mais impraticáveis montanhas do Apeninos; e por isso os alpinistas mais célebres da Itália procuram sempre subir nas suas rochas mais perigosas, durante o verão” (GAZETA DE NOTÍCIAS, 1903, p.3).

Tais publicações contribuem para a compreensão desta racionalização do montanhismo na cidade do Rio de Janeiro. Como efeito disto, ressalta-se que o Centro Suisso Sportivo, em sua série “Excelsior”, denominação dada a um grupo de atividades, realizou cerca de 20 provas ao longo do ano. Esta série se configurava enquanto uma programação para a temporada que consistia em excursões para os principais picos não apenas na cidade do Rio de Janeiro, mas no estado como um todo. Logo se percebe que havia toda uma estruturação para a temporada, com atividades que possivelmente seguiam uma progressão em nível de dificuldade (O IMPARCIAL, 1916).

Havia também atividades específicas para cada estação do ano, tal qual a “décima grande excursão pedestre da série Primavera” tendo como percurso: Alto da Boa Vista, estrada da Vista Chinezinha, Mesa do Imperador, Alto do Cockran, Praia da Gávea, estrada Nova do Lebron, totalizando 20 quilômetros” (GAZETA DE NOTÍCIAS, 1915, p.9). Neste sentido, o esporte, e as travessias, seguiam, no Brasil, os ditames da racionalização das práticas corporais que envolviam a sistematização, bem como a orientação voltada para o resultado, tendo como valores a regulamentação das atividades, a competição e o jogo limpo (SIGOLI e ROSE JUNIOR, 2004). Tal movimento também pode ser observado em outros esportes, como nas competições de esgrima e remo, na quais começaram a ser organizados calendários de competições (DEL PRIORE e MELO, 2009).

Ao se falar de competições, estas atividades desenvolvidas pelos clubes poderiam ser encaradas enquanto desafios intra ou interpessoais. Sendo de uma forma ou de outra, o que fica marcante é a autoafirmação por meio destas atividades. Esta busca pela autoafirmação, associada ao caráter competitivo dos esportes, fez com que estas travessias passassem a ser disputadas de forma estruturada, também através de desafios, como uma aposta de pedestrianismo realizada no ano de 1905 em Paris de quem percorreria 30 quilômetros em menos tempo. A mesma se tratou de um duelo entre o italiano Pietro Durando, e um Francês, sendo o primeiro considerado vencedor da aposta. Tãanha foi a velocidade, percorrido em uma hora e 54 minutos, que o segundo chegou com uma hora de diferença. Na referida notícia a menção ao nome do esportista só é feita ao italiano, o que sugere que apenas merecia destaque aqueles que eram mais aptos ou os que chegavam em primeiro lugar (GAZETA DE NOTÍCIAS, 1905). As notícias veiculadas na imprensa carioca da época dão conta de que esta outra vertente da racionalização do montanhismo era adotada tanto no exterior quanto no Brasil. Neste

sentido, no Rio de Janeiro existiam provas realizadas “pelos arrebalde longínquos desta cidade, torneio este na distancia aproximada de 90 kilometros e ao qual nos referimos em tempo” (JORNAL DO BRASIL, 1905, p.5). A relação de desafio e de comparação de resultados se fazia presente, deste modo, na medida em que os esportistas buscavam percorrer distancias em cada vez menos tempo (GAZETA DE NOTICIAS, 1905). O tempo então passa a ser elemento essencial e preocupação por parte dos montanhistas, tendo em vista a melhora do desempenho ao repetir determinadas travessias

Ao que ouvimos fallar, os mesmos andarilhos pretendem realizar outra excursão com o mesmo itinerário, para chegar á sede do Club, no máximo ao meio-dia, isto é, levando 8 horas de percurso em vez de 11, quanto gastaram na de domingo (JORNAL DO BRASIL, 1903, p.3).

Assim sendo, o desenvolvimento do montanhismo, tal qual outros esportes, estaria associado, na época, a busca de se adaptar a sociedade a uma nova rotina fabril, marcada por uma nova forma de se pensar o tempo bem como na realização de atividades, processo este que em outras sociedades, como a Inglesa, se deu de maneira conflituosa e tensa (MELO, 2010).

O tempo de realização dos percursos era visto, então, como algo fundamental para a orientação dos montanhistas e o confronto do progresso dos participantes, por mais que não existisse, na época, nenhum tipo de padronização acerca das distancias a serem disputadas. Porém, em alguns casos observa-se que existia uma relação entre o número de participantes inscritos para cada distancia. A classificação dos atletas nas categorias, em geral era feita pelo diretor de corridas (O PAIZ, 1906). Havia provas para aqueles corredores que não obtiveram vitórias ao longo do ano, servindo como motivação para aqueles que não conseguiram bons resultados na temporada e possibilitando uma maior motivação aos participantes (CORREIO DA MANHÃ, 1908). Em alguns casos se fazia necessário alcançar determinados resultados para concorrer ao título de Champion (O PARA, 1899). Deste modo, a comparação de resultados passou a estar cada vez mais presente no cenário esportivo. Merece destaque as notícias que dão conta da comparação a nível internacional, evidenciando alguns personagens, como um Norte Americano chamado de Weston era considerado campeão de pedestrianismo no mundo, no ano de 1874, e que na Europa nunca se via feitos

iguais (NOVO MUNDO, 1874). Nesta época, passaram a ganhar força a corrida de longa distancia, tal qual as maratonas. Estas corridas eram divulgadas pela imprensa através dos campeonatos realizados ao longo do mundo, tal qual o campeonato de Stockolmo, na Suécia. Estes campeonatos, diferente das provas das décadas anteriores, contavam com participantes de todos os lugares do mundo, se organizavam em um formato de campeonato mundial e incorporavam saberes científicos, em especial da medicina higiênica, como, por exemplo, a hidratação durante as provas (GAZETA DE NOTICIASd, 1912). Cabe aqui destacar que já considerado uma febre, o cenário esportivo carioca foi fortemente influenciado pelos movimentos internacionais, principalmente através dos Jogos Olímpicos Modernos, responsável pela propagação das diferentes modalidades esportivas pelo mundo. Assim sendo,

a restauração dos Jogos Olímpicos criou a idéia de representação esportiva nacional e com o passar das edições esta condição gerou um sentimento patriótico nos atletas e na população dos países participantes. A mídia daquela época, representada maciçamente pelos jornais, passou a noticiar cada vez mais os feitos esportivos, aumentando consideravelmente o alcance desses acontecimentos (SIGOLI e ROSE JUNIOR, 2004, p.115).

Logo, a comparação de resultados implicou na necessidade do estabelecimento de regras, o que estimulou, nessas competições, a presença de árbitros, sendo que em algumas competições “alguns dos mais distintos cidadãos foram juizes” (NOVO MUNDO, 1874, p.139). Neste sentido, para alguns, a ausência de um cronômetro, dificultava a aferição correta das provas e realizações (JORNAL DO BRASILc, 1903). Eram freqüentes os protestos contra os resultados de algumas provas, sendo algumas destas canceladas ou com corredores desclassificados. Neste sentido, ao menos no discurso, a imprensa tentava ser imparcial. Em uma prova realizada pelo Club Sportivo Guarany, mais especificamente no Grande Premio pedestre, um dos competidores se julgou muito prejudicado por outro participante. Todavia, o representante da imprensa presenciou “como todos que lá estiveram (imparceaes), foi Tomaz liquidar o Albion muito licitamente, sem partidos, a ponto do referido amator nem poder sustentar o 2º lugar” (GAZETA DE NOTICIASb, 1907, p.3). Assim, pode-se observar que o esporte, e no caso as atividades associadas ao montanhismo, fez do relógio mais do que um artefato ou símbolo, mas sim um instrumento para a nova ordenação temporal em

função de um conjunto de mudanças decorrentes da implementação do capitalismo. Logo, o tempo passou a ser cada vez mais rígido e controlado, exigindo maior sincronização e exatidão nas atividades desenvolvidas (MELO, 2010).

No que toca a especialização da tarefa a partir dos montanhistas, observou-se que as notícias analisadas dão conta de que havia, na época, tanto atletas amadores, quanto profissionais. O amadorismo pode ser exemplificado, para além de algumas notícias já analisadas neste trabalho, em uma prova realizada no Racing Club vários amadores competiram nas provas, havendo inclusive um desafio interclubes, cujo vencedor pertencia a associação pedestre francesa (O PARA, 1899). Observa-se que já havia, fora do país, montanhistas profissionais, que disputavam provas separadas dos demais, e alguns campeonatos nacionais, cuja distância das provas variavam de 10 a 80 quilômetros (O PAIZb, 1906). Existia, portanto, na época, conflitos no âmbito internacional entre amadorismo e profissionalismo do esporte (SIGOLI e ROSE JUNIOR, 2004). Logo,

À primeira vista, essa polaridade espelhava-se na confrontação de modalidades enfaticamente amadoras (como o cricket, o tênis e o remo) com modalidades que se prestavam mais para o espetáculo e o profissionalismo (como o baseball, o boxe e o futebol). Olhando com atenção, nota-se que essa polarização entre amadorismo e profissionalismo se manifestava no interior de muitas modalidades, permitindo distinguir dois tipos de praticantes e torneios (PRONI, 2004, p.2).

Um fato que poderia justificar o porquê desta profissionalização do montanhismo diz respeito ao fato de que caminhar grandes distâncias, sob formato de travessias, passou a ser veiculado como algo grandioso e que dispndia de um alto custo. Logo, não foram poucas as empreitadas realizadas pelo Rio de Janeiro. Em uma delas, Izidro Barreiros realizou um “raid” do Rio de Janeiro a Matto Grosso, levando um total de 115 dias, tendo atravessado os estados de Minas Gerais e São Paulo. Ao voltar “de sua excursão pedestre, procurou hoje as redacções dos jornaes, exhibindo documentos firmados pelas autoridades dos logares por onde passou” (DIARIO DA TARDE, 1920, p.2). Ao se pensar nas atividades de longa distância, no início do século XX surgiram os pioneiros daqueles que gostariam de fazer a travessia de norte a sul do país. Alguns, inclusive, planejavam empreitadas com duração de cerca de 10 anos,

sendo mais comuns estas travessias em jovens adultos (REVISTA DA SEMANA, 1901). Como no caso do

primeiro viajante que faz a travessia do Brasil de norte a sul e durante a sua excursão o sr. Parsondas estudou cuidadosamente as regiões por onde passou, procurando precisar com exactidão a posição dos logares, rios e serras, no que está a importância de sua travessia por vir trazer á geographia a sociedade que não tinha. Depois da precisa refusão, o seu trabalho será dado á publicidade, vindo como valiosos subsidio enriquecer a sciencia, já na parte physica, já na descriptiva. O sr. Parsondas demorar-se-á nesta capital até que esteja concluida a impressão da sua obra. (JORNAL DO BRASILc, 1901, p.1).

É interessante pontuar que a ida sistemática e organizada do homem a natureza, tem relação com a ciência e a forma como os cientistas interagem com o mundo natural. Desde o século XVIII existem registros de cientistas que buscavam a natureza tanto para expedições científicas, como para apreciação estética das paisagens naturais, embora estas não se configurem enquanto lazer ou esportivas. Posteriormente, ao longo do século XIX, tais atividades passaram a incorporar, além dos discursos científicos, o caráter de divertimento, incorporando uma certa visão romântica da natureza (DEL PRIORE e MELO, 2009).

Ao se falar de caráter de divertimento e da visão romântica da natureza, nas atividades relacionadas ao montanhismo com longa duração, os encontros eram marcados pelos montanhistas no início da manhã, passando a ser, então, um programa para todo o dia. Em uma destas, com destino os “arrebaldes da Lagoa, Gavea, Tijuca, Engenho velho, até a rua Uruguyana” (REVISTA DA SEMANA, 1903, p.10), a atividade iniciou as 4 da manhã e teve duração de 11 horas (REVISTA DA SEMANA, 1903). Um fato curioso que chama atenção se deve as atividades do “Centro Suisso de Excursões Pedestres”, fundado em 24 de fevereiro de 1915, que realizava excursões pelas montanhas e ambientes naturais do estado do Rio de Janeiro. Um destino freqüente era Itacurussá, que até meados de 1915 foram realizadas sete vezes, comumente saindo por volta das 7 horas da manha (GAZETA DE NOTICIASh, 1915; GAZETA DE NOTICIASb, 1916). Na excursão de comemoração de 1 ano do clube os participantes percorreram cerca de 40 kilometros pelas montanhas da cidade do Rio de Janeiro, tendo como ponto de partida o largo da carioca, as 5 horas da manha (GAZETA DE NOTICIASb, 1916). Algumas excursões pedestres eram realizadas em montanhas com grande rede fluvial e cachoeiras, tais como Alto da Boa Vista, Cascatinha, Bom

Retiro, Archer e Excelsior. Estas excursões começavam no início da manhã e duravam até o final da tarde, algumas chegando a totalizar 38 quilômetros (GAZETA DE NOTÍCIASd, 1915). Algumas destas, consideradas de excursões de resistência física começavam de madrugada, como a realizada pelo Centro dos Andarilhos do Brasil. Em prova realizada no dia 08 de agosto de 1915, o encontro foi marcado para a 1 hora da manhã na sede do clube. A excursão percorria o centro da cidade seguido pelas principais montanhas da cidade (GAZETA DE NOTÍCIASg, 1915).

Assim sendo, o montanhismo, na época, estava associado a grandes caminhadas, cujas principais características eram a superação de desafios, o divertimento e o contato com a natureza. Em 1874, o montanhismo, em função das grandes travessias, já era considerado “um dos exercícios mais curiosos e que agora está entrando na moda (NOVO MUNDO, 1874). Notícias sobre grande feitos eram constantemente divulgadas, como a volta do mundo a pé realizada por Henri Mosse. O referido andarilho, completando sua segunda volta ao mundo, buscava conseguir um prêmio em dinheiro oferecido pela “Sociedade Científica de Paris”. A aventura, iniciada em junho de 1908, já constava com 40 mil quilômetros percorridos, e tinha como previsão ser completada em junho de 1912, com duração total de 4 anos, sendo esta a segunda melhor marca já registrada (GAZETA DE NOTÍCIASc, 1912). Neste sentido, a divulgação de tais aventuras dão conta de que

no seio do higienismo, a inspiração de cunho eugênico tendia a associar a limpeza da raça brasileira aos valores da ginástica e do culto a vida ao ar livre. Moda e ciência, apesar das diferenças, tendiam a se encontrar no mesmo afa por silhuetas higienizadas. Isso significava saúde, asseio e também o culto do sportman (DEL PRIORE e AMANTINO p.304).

Neste culto ao sportman, notícias sobre montanhistas estrangeiros sugeriam que, na busca por recordes, os praticantes se colocavam em situações extremas, conforme realizado por Weston que iniciou a busca por um record “a meia noite e, cousa incrível, andou as 115 milhas em 23 horas, 50 minutos e 58 segundos ou 9 minutos antes do termo”, sendo exaltado este recorde de tal maneira que “É raro o Cavallo ou o muar que possa andar tanto dentro de um dia” (NOVO MUNDO, 1874, p.139). Não satisfeito com este recorde o americano “empreendeu andar 500 milhas em 6 dias consecutivos

ao em que andou 115 milhas” todavia “nesta tentativa elle falhou por 30 milhas, e nem era de esperar outra cousa” (NOVO MUNDO, 1874, p.139).

Outro ponto que merece destaque se deve a compreensão do por que do destaque dado às dificuldades. As notícias dão conta de que os montanhistas não eram considerados turistas, e que, além da longa duração das atividades, a dificuldade era elemento chave nesta diferenciação. Tal constatação pode ser ressaltada ao se refletir sobre uma atividade realizada pelo Grupo Paliativas, ao Bico do Papagaio, na qual a dificuldade fazia com que seus participantes dispendessem muita energia para alcançar o cume. A referida atividade foi iniciada as 11 horas da noite, e após viagem difícilíssima, devido as condições do caminho, alcançaram o cume as 8 horas da manhã completamente exaustos. É destacado que se os caminhos não fossem tão ruins “teriam os touristes ocasião de apreciar de lá uma das mais bellas paysagens do Rio de Janeiro” (O SECULOc, 1915). Deve-se destacar que nem sempre as dificuldades se apresentavam na subida. A descida merecia atenção por parte dos montanhistas. Quando estes, em função de ter relaxado e curtido a chegada ao cume, se descuidavam acabavam por passar momentos difíceis, que incorriam em alterar a tranquilidade durante a atividade, o que poderia representar um risco de vida para seus participantes. Alguns montanhistas se descuidavam e iniciavam a descida ao anoitecer, o que resultava na perda do caminho de volta, transformando o momento de diversão em momentos de terror. Nestes casos, se fazia necessário retornar para o cume para então encontrar o caminho correto de descida. Após o fim das dificuldades passadas, encontrando do destino do retorno, voltava “a calma, a respiração e o bem-estar, pulsou-nos de novo o coração e convencemo-nos de que estávamos vivos ainda” (JORNAL DE COPACABANA, 1908, p.2). Porém, em atividades cuja intensidade era alta, poucas eram as conversas uma vez que a energia era direcionada para vencer as dificuldades. Quando a atividade era realizada em grandes altitudes, os alpinistas ficavam “ofegantes por falta de oxigênio, sendo obrigados a mover-se com extrema lentidão” (REVISTA DA SEMANA, 1905, p.15). Observa-se que tais notícias dão conta de que a conformação do campo esportivo, e mais especificamente do montanhismo, teria relação com a nova dinâmica social na cultura urbana, levando em consideração “a valorização das ideias de espetáculo e consumo na configuração dos novos imaginários; enfim, com as dimensões que marcam a modernidade” (DEL PRIORE e MELO, 2009, p.36).

Seguindo tal espetacularização, aqueles que tentavam realizar tais práticas fora do período propício estavam sujeitos a consequências graves, como no caso do

advogado Gastão Gomeni, ávido de emoções extraordinárias, quis experimentar uma ascensão audaz no dia 20 de fevereiro, quer dizer, no coração do inverno, entre as tormentas de neve e as ventanias mais pavorosas. Embora aconselhado a adiar a viagem, o infeliz alpinista seguiu em companhia de dois guias e subiu... subiu até os habitantes de uma palhoça que estava ao pé da montanha os perderam de vista. Não voltou mais. Avisadas as autoridades, foram enviadas pessoas práticas e soldados alpinos a pesquisar nos vales que se abrem debaixo dos despenhadeiros do Gransasso. Depois de muito caminho os três infelizes foram encontrados sobre a neve, debaixo de uma pedra colossal e pitoresca, de onde a tormenta provavelmente os arrancou no momento em que tentavam descer para pedir abrigo ao Refúgio, que é uma casa construída entre os vales como São Bernardo para os alpinistas e para os caçadores de Stambecchi (GAZETA DE NOTÍCIAS, 1903, p.1).

A notícia veiculada acima indica que já existiria na época uma relação entre o binômio risco-aventura, na qual as atividades que geram incerteza quanto às consequências e resultados, sendo estes componentes essenciais e propositais ao adotar determinados comportamentos, como o de realizar a empreitada mesmo em condições climáticas desfavoráveis. Observa-se, também, uma busca da racionalização da conduta humana, típica da modernidade, que buscava prever situações de risco de modo a gerenciar e minimizar, como pode ser observado na construção de um abrigo/refúgio construído entre as montanhas (SPINK, 2001).

Os riscos inerentes ao montanhismo se faziam presentes nas notícias estrangeiras veiculadas no Rio de Janeiro nas duas primeiras décadas do século XX, porem este não era capaz de diminuir a expansão do montanhismo, uma vez que

os alpinistas crescem de anno para anno, mas essa diversão não deixa de ter perigos sérios, que dão logar a diversas catastrophes mais ou menos mortaes. A estatística do Club alpino allemão e austríaco accusa uma mortalidade de 890 pessoas no período de 1901 a 1910, sem contar os soldados e os habitantes das diversas localidades visinhas carregada pelas avalanches. Os accidentes são notados quase exclusivamente em relação a tourists. A distribuição das mortes desastrosas nessa década é: em 1901, mortos 58; em 1902 70; em 1902 72; em 1904 76; em 1905 56; em 1906 houve 98 mortes e no ano seguinte 85; em 1908 foram 108 os mortos; em 1909 144 e em 1910 128. Nem por isso, porém, arrefece o entusiasmo pelos passeios alpinos. (JORNAL DO BRASIL, 1911, p.3).

Assim, tal notícia vai ao encontro de autores contemporâneos que acreditam que uma característica marcante das atividades de aventura e na natureza, tal qual o montanhismo, é a busca pelo risco e a incerteza em relação aos resultados esperados. Deste modo existe um limiar de excitação, na qual em atividades onde o desejo de participação tende a diminuir à medida que diminuem os riscos, e as atividades onde há excesso de risco também poderia resultar na diminuição deste desejo (MARINHO, 2008).

Era comum que durante as atividades os montanhistas encontrassem corpos de seus pares acidentados que não conseguiram socorro, como o caso do alpinista Alberto Jucher, que morreu em uma gruta de Capologo, na província de Lugano, Itália. Seu corpo foi encontrado já em estado adiantado de putrefação (JORNAL DO BRASILf, 1904). Para a imprensa brasileira,

O alpinismo é na Itália uma moda quem em muitos indivíduos chega a tomar todos os caracteres de uma paixão irresistível, que desafia todo o gênero de perigos e de sofrimentos. Entre os alpinistas com mais conhecidos da Lombardia Giandomenico Ferrari era aquele que mais excursões havia feito entre os picos mais perigosos dos Alpes, e durante o verão deixava os estudos de direito e corria sozinho com uma audácia sem igual a percorrer os maiores altares entre as neves eternas. Confiando sobejamente em si, Ferrari quis tentar em novembro o cimo do monte Grivola por caminho desconhecido; foi feliz e voltando à vila de Bague que está ao pé dos Alpes, depois de oito dias de descanso planejou a ascensão do Gran Paraliso uma das montanhas mais terríveis em tempo de inverno. Tomou um guia a primeira vez em sua vida, certo Jeantet e pôs-se em caminho...Foram vistos no começo da subida ao longe. Depois desapareceram. Quando três dias depois, a família de Jeantet alarmada pela falta do seu chefe, foi procurá-lo pelos lugares onde devia ter chegado na volta e não encontrou senão os rastos dos dois alpinistas deu aviso as autoridades, aos parentes de Ferrari, e à seção mais próxima do clube Alpino. Oito caravanas se organizaram e depois de muitas pesquisas os cadáveres dos dois infelizes foram encontrados numa rocha onde haviam escorregado entre a neve caída naqueles últimos dias e ainda mão endurecida. Imaginem o terror das duas famílias presentes a terrível descoberta. (GAZETA DE NOTICIAS, 1900).

Observa-se, portanto, que o alpinismo era uma prática de prestígio em alguns países europeus, como o a Itália, e que em mais de uma ocasião aqueles que realizavam esta atividade fora do período tido como ideal para sua prática, em geral sendo realizado no inverno, sofriam as consequências. Todavia, o tratamento dado em função das intercorrências variava de acordo com o montanhista. A notícia acima citada destaca que em função destes serem grandes montanhistas, pertencerem ao Clube Alpino

Italiano e chefes de família, elementos de distinção, foram organizadas oito caravanas para socorrer os dois homens, ao contrário das demais notícias veiculadas pela imprensa da época.

Ao falar em acidentes e situações extremas, era narrado que os montanhistas, em locais cujo frio era intenso,

Chegados perto do cume tínhamos as extremidades inferiores de tal forma enterradas que fomos obrigados a tirar os sapatos e as meias para esfregá-los na neve, dando vigorosos batidos com os nossos cajados, que produziram a sensações de uma comichão, prenuncio de que o perigo havia passado (REVISTA DA SEMANA, 1905, p.15).

Havia, na época, um papel de destaque acerca do número de mortes que envolviam esta prática. Por exemplo, no “anno de 1911, deram-se nos Alpes 133 desastres mortaes, e mais de 500 accidentes de certa gravidade, o que não estaria o gosto pelo alpinismo, a despeito a baixa temperatura dessas regiões” (A EPOCA, 1912, p.7). Dentre estas estatísticas, “a maior parte das desgraças se deram nos mais elevados píncaros mas nas pendentes pouco rápidas, o que se explica pelas poucas precauções que se tomam ao passar por sítios que não são julgados muito perigosos” (GAZETA DE NOTICIASb, 1906, p.3). Cabe aqui ressaltar que ao analisar o sentido que o risco assume, incorpora-se, a partir do século XVII o conceito de probabilidade, que passa a influir na catalogação e classificação dos fatos que são considerados relevantes para uma tarefa administrativa. Assim, a gestão de riscos busca aliar o cálculo de probabilidades e a herança da função política da estatística. Esta função, conforme veiculado nas notícias acima, serviria no sentido de moldar os sujeitos e influir nos comportamentos que supostamente seriam prejudiciais aos sujeitos (SPINK, 2001).

Ao se falar em estatística

É raro passar um anno sem que novos nomes não venham juntar-se ao necrológio dos Alpes homicidas, pois é enorme a raça dos imprudentes e temerários que têm a vertigem da alturas. É difícil admittir-se que só a curiosidade de ver paisagens novas faça subir alguém ao cimo dessas montanhas, pois todos sabem que na atmospherá de vapor que, as envolve, as paisagens não podem ser vistas. Não podem tambem trazer o desejo de observações meteorológicas. Não; o caso e muito mais simples,

independente de julgarem isso elegante, a maior parte dos alpinistas cedem ao desejo de imitação. É uma espécie de atracção invencível dos touristes á vista só da ascensão dos outros ou mesmo das narrativas dos Tartarins. É verdade que há alpinistas que, por gosto, sobem ao cimo das montanhas. Estes conhecem os perigos que esse divertimento apresenta, porém gostam tanto de affrontal-os como os marinheiros gostam d'aquelles do mar, julgando-se felizes d'essa lucta contínua. Mas são excepções, e o alpinismo pode resumir-se nesta resposta dada por um touriste ao distincto escriptor Pierre-Nolay: <Que quer? A montanha está tão perto! Não é natural subir-se?>(TICO TICO, 1913, p.4).

A notícia supracitada, ao indicar o desejo de imitação das pessoas que praticavam o montanhismo na época, pode ser encarada enquanto uma tentativa de exercer o poder disciplinar, que seria essencial para o desenvolvimento do capitalismo industrial, tornando-os dóceis e visando a segurança, por meio de mecanismos de vigilância e de governança do corpo, tão presentes nas teorias higiênicas vigentes na época, conforme visto anteriormente neste trabalho (SPINK, 2001).

A morte durante a prática do montanhismo era uma morte aguardada para alguns que possuíam uma relação de proximidade com a montanha como o caso de Alexandre Burgeuer

um veterano alpinista, gozava de fama mundial. Seu nome era universalmente conhecido, como os de Balmat, Cachat, Croz, Almer, Carrel, Knubel. Bennen, Zurbriggen, Maquignaz e muitos outros e havia sido ilustrado por aventuras gravíssimas. Os mais celebres alpinistas do mundo, acompanhavam este homem intrepido, adorador a montanha e para quem a montanha e para quem a montanha não tinha segredos. Entre as suas empresas mais audazes, tornou-se celebre a travessia do monte do Leão, com Nummery, seu companheiro de audácias, atravez de uma muralha de gelo, quasi perpendicular, de mil metros de altura, que se havia formada entre a Testa do Leão e o Matterhon. Este homem acabou dignamente sobre a montanha, que fora o seu campo de batalha. Todos os seus companheiros e collegas de audácias e riscos, concordam em dizer, que assim devia fatalmente acabar (FON FON, 1910, p.3).

Tal notícia, ao referendar que o celebre montanhista não via segredos nas montanhas e que sua morte era esperada, indica percepções distintas, entre o montanhista e o autor da notícia. Logo, fica claro que “as percepções do risco estão diretamente vinculadas à capacidade, à experiência e ao conhecimento da pessoa com relação à atividade de aventura” (MARINHO, 2008, p.188). Neste contexto, a imprensa buscava noticiar as catástrofes como lições de prudência para os audazes apreciadores

dos cumes frente aos perigos e as variações das empreitadas em função das alterações climáticas, como o caso da

recente catastrophe do Bergli, no Oberland suíço inicia dolorosamente a estação alpinística deste ano. Entretanto, talvez, servirá de lição de prudência, pois terá mostrado aos audazes apreciadores das alturas virgens, o grave perigo a acrescentar aos perigos normais, as grandes quedas de neves que se deram no inverno passado e na última primavera. O mau tempo que se prolongou em toda parte, até aos primeiros dias de Julho, torna muito fácil a queda da neve, que produziu o desastre de Bergli. A caravana dos alpinistas atravessava o monte do Moench a 3299 metros de altura, para encurtar a longa e fatigante estrada que, de Grindelwald, vai ter ao hotel Eggishorn. Do cume do monte destacou-se o pequeno bloco de neve, que se tornou um colosso e sepultou na sua passagem sete homens; entre estes, quatro guias (FON FON, 1910, p.3).

Durante os acidentes, alguns montanhistas tinham atitudes diversas. O periódico *Brood Vience* publicou um artigo que foi resumido pelo jornal *O Fluminense*, de 23 de setembro de 1907. O artigo relata a experiência de quase-morte de diversas pessoas, dentre elas

Um alpinista, caído do alto de um rochedo, escapou por milagre a essa descida vertiginosa. E contou depois, que, durante a queda, quando a mais terrível das mortes lhe devia parecer inevitável só o preocupava a dúvida se cairia na relva ou na rocha- e isso não por uma questão de conforto, mas por simples curiosidade desinteressada (*O FLUMINENSE*, 1907, p.2).

A maioria dos acidentes, relatados pela literatura, não se deram em regiões alpinas. Porém,

a maior parte dos acidentes de montanhas não se produzem, como se poderia crer, nas regiões do gelo e da neve eterna: a maioria dos acidentes ocorre em fracas altitudes e são devidas (forçoso é reconhecê-lo) à imprudência das vítimas, que colhem flores nas bordas dos precipícios ou se aventuram ao acaso sem guia, sem conhecerem o país e levam a efeito ascensões em tempos desfavoráveis (*TICO TICO*, 1915, p.3).

Assim, era veiculado que a prática em si possuía riscos, porém estes eram agravados em função do desconhecimento do local de realização da prática, e em

especial o não respeito por este local, bem como de suas especificidades que implicariam em cuidados redobrados para a prática. Se pensarmos que estes acidentes, em sua maioria, são relatados pela imprensa brasileira, fora do Brasil, as mudanças de configuração do meio ambiente bem como o conhecimento prévio do local, em diferentes épocas do ano, eram fatores importantes na prevenção de acidentes. Em uma das publicações analisadas é destacado que “é quasi sempre a ruptura de corda, que ocasiona os desastres” (TICO TICO, 1915, p.3). Como um dos hábitos era que os participantes se prendessem a uma única corda, mesmo para segurança, o desequilíbrio e queda de um participante poderia fazer com que todo o grupo se acidentasse. (TICO TICO, 1919). Dentre outras causas de acidentes, era comum que alguns blocos de pedra ou de neve se destacassem do maciço, ocasionando a morte, inclusive de guias (FON FON, 1910). Havia casos em que os montanhistas se perdiam na empreitada e acabavam por morrer de frio ou de fome (JORNAL DO BRASILb, 1902). Em alguns casos, os participantes escorregavam ou tropeçavam (TICO TICO, 1919). Porém, “a maior parte das desgraças não se deram nos mais elevados píncaros mas nas pendentes pouco rápidas, o que se explica pelas poucas precauções que se tomam ao passar por sítios que não são julgados muito perigosos. Outras fatalidades são “devidas (forçoso é reconhecê-lo) á imprudência das victimas, que colhem flores nas bordas dos precipícios ou se aventuram ao acaso sem guia, sem conhecerem o paiz e levam a effeito ascensões em tempos desfavoráveis” (TICO TICO, 1915, p.3).

O entusiasmo aparece como uma faca de dois gumes, a mesma se faz condição fundamental para a realização de determinadas conquistas, e, ao mesmo tempo, uma das possíveis causas de morte, à medida que montanhistas por entusiasmo buscam desafios mesmo sem ter as condições necessárias, como em uma catástrofe que ocorreu na Itália

No anno passado, a catastrophe do Bergli causou a morte de sete pessoas. Dous alpinistas allemães, não obstante o mau tempo quizeram tentar a travessia dos Alpes bearneses, atravez das geleiras, no principio de Grindelwald. A insistência dos touristas venceu a prudência dos guias. Partiram em duas caravanas bem equipadas. Infelizmente, uma formidável tempestade de neve, alias prevista, assaltou-os perto da cabana do Bergli e matou sete homens dos doze, que alli estavam. na Itália (TICO TICO, 1915, p.13).

A aventura, então, era encarada para a imprensa da época como um fator que teria, para os montanhistas, um valor diferenciado, uma vez que estes

tendem a perceber o risco como um desafio e não como um perigo. Ao invés de sentirem-se ameaçadas pelo nível de risco nas montanhas, essas pessoas sentem que o risco contribui, de forma positiva, na aquisição de satisfação (MARINHO,2008, p.188).

Conforme visto anteriormente, os acidentes não aconteciam apenas fora da temporada de montanhismo. A Suíça, por exemplo, em 1919 realizava ao final da temporada uma análise dos acidentes, no qual

O capítulo de perdas é muito importante no último ano. Segundo os dados recolhidos, mais de sessenta imprudentes pagaram com a vida a sua falta de previsão ou os seus entusiasmos por alcançar gelos mais ou menos acessíveis. O ano passado foi um dos mais fataes que se registram. Só na quinzena compreendida entre 5 e 19 de agosto ocorreram nada menos de quatorze acidentes mortaes, sendo seis em Weterhorn, de fúnebre historia (EU SEI TUDO, 1919, p.9).

Um fato curioso é a criação de um museu voltado para registros relacionados ao montanhismo. Localizado

Em Zeimatt, que é talvez-o centro das ascensões mais reputadas e perigosas, organizaram um pequeno museu de alpinismo, onde figuram os retratos e as relíquias das victimas da montanha. Nesses mostradores vêem-se a corda fatal cuja ruptura occasionou a catastrophe do Cervin, os bastões ferrados, os saccos, as lunetas, sapatos, pedaços das roupas!... Alguns nomes, datas... e é tudo. O guarda do museu é também uma victima do alpinismo: antigo guia, tem uma das mãos queimadas pelo frio na Cordilheira dos Andes onde uma americana o levára. Os tumultos das victimas estão agrupados no cemitério de Zermatt (TICO TICO, 1915, p.3).

O fato de haver um museu, bem como a análise das mortes ao longo do tempo, mostram que o risco era um dos fatores que alimentavam o ideário de aventura dos montanhistas e que havia toda uma espetacularização destes riscos, mortes e acidentes, o que engrandeceria ainda mais os feitos, fazendo com que a indústria do lazer e do

entretenimento ficasse ainda mais em evidencia. Cabe aqui destacar que o processo de quantificação dos esportes modernos também foi incorporado ao montanhismo, uma vez que este mundo de números e estatísticas se faziam cada vez mais presentes (LIMA, MARTINS e CAPRARO, 2009).

Como os acidentes estavam associados à imprudência, através do despreparo para a realização da atividade e ao entusiasmo, possivelmente, pesava a aptidão física e a previsão de tudo que era necessário para a empreitada, como conhecimentos do local, meteorológicos, equipamentos e provisões necessárias (EU SEI TUDO, 1919). As notícias, então, dão conta de que “Certamente que a tecnica da montanha fez, desde ha um seculo, progressos consideráveis. Os guias sabem agora perfeitamente como é preciso equipar-se, quaes os itinerários, que razões, que hora, que tempo são os mais favoráveis para subir, a este ou aquelle pico”(TICO TICO, 1915, p.3).

Assim, a racionalização, entendida neste caso como o uso de diferentes equipamentos tecnológicos, permitiu uma fluidez entre os montanhistas e os locais no qual eram realizadas as atividades, e um aumento na sensação de segurança (MARINHO, 2008). Outro fato que cabe ressaltar acerca dos avanços da “técnica da montanha”, é que tal racionalização estava imbuída num contexto em que “os desafios possíveis ao corpo humano passam a ser pequenos perante as enormes possibilidades que se abrem com o uso de aparatos, algo potencializado por um contexto marcado pela busca insaciável por novidades cada vez mais assombrosas” (DEL PRIORI e AMANTINO, 2011, p. 525).

Assim, tais usos, além de ampliar a capacidade do ser humano, permitiriam minimizar o máximo os riscos das atividades. Porém, ressalta-se que mesmo todas as precauções tomadas não eram capazes de zerar os riscos. Para a imprensa, eram então “Mais trágicas são as grandes catastrophes alpestres, que engolem veteranos da montanha, a despeito de sua experiência e das precauções tomadas (...) ainda assim, fica-se á mercê de um acaso, de uma tempestade imprevista, de um nevoeiro, de uma corda, que se rebenta” (TICO TICO, 1915, p.3).

Ao que parece, dado o volume de notícias relacionadas aos acidentes, que a imprensa da época, ao mesmo tempo em que buscava difundir o montanhismo no Brasil, alertava que esta prática possuía certos riscos e que necessitava de certa expertise. Assim sendo, esta prática não poderia ser realizada por qualquer pessoa, ou

simplesmente por um modismo, apenas por aqueles: considerados aptos fisicamente, visto que a condição física era essencial para a prática; que possuíssem experiência a tal ponto de conhecer o local e se manter em constante atenção nas atividades realizadas; e possuir um conhecimento técnico científico, que vão desde entender condições meteorológicas até saber manusear determinados equipamentos. Apesar do número elevado de notícias, alguns jornais buscavam problematizar o fato do montanhismo ser considerado um divertimento perigoso, no sentido de ser uma prática a ser evitada, uma vez que realizavam os seguintes questionamentos: “E o automobilismo, que no Rio faz cinco vítimas diariamente? E a caça, em que tão frequentes são os desastres? E o amor? E a política?” (O PAIZ, 1912, p.3). Desta forma, procuravam evidenciar que o montanhismo se configura enquanto uma prática que possuía riscos tal qual qualquer outro divertimento e outra prática da esfera da vida do homem. Em função das notícias apresentadas acima, havia a intenção de denotar o montanhismo como uma prática útil e central no processo de colocar a cidade do Rio de Janeiro nos rumos da civilização, uma vez que “compartilhando o sentido atribuído ao esporte pelos higienistas, diferentes grupos de esportistas tentavam atribuir a suas próprias modalidades a primazia da tarefa de transformação social” (PEREIRA, 2000, p.54).

Montanhismo, construção de identidade e valores esportivos

Na busca de compreender, então, os valores que envolviam tal prática, bem como estas contribuía na construção da identidade nacional, merece destaque uma publicação do jornal *A Notícia*, em uma sessão que era escrita por um correspondente europeu, mais especificamente inglês. No caso, o autor descreve elementos interessantes na construção identitária dos montanhistas, bem como dos motivos que os levam a tal prática.

Debaixo de um sol tórrido, carregando o peso da sacola com as munições, o varapau ferrado, os enormes sapatos taxeados, a pesada roupa de lã, ele sobem penosamente, isolados ou em grupo, às vezes silenciosos, outras

cantarolando. O que querem esses homens? O que pretendem essas mulheres audazes que assim vão galgando metros de terra apumada, num esforço contínuo e esfalfante? Querem atingir o pico mais alto, plantar aí a bandeira do seu país, gozar durante algum tempo o esplêndido panorama que de lá se desfruta, gravar o seu nome e uma data na pedra ou no gelo e depois regressar ao lar para dizer do seu feito glorioso, ou ao túmulo, precipitando-se no abismo por inadvertência. Eis aí os fins do alpinista (A NOTÍCIA, 1908, p.2).

O montanhismo, na Inglaterra, teve suas origens na interseção das definições contemporâneas de gentilidade da classe média, status social, gênero e identidade nacional. Estas mudanças sociais e culturais da classe média estavam associadas ao período de imperialismo da Grã Bretanha (HANSEN, 1995). Assim sendo, as notícias veiculadas pelos jornais, seguindo em certo modo o que ocorreu na Inglaterra, dão conta de que o montanhismo teve um papel ativo na construção da identidade nacional do Brasil, um país cuja república ainda estava em seus primeiros passos. É válido lembrar que o esporte, entendido enquanto um dos primeiros produtos no processo de mundialização, expressava em sua organização um nova forma de se operar, bem como uma enorme capacidade de se adaptar as especificidades culturais de diferentes países (MARZANO E MELO, 2010).

Esta construção se dava através da exaltação da beleza, dos desafios, das situações extremas, e dos códigos esportivos que envolviam esta prática. Neste processo merece destaque a forma como eram representados os montanhistas. Conforme apresentado brevemente anteriormente, a imprensa brasileira fazia uso de notícias sobre a prática fora do país para a construção de um imaginário social. Para tal, veiculava os estrangeiros que praticavam o montanhismo, em sua maioria, como pessoas de distinção dentro da sociedade, tais quais príncipes, duques, coronéis, deputados, presidentes de estados, opulentos industriais. No que toca ao contexto familiar, eram realizados por distintas famílias (A EPOCA, 1915). Inclusive, a rainha da Itália era retratada como uma alpinista coroada (JORNAL DO BRASIL, 1901). O príncipe da Bélgica, considerado um homem letrado e das ciências, para a opinião pública não seria um homem moderno se não cultivasse os esportes, tendo esta a predileção pelo alpinismo (O PAIZ, 1909). Um dos fatos que pode ter contribuído com a difusão desta prática dentre a elite brasileira era o de que o próprio neto de D. Pedro, dando certo glamour a esta prática no próprio Brasil (JORNAL DO COMMERCIOb, 1898). Neste sentido, a organização de eventos e realizações esportivas, bem como a narrativa de tais

acontecimentos, serviam como mecanismos de autoidentificação e distinção social, suavizando as mazelas de se viver em uma cidade tida como atrasada, em um país que passava por profundas transformações (MARZANO e MELO, 2010).

Seguindo nesta linha de pensamento, o jornal Diário do Rio de Janeiro, de 19 de abril de 1876, nos fornece importantes dados para a compreensão de como este fenômeno passou a ganhar força no Brasil. Na seção variedades, uma notícia, sob a forma de conclusão de uma novela narra o casamento de Bettina de Rothschild, uma aristocrata, traz apontamentos das características daqueles que realizavam o montanhismo. Na novela, o noivo é auto e distinto, e o seu tipo é austriaco. Segundo a notícia, de um exame escrupuloso se concluiria que ele é o presidente do Club Alpino de Vienna, sua cidade natal, e que seu andar firme e decisivo e seu passo de gigante denotam que o mesmo é excursionista e escalador de montanhas. Logo existe nesta notícia a representação de uma simbologia e imaginário social acerca do montanhista. Representação esta que transmite alguns hábitos europeus que podem ter sido fundamentais para a difusão do montanhismo no Brasil, visto que no final do século XIX, e no início do século XX, o eurocentrismo era muito presente na sociedade carioca.

Aos que pertenciam a estas tribos, eram, além dos valores de nobreza e gentilidade, a qualidade de grandes esportistas que o faziam destaque mesmo exercendo profissões de grande destaque dentro da sociedade, como o caso do Mr. Whipple, “um advogado de New York era considerado como andador inexcedível no aturar de grandes e rápidos passeios”. Seu caráter de homem distinto ficava evidenciado a medida que “ele tem muitos amigos que sempre o gabavam como o melhor caminhante particular do paiz” (NOVO MUNDO, 1874, p.139). Todavia, o prestígio dentre estas “tribos”, por vezes, era disputado através das provas, que valiam além das apostas de quantias consideráveis a moral e a fama. Em uma destas disputas, o advogado acima citado foi desafiado por J. Gordon Bennett para um “passeio” de dez milhas. Segundo a publicação

A aposta foi aceita e o premio foi marcado em seis contos de réis. Muitos amigos do Advogado apostaram demais cerca de cem contos de réis que o seu admirado peão ganharia a contenda- tal era a fama que elle tinha. O resultado foi que eles perderam o seu dinheiro e Mr. Whipple também perdeu não só os seis contos de reis como também a fama. Mr. Bennett andou as dez

milhas em uma hora e 46 minutos e quando chegou ao ponto extremo, o seu rival estava a duas milhas atrás (NOVO MUNDO, 1874, p.139).

Fica claro, então, que desde essa época já se faziam consolidados alguns valores concebidos em torno da prática esportiva:

o desafio, a ligação com a atividade física, tão importante para a manutenção da saúde e para a manutenção de uma nova estética corpórea, na qual a beleza diretamente ligada à compleição muscular era valorizada; a honestidade e probidade moral dos que com tal prática se envolvessem; uma suposta escola de virtudes (DEL PRIORE e MELO, 2009, p.65).

Pode-se observar que as publicações associadas ao montanhismo no Brasil, em certa medida, seguem as mesmas formas de representação das notícias que narravam fatos que ocorriam fora do país. Era pontuado que o montanhismo se configurava enquanto uma prática de gosto popular, uma vez que

Em geral, todos gostam de subir as montanhas, de assaltar os pontos considerados inacessíveis, porque não há mais humano, mais em harmonia com as nossas aspirações. O desejo de subir, de nos elevarmos, está no espírito de todos, e afastarmo-nos do que é corrente, do que é banal, constitui para a grande maioria uma ambição permanente, que todos procuram satisfazer o melhor que podem (REVISTA DA SEMANAb, 1905).

Ao se falar deste gosto por subir as montanhas, as práticas esportivas na natureza, e em especial o montanhismo, eram realizadas concebendo o contato com o meio natural enquanto algo transcendental, autêntico, de contestação aos problemas relativos à urbanização, contato consigo mesmo, renovação espiritual. Neste sentido, a construção da identidade dos montanhistas estava associada, conforme destacado em algumas notícias veiculadas ao longo deste capítulo, a uma visão romântica destes esportes, “marcadas por esse contraste: de um lado, a vida pura, saudável e desejável na natureza; de outro, a vida decrépita, condenável e corrompida da cidade” (DEL PRIORE E MELO, 2009, p.365).

Aprofundando a construção desta identidade nacional, frente ao esporte e o montanhismo, conforme destacado anteriormente neste trabalho, merece destaque que não apenas os “sportsmen” participavam, mas também familiares e a população como um todo, além de residentes dos bairros vizinhos aos clubes, como o Club Athletico Major Dias Jacare que contavam com “toda a população do elegante bairro” de Vila Isabel (CORREIO DA MANHÃ, 1905). O Club Sportivo Guarany, costumava realizar atividades particulares para os sócios do clube, freqüentadas por famílias e por “sportsmen” (O PAIZ, 1907; A IMPRENSA, 1908). Tal fato demonstra que o esporte já havia se consolidado enquanto um espaço de vivência pública de entretenimento e diversão, e que os eventos esportivos serviam como forma de apresentação das pessoas frente a alta sociedade, envolvendo questões relativas à família moderna, bem como para a formação de novos laços, tanto de amizade, trabalho e/ou amorosos (MARZANO e MELO, 2010).

Conforme destacado anteriormente, estes “sportsmen” mereciam destaque frente aos demais membros da sociedade, em função de sua origem, atributos físicos, preparo físico, audácia, dentre outros elementos. Tais características colocavam os montanhistas em um patamar de exemplo para a sociedade, ainda em vias de construção, conforme observado no seguinte trecho

Quem se mostrava um emérito alpinista, um valente galgador de montanhas era Jeriquinho. Sempre ao lado de Zezé, a sua delicada companheira, não fraquejou e sempre com o mesmo passo, não modificou um só instante a sua andadura igual, ligeira e, sobretudo, muito bem calculada. Na frente, como que constituindo a vanguarda do exército, o Lulu avançava, impertérito, como dar o exemplo. E à vista daquela intrepidez, o resto dos andarilhos sentia o seu valor renascer todas as vezes que o inevitável cansaço tentava assustá-los. (GAZETA DE NOTÍCIAS, 1906, p.1).

Mais especificamente sobre o montanhismo, este era realizado em sua maioria por homens, e jovens adultos de destaque na sociedade, porém as mulheres passaram a ganhar destaque, conforme será abordado mais a frente neste trabalho. Esta prática parecia ser realizada por pessoas pertencentes a “tribos”, que possuíam os atributos a serem seguidos para a construção de uma nação forte, viril e, acima de tudo, civilizada. Assim, eram veiculadas fotos dos seus praticantes, incluindo pessoas com altas patentes

militares, roupas específicas para tal prática (CORREIO BRAZILIENSE DE JANEIRO, 1813). Assim,

Neste contexto o esporte, e tudo o que traga as suas conotações, se torna de fato um dos códigos mais expressivos para estabelecer os signos da distinção social. Ele surgiu e se impôs como um ritual elitista, revestido dos valores aristocráticos do ócio, do adestramento militar e do sportsmanship (cavalheirismo, imparcialidade e lealdade). Ao se apropriar dele a burguesia o traduziria em termos de agressividade, competitividade e imperativo de vitória. O seu prestígio crescente garantiu que as conversões prosseguissem ao longo da escala social. Daí a sua popularização de fins do século XIX até o boom dos anos 20 (SEVCENKO, 2010, p.575).

Estas tribos dispensavam as estradas de ferro, bem como o uso de meios de transporte que não o próprio. O montanhista se destacava das demais pessoas que circulavam pelas montanhas inclusive pelas vestimentas utilizadas nas práticas. Estes costumavam ir para a montanha “de sacola, às costas do varapau ferrado em punho, a cabeça colfada de um chapéu de felpa emplumado” (A NOTICIA, 1908, p.2). Inclusive esta distinção e modelo a ser seguido se dava em função da representação das atividades realizadas, sempre com prazer, felicidade, familiaridade, cooperação, gentilidade, patriotismo/nacionalismo.

Um bom exemplo desta representação são as notícias das travessias realizadas pelo Centro de Andarilhos. Em travessia realizada do Alto da Boa Vista á Serra de Santa Tereza, acompanhando a linha de bonde do Sumaré, sendo tiradas fotografias por hábeis sócios do clube. Durante esta atividade “Reinou sempre entre todos a maior alegria e familiaridade, como também houve sempre muito bom espírito a propósito de qualquer facto ou accidente que os andarilhos iam deparando pela estrada do Sumaré” (GAZETA DE NOTICIASC, 1915, p.6). Durante as atividades, era comum o clima de descontração, bem como o diálogo entre os participantes, marcada pela alegria dos participantes, apesar dos esforços demandados

Duas horas de subida custou à pequena a tomada do alto da montanha. Pela encosta verdejante, ora suavemente inclinada, ora abruptamente a pique, a caravana suando, porém sempre alegre, não parou de subir. Às vezes, algum cujas pernas tinham começado a fraquejar ou cuja distração fora grande, estava-se no chão atirado por uma queda. Uma gargalhada prolongada, geral,

acolhido, a passageira desgraça, pondo em maior alvoroço aquela alegria ruidosa (GAZETA DE NOTÍCIAS, 1906, p.1).

Assim, tais elementos nos fornecem condições de compreender que

no mundo contemporâneo, a aventura parece libertar-se do peso do sofrimento que a marcava, tornando-se, contrariamente, prazer, excitação, alegria e novo vigor. A aventura atual carrega uma diferente conotação; ela passou a ter razões mais relacionadas aos desejos pessoais próprios dos indivíduos que se agrupam conforme interesses comuns. Nesta perspectiva, foi possível observar que espontaneidade, afinidade, solidariedade, liberdade de escolha, confiança, cooperação e coletividade foram focadas, direta e indiretamente, pelos praticantes de atividades de aventura na natureza (MARINHO, 2008, p.200).

O montanhismo estava imbuído, portanto, de valores associados à prática esportiva da época, que iam para além das qualidades físicas de seus participantes, envolvendo elementos morais, bem como a difusão do espírito esportivo. Este espírito esportivo era centrado na construção de uma nação moderna e pacífica, na qual a amizade, patriotismo, união e diversão se faziam presentes na prática esportiva (SIGOLI e ROSE JUNIOR, 2004). Cabe ressaltar que o sentido da cooperação presente no montanhismo na época e nos dias atuais vai para além de um estímulo, se configurando também enquanto uma questão que se relaciona com a segurança de si e do outro, e que a distinção entre o mais e o menos capacitado não seja utilizado para a exclusão dos participantes (MARINHO, 2008). No que toca a gentiliade e a cooperação dos participantes, estas se faziam presentes na medida em que o objetivo era a realização da conquista por todos, conforme uma atividade realizada pelo

Club dos Alpinistas, recentemente fundado nesta capital, iniciou as suas ascensões, começando pela do Pão de Assucar. Os primeiros excursionistas a chegarem foram os Sr. Jayme Mendes, Lessa Bastos e Barbosa Lima, que, em meio a viagem tiveram necessidade de aproveitarem os seus reconhecidos músculos para ajudarem ao companheiro Antonio da Silva, o mais fraco da turma, a quem faltou o fôlego. No alto do Pão de Assucar, depararam com a bandeira nacional, dentro de um barracão, e, lembrando-se da data da nossa independência, içaram-na, de modo a ser apreciada, hontem, com certa emoção por todos nós, erguida no alto da sentinela da nossa barra. (O PAIZ, 1910,p.3).

Assim, a imprensa buscava, ao narrar as atividades relacionadas ao montanhismo, difundir o esporte a luz do progresso e modernidade que buscava consolidar o país, e em especial a capital. Assim, a estas atividades eram associadas o sentimento coletivo, a compleição muscular, eficiência, beleza, natureza exuberante, saúde, limpeza, humanidade e o desafio, que seria superado através do esforço do próprio homem (DEL PRIORE e MELO, 2009).

Ao chegar no cume, muitos montanhistas relatavam atitudes distintas, tais como descansar, alimentar-se, contemplar a natureza, gravar seu nome e a data da ascensão no bloco de pedra, eram dadas saudações aos clubes, ao esporte e aos atletas, dentre outras. No Brasil, além destes, era comum o fato de se hastear a bandeira do país como forma de demonstrar, para aqueles que observavam a empreitada de longe, a chegada ao cume e uma atitude patriótica, como na excursão realizada pelo Club dos Alpinistas ao Pão de Açúcar, citada acima, na qual os participantes içaram a bandeira nacional gerando certa emoção aos participantes (O PAIZ, 1910). Ao se analisar o patriotismo presente no montanhismo através desta narrativa, deve-se olhar um prisma mais amplo dos esportes. Os órgãos governamentais, tal qual a imprensa, observaram o poder que os esportes vinham ganhando e passaram a utiliza-los em suas estruturas. No período analisado, além do incentivo e financiamento de algumas instalações esportivas, ocorreu também a estatização de entidades esportivas e a criação de confederações, trazendo aos diferentes esportes um sentimento de patriotismo e representação nacional. Este sentimento poderia ser potencializado através da convocação e de disputa de campeonatos internacionais. Assim, tais atividades trariam certo prestígio político, e em alguns casos econômicos, para os esportistas, tanto a nível nacional quanto internacional (SIGOLI e ROSE JUNIOR, 2004; DEL PRIORE e MELO, 2009).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao se pensar em um fechamento de um trabalho, deve-se pensar no norte inicial. Logo, ao final deste processo, pode-se concluir que o presente estudo possibilitou a compreensão acerca da forma como o montanhismo estava inserido no conjunto de transformações ocorridas no Brasil e na cidade do Rio de Janeiro nas duas primeiras décadas do século XX.

Ao se falar neste conjunto de transformações merece destaque que a cidade do Rio de Janeiro passava por uma ressignificação do uso dos espaços urbanos. Assim, as atividades de lazer, e o montanhismo, estavam imbuídos em uma nova vida social urbana, em um país que buscava a modernização e o progresso. Porém, tais modificações ocorreram em parte para manutenção da hierarquia social já presente, bem como através dos preceitos da eugenia e do higienismo. Assim, o atraso do país estava associado a um país recém-liberto da escravidão, e deveras miscigenado. Tais características podem ser ressaltadas em função das doenças e vícios das classes estigmatizadas como pobres e perigosas.

Para modificar tal quadro, algumas estratégias foram adotadas, tais como reformas urbanas e as medidas adotadas para expulsão de tais classes do centro da cidade, o que estaria associado a questão imobiliária presente na cidade. Outras estratégias adotadas foram: expropriação e desqualificação de práticas e conhecimentos populares advindo destas classes e medidas que proibiam práticas culturais e políticas autônomas. Estas estratégias tinham como finalidade preparar a população para um capitalismo em vias de instauração e modernização do país, superando os atrasos advindos da escravatura, modificando hábitos, combatendo e repreendendo a ociosidade, e educando as crianças de forma a forjar o que se espera de um cidadão moderno. Dentre algumas medidas higiênicas adotadas visando à mudança de hábitos por parte da população estava à proibição do acesso a empregos públicos, invasão de casas e o não acesso a rede pública de ensino, o que forçava os indivíduos a se enquadrarem às novas normas. Todavia, estas modificações eram fruto de diversas lutas e embates, principalmente associado ao caráter moral do que representava a invasão dos lares.

Outra estratégia adotada em busca da modernização do país foi o estímulo à imigração, uma vez que através desta seria possível embranquecer e fortalecer os membros do país. A imigração estaria associada também a uma mão de obra com um menor custo e uma melhor qualificação, em especial no trabalho agrícola. Como consequência da imigração buscava-se a importação de alguns hábitos europeus, visto como essenciais para que a nação se tornasse moderna e civilizada. Assim, haviam aqueles que advogavam uma melhor comunicação entre o Brasil e a Europa, pois através desta seria possível a difusão de hábitos e costumes europeus, bem como o aumento no número de imigrantes, essenciais para modernização do país. Como consequência destas medidas, observou-se o aumento no número de imigrantes, tanto para residir quanto para morar, possibilitando o aumento de trocas culturais. Assim, os jornais passaram a veicular diversas notícias relacionadas ao montanhismo, tal qual as características dos montanhistas, que estariam de acordo com os ideais higiênicos e eugênicos da época. Da mesma maneira as conquistas dos montanhistas eram representados também como êxito e glórias da nação como um todo.

Outras intervenções sociais que merecem destaque são as associadas à educação física. À medida que o corpo passa a ser um dos elementos centrais na construção da nação, este passou a ser alvo de medidas que buscavam sua dominação política e ética. Somado a este fato, houve uma grande preocupação da educação física em focar suas ações na criança, polindo, reprimindo e disciplinando os corpos tendo como parâmetro o gentleman europeu. A escola, ao fazer uso de tais elementos seria capaz de promover a medicalização, promover a ética e o comportamento social burguês, além do gosto pela atividade física. A imprensa da época destacava também que apesar de ser capaz de mudar os rumos da nação, a educação física era negligenciada por parte do governo.

Assim, o esporte, tal qual o montanhismo, e o exercício físico passam a ganhar destaque em função de serem consideradas ferramentas para a educação moral, física e intelectual, sendo consideradas inquestionáveis para a adoção na nação. Logo, passaram a serem adotados os métodos ginásticos e o modelo esportivo europeu, tendo em vista o eurocentrismo vigente na época. Como fatores limitantes para a febre esportiva e dos exercícios físicos pelos quais o país passava, eram apontados os jogos de azar, bem como a falta do hábito de se exercitar, em especial andar a pé, que cada vez mais era estimulado em função da adoção e ampliação dos bondes enquanto principal meio de transporte.

No que toca a difusão dos métodos ginásticos e do modelo esportivos europeus, a ida a montanha passa a ser veiculada como um hábito saudável, essencial na construção da identidade nacional e na organização da sociedade civil. Assim, as excursões pedestres passam a ser encaradas como ginastica viril, cujos praticantes comumente buscavam locais com bela paisagem, em um meio natural e que possuíssem tradição cultural. Portanto, pode ser observada, na época, uma associação entre os preceitos médico-militares na utilização do corpo. Assim, tanto faz a pratica corporal, em especial esportiva ou ginastica, desde que realizada sob o preceito do discurso higiênico.

Ao se pensar na ascensão da febre esportiva pela qual o país passou nas duas primeiras décadas do século XX, deve-se ter em mente que o imperialismo inglês foi fundante neste processo. Na visão de alguns autores da época, o esporte deveria substituir a ginastica de modo a se promover o desenvolvimento físico e moral da melhor maneira possível. O montanhismo foi essencial para difundir tais ideais, uma vez que o predomínio físico dos ingleses era justificado, dentre outras formas, em função destes serem considerados montanhistas mais arrojados, melhores navegantes e exploradores. Assim, o montanhismo era considerado um dos esportes mais úteis, fato este conhecido por todos. Todavia, o mesmo não poderia ser realizado por qualquer um, necessitando de uma educação específica, havendo, inclusive, manuais para a sua pratica desde o inicio do século XIX. Assim, a imprensa estimulava a criação de instituições esportivas e voltadas para a pratica do montanhismo.

Ao se pensar no montanhismo como elemento chave para a construção de uma sociedade forte e viril, deve-se ter em mente que este era apontado como capaz de modificar os corpos da nação, uma vez que fazia uso de elementos como a competição, seleção do mais forte, evolução e hereditariedade. Tais elementos eram destacados através de narrativas acerca da distinção cultural e física de montanhistas, principalmente os estrangeiros. Assim a audácia e o ineditismo eram enxergados como fatores motivadores para as práticas, em função das glórias associadas à chegada do cume, bem como em função da vista ao se superar os diversos desafios proporcionados pela natureza.

Pode-se observar que a imprensa associava aos montanhistas valores que se esperava homem moderno, tais como: coragem, bravura, virilidade, gloriiosidade, força,

valentia. Estes valores também se apresentavam enquanto demandas das novas metrópoles e das novas tecnologias. O montanhista era retratado, em alguns casos, como superior aos seus semelhantes em função dos desafios superados. Somado a estes fatos, havia uma estratégia de se difundir, pela imprensa, um novo modelo de corpo, que estaria associado a novos padrões de bem estar e saúde, resultando em uma nova construção de imagem corporal. Ao se pensar em valores e padrões corporais, era veiculado que o guia teria um papel essencial nas empreitadas, uma vez que quanto mais forte este era, mais fácil seria a atividade. Deste modo, quanto maiores os feitos e experiências, maior seria o prestígio do guia, e no caso de um guia profissional, maior o seu valor de mercado. Por outro lado, quanto maior a exposição deste guia, maiores eram os riscos de acidentes, alguns deles fatais. Assim, as notícias dão conta de que havia um partilhamento de informações da comunidade de montanhistas a nível internacional. Estas informações dão conta de que o prazer, a saúde, a vitalidade e a beleza seriam normas de controle em relação à apresentação pessoal e à boa aparência.

Neste contexto de fluxo internacional, marcado pelo mercado e consumo, houve a apropriação cultural de hábitos ingleses, tal qual a prática do montanhismo e os diferentes ramos do esporte, que atraíam cada vez mais adeptos. Isto se deve ao fato das escolas, da imprensa, e personalidades públicas serem responsáveis pela difusão do esporte. As diferentes atividades públicas de convivência passaram a ser ainda mais valorizadas. Logo, possuir centros esportivos trariam um valor simbólico para a cidade, uma vez que o esporte era tido como salvador e seu desenvolvimento era motivo de celebração. Nestes termos, o esporte extrapolava o sentido de ser apenas uma prática corporal, havendo inclusive todo um comércio em seu entorno. Esta mercantilização também era vista no montanhismo, uma vez que havia pagamento de inscrições para atividades, livros específicos e pelos clubes serem espaços de desfile e distinção social, uma vez que através de suas atividades construam o imaginário social. Cabe ressaltar que o montanhismo não era realizado, e organizado, apenas por instituições esportivas, mas também por escoteiros, grupos de amigos, sportmens, e pela própria imprensa. Porém, a participação direta e a sensação de pertencimento a vida esportiva da cidade estariam circunscritos aos limites das associações. Apenas para ilustrar tal distinção social, algumas associações solicitavam bondes especiais para algumas de suas provas de modo a garantir um maior público.

Algumas atividades evidenciavam o caráter mercadológico que as associações assumiam ao promover o esporte e o montanhismo. Com pouca procura, algumas atividades tinham suas inscrições reabertas. As atividades tinham diversas características como campeonatos, confraternização, disputas, que envolviam rivalidades para com outros clubes e atletas, prêmios e patrocínios. Alguns meetings esportivos eram invadidos pelos populares, que participavam apenas como expectadores. Outro ponto que merece destaque é a interdependência do desenvolvimento esportivo e da imprensa, na medida em que a imprensa foi peça fundamental para mover a engrenagem esportiva. Esta, por sua vez, foi fundamental para que a imprensa ganhasse mais adeptos e leitores.

Para além da questão mercadológica, os clubes buscavam difundir a prática esportiva entre crianças e adolescentes. Porém, havia diversos embates neste processo. Alguns cronistas se mostravam contrários ao culto a força que se fez presente no período analisado. As notícias veiculadas apontam que quanto maior o nível de desafio das atividades maior era o número de expectadores que envolvia o montanhismo. O Rio de Janeiro, tal qual São Paulo e Pará, era apontada como um dos grandes centros esportivos do país, sendo que estado do Rio de Janeiro as autoridades davam atenção e presenciavam algumas provas esportivas, gerando respeito e publico as associações, que iam se alastrando pela cidade. Assim, houve um aumento no numero de entidades que ofertavam atividades associadas ao montanhismo, por mais que não houvessem tantas instituições voltadas para esportes isoladamente. Estas associações possuíam relação com a idade, gênero, profissão e local de residência de seus membros.

As tensões sociais, tão presentes na sociedade carioca do início do século XX, também eram observadas no dia a dia dos clubes. Existia distinção de fronteiras entre os clubes, que apresentavam diferentes formas de se portar perante a sociedade, incluindo a forma de se vestir, a estrutura e localização da sede. No que toca a vestimenta, o uniforme era marco distintivo e identitário dos clubes, envolvendo questões estéticas e higiênicas. As associações que possuíam maior poder econômico tinham, em geral, maior inserção na vida esportiva da cidade. Neste sentido, tendo em vista a cosmopolização do centro e das regiões nobres da cidade, que irradiavam modernidade e eram palco dos clubes de montanhismo mais relevantes, assim como nos prêmios em algumas atividades realizadas. Outro ponto de distinção era que a presença feminina era

aceita, e exaltada, nas arquibancadas, visto que o esporte estava se configurando em um estilo de vida.

Os clubes esportivos poderiam ser encarados enquanto escolas de democracia em função de seus estatutos e normas de se operar, possibilitando aos seus sócios experiências democráticas, e, no caso dos clubes de maior renome, uma relação específica com o aparelho estatal, partilha de símbolo identitário e de modernidade. A imprensa, na época, veiculava que a infra estrutura da cidade era atrasada frente as necessidades dos clubes, incluindo para a realização de algumas atividades associadas ao montanhismo. Os clubes valorizavam os sócios que mais se dedicavam ao esporte e ao clube, no intuito de fidelizar e fazer com que seus sócios criassem vínculos. Do mesmo modo, existia uma cooperação interclubes, uma relação de amizade e parceria entre si, desde que fossem semelhantes. Assim, o esporte buscava aliar as normas de civilidade às teorias higiênicas, sendo que o divertimento era uma obrigação social nos círculos mais elevados.

Tamanha era a distinção que o montanhismo lentamente passou a ser incorporado pela classe trabalhadora, sendo que poucos eram os relatos de atividades realizadas por pessoas das classes menos favorecidas. Os clubes de subúrbio se organizavam por laços de vizinhança, e eram essenciais para a inserção da classe trabalhadora, uma vez que possuíam perfis próprios e critérios de aceitação mais amplos. É válido ressaltar que a participação dos negros nos esportes, e no montanhismo, se deu principalmente através das instituições militares.

No que toca as questões de gênero, a divulgação do montanhismo como uma prática de lazer prazerosa e apaixonante contribuiu para forjar novas imagens à mulher, seja em função da prática em si ou dos valores e atributos físicos associados às montanhistas, que deveriam ou tinham certo padrão de beleza e de civilidade. Além disso, o montanhismo também pode ser enxergado enquanto uma ferramenta de luta e afirmação das mulheres naquele tempo-espço.

No período observado pode ser observada uma busca pela institucionalização do montanhismo, sofrendo grande influencia da forma com que este se desenvolveu na Europa. Assim, o mesmo era permeado por valores, desejos e sensibilidades associados à modernidade, tais como: comparação de resultados, superação de limites, realização de atividades em situações extremas, valorização do desenvolvimento tecnológico,

construção de identidades nacionais, controle de emoções e exaltação do conceito de beleza. Da mesma maneira, passou a incorporar códigos da sociedade capitalista, como: produção, precisão, disputa, e desempenho.

A imprensa carioca buscava, à época, demonstrar que o montanhismo era uma prática antiga e cotidiana no continente europeu, demonstrando que estava em moda e que havia toda uma indústria a sua volta. Inclusive, havia toda uma forma de se gerir o montanhismo, através de treinamentos, vestimentas, aparatos tecnológicos, turismo e mercado de apostas. Neste sentido, era apontado que a expansão da infraestrutura e da sensibilidade romântica eram fatores essenciais para o desenvolvimento desta prática no Brasil, que deveria seguir os modelos europeus. Assim, era cobrada intervenção pública, ampliando a infraestrutura, ampliando as linhas ferroviárias e de bondes elétricos. Era veiculado também a necessidade de se investir no mercado do lazer voltado para o montanhismo. Havia, portanto, uma relação de interdependência entre o montanhismo e a imprensa, na qual os dois se retroalimentavam.

A inserção de novas tecnologias permitiu novas escalas de força, deslocamento e de sensibilidade para o ser humano. Assim, as relacionadas ao montanhismo, tal quais as travessias, no Brasil, possuíam diversos significados que iam para além das práticas esportivas. Porém, visando à homogeneização e crescimento do montanhismo, esse passou a assumir códigos do esporte, passando a ser percebido como um espaço de visibilidade, um teatro público no qual os feitos deveriam ser registrados e comprovados. Ao tentar compreender como se deu o processo de racionalização do montanhismo, merece destaque que as técnicas, o treinamento e as regras para a prática, em especial as de segurança, foram elementos fundantes para que o montanhismo passasse a ser encarado enquanto esporte e se desenvolvesse. Outros elementos presente foram a orientação para o resultado, a regulamentação, confronto do progresso, o ideal de jogo limpo e a competição se mostravam como importantes processos.

No que toca a construção corporal e estética pelo montanhismo, a beleza, as emoções e os valores do montanhismo possuíam relação direta com os locais de prática. Assim, os cronistas que narravam os fatos associados ao montanhismo refiguravam a cidade, fazendo com que esta se observasse e repensasse. Logo, a montanha passou a ser representada como um espaço de fruição e lazer do carioca. Desta forma, os usos e prestígios dos locais de prática do montanhismo estariam associados aos ideais

higiênicos, uma vez que, em alguns casos, a busca pela natureza e belas vistas era utilizada como pano de fundo para a realização do exercício físico e marcação da virilidade de seus praticantes. Neste contexto, as publicações sugerem que quanto maior o desafio apresentado, maior seria o prestígio de um determinado local. Assim, o sucesso esportivo deveria aliar atributos físicos e intelectuais, uma vez que só a conquista e a superação produziriam a alegria e a satisfação.

As narrativas associadas ao montanhismo buscavam projetar a cidade com uma imagem de brilho e modernidade, e em alguns casos tecendo críticas veladas, uma vez que havia um descontentamento da imprensa para com o atraso da cidade frente às cidades europeias, e ao desconhecimento da população acerca das belas paisagens das montanhas da cidade. Assim, a geografia da cidade passou a ser utilizada na construção da identidade moderna do Rio de Janeiro.

Ao se falar de identidade moderna, o montanhismo tinha relação direta com a nova dinâmica social, uma vez que valorizava a ideia de espetáculo e consumo na configuração dos imaginários. Assim, o binômio risco-aventura passa a ser essencial e proposital na adoção de comportamentos, uma vez que o capitalismo industrial exercia um poder disciplinar que visava tornar o corpo dócil, visando à segurança, mecanismos de vigilância e governança sobre o próprio corpo. Assim, era veiculado que o montanhismo era um esporte que poderia ser agravado em função dos comportamentos dos sujeitos. O entusiasmo aparece, então, enquanto necessário para conquista, mas também enquanto uma das causas de morte. Logo, a espetacularização dos riscos, mortes e acidentes engrandeceria os feitos, evidenciando-os perante a indústria do lazer e entretenimento.

Cabe destacar que o montanhismo, pode ser compreendido como um mecanismo de autoidentificação e distinção social, suavizando as mazelas de viver em uma cidade atrasada e em um país que passava por profundas transformações. Assim, os montanhistas eram associados à nobreza, à gentilidade e à qualidade de grandes esportistas, mesmo tendo profissões de destaque dentro da sociedade, o que demonstra que estes sportsmen merecem destaque frente a outros membros da sociedade. Como a distinção também estava associada ao prazer, felicidade, familiaridade, cooperação e ao patriotismo / nacionalismo, ao montanhismo e o espírito eram encarados como essenciais do que se esperava de uma nação moderna e pacífica. Assim, os valores

atribuídos ao montanhismo como desafio, exercício físico, estética corporal, honestidade e pobreza moral, entendidos enquanto escola de virtudes, eram essenciais em um país que passava por profundas transformações e que buscava os rumos da civilização.

Apesar dos avanços realizados através do presente estudo, o mesmo apresentou algumas limitações, bem como lacunas a serem preenchidas. Como limitações pode ser apresentado o fato da maioria das notícias não terem assinatura ou autor descrito, o que limitava a problematização das fontes, bem como o fato de não haverem outras obras relacionadas ao montanhismo brasileiro da época que pudessem dialogar com o presente estudo. No que toca às lacunas a serem preenchidas, Por que era comum o hábito de mudar de clubes, na época? Como eram as atividades de montanhismos realizadas pelos clubes populares? Por que as atividades esportivas realizadas por mulheres da classe trabalhadora não eram divulgadas? Como se deu o desenvolvimento do montanhismo a partir da década de XX? Assim, tais questionamentos servem como norte para futuros estudos, a fim de se expandir o conhecimento acerca da história do montanhismo.

FONTES PRIMÁRIAS

A CHRONICA. Já que é moda. Rio de Janeiro, 8 de julho de 1879, p.4.

A EPOCA. Rio de Janeiro, 24 de Novembro de 1912, p.7.

A EPOCA. Rio de Janeiro, 17 de Março de 1915, p.3.

A FEDERAÇÃO. Rio grande do Sul, 02 de setembro de 1919, p.4.

A FEDERAÇÃO. Rio grande do Sul, 08 de dezembro de 1920, p.4.

A GAZETA. São Paulo, 28 de Dezembro de 1916, p.6.

A GAZETA. São Paulo, 06 de Janeiro de 1917, p.3.

A GAZETA. São Paulo, 20 de Novembro de 1920, p.2.

A GAZETA. São Paulo, 16 de Abril de 1921, p.2.

A GAZETA. São Paulo, 08 de Agosto de 1921, p.4.

A ILLUSTRAÇÃO BRASILEIRA. Rio de Janeiro, 16 de Outubro de 1910, p.2.

A IMPRENSA. Sport. Rio de Janeiro, 21 de Abril de 1908, p.3.

A IMPRENSA. Diversas. Rio de Janeiro, 22 de março de 1914, p.4.

A IMPRENSAb. Sport. Rio de Janeiro, 05 de março de 1914, p.4.

A IMPRENSAc. Diversas. Rio de Janeiro, 23 de março de 1914, p.4.

A IMPRENSAd. Diversas. Rio de Janeiro, 30 de março de 1914, p.4.

A NOITE. Rio de Janeiro, 14 de Outubro de 1911, p.6.

A NOITE. Rio de Janeiro, 02 de Janeiro de 1917, p.3.

A NOITE. Ecos e novidades. Rio de Janeiro, 28 de Julho de 1918, p.2.

A NOITEb. Rio de Janeiro, 05 de Outubro de 1918, p.5.

A NOTÍCIA. Rio de Janeiro, 21 de Abril de 1906, p.1.

A NOTICIA. Rio de Janeiro, 25 de Setembro de 1908, p.2.

A NOTÍCIAb. Rio de Janeiro, 21 de Agosto de 1908, p.1.

A NOTÍCIA. Rio de Janeiro, 27 de Agosto de 1909, p.3.

A NOTÍCIAb. Rio de Janeiro, 31 de Agosto de 1909, p.3.

A RAZAO. Rio de Janeiro, 17 de Abril de 1919, p.4.

A VIDA ELEGANTE: O JORNAL DAS SENHORAS. Rio de Janeiro, 25 de Março de 1909, p.1.

CORREIO BRAZILIENSE. Literatura e ciencias.Londres, janeiro de 1813, p.722.

CORREIO DA MANHA. Rio de Janeiro, 30 de Junho de 1901, p.2.

CORREIO DA MANHAg. Rio de Janeiro, 06 de Setembro de 1905, p.5.

CORREIO DA MANHA. Rio de Janeiro, 13 de Setembro de 1906, p.4.

CORREIO DA MANHAb. Rio de Janeiro, 01 de Julho de 1906, p.1.

CORREIO DA MANHAb. Sport. Rio de Janeiro, 09 de Junho de 1905, p.4.

CORREIO DA MANHAc. Sport. Rio de Janeiro, 11 de Junho de 1905, p.4.

CORREIO DA MANHAD. Theatro e Sport. Rio de Janeiro, 24 de Setembro de 1905, p.2.

CORREIO DA MANHAE. Sport. Rio de Janeiro, 17 de Novembro de 1905, p.4.

CORREIO DA MANHAF. Sport. Rio de Janeiro, 19 de Novembro de 1905, p.4.

CORREIO DA MANHA. Sport. Rio de Janeiro, 09 de Outubro de 1907, p.4.

CORREIO DA MANHAb. Vita nuova. Rio de Janeiro, 03 de Novembro de 1907, p.1.

CORREIO DA MANHA. Sport. Rio de Janeiro, 07 de Julho de 1908, p.5.

CORREIO DA MANHAb. Sport. Rio de Janeiro, 29 de Setembro de 1908, p.6.

CORREIO DA MANHAc. Sport. Rio de Janeiro, 30 de Setembro de 1908, p.6.

CORREIO DA MANHAD. Rio de Janeiro, 22 de Junho de 1908, p.1.

- CORREIO DA MANHA. Rio de Janeiro, 11 de Setembro de 1913, p.2.
- CORREIO DA MANHA. Rio de Janeiro, 16 de Janeiro de 1916, p.4.
- CORREIO DA MANHAb. Rio de Janeiro, 17 de Junho de 1916, p.4.
- CORREIO DO NORTE. Notas Sportivas, Amazonas, 16 de Agosto de 1909, p.2.
- CORREIO PAULISTANO. São Paulo, 6 de fevereiro de 1864, p.3.
- CORREIO PAULISTANO. São Paulo, 20 de Junho de 1917, p.4.
- CORREIO PAULISTANOb. São Paulo, 07 de Julho de 1917, p.5.
- CORREIO PAULISTANOc. São Paulo, 12 de Julho de 1917, p.4.
- DIARIO DA TARDE. Paraná, 06 de Março de 1920, p.2.
- DIARIO DE NOTICIAS. Rio de Janeiro, 25 de Setembro de 1889, p.2.
- EU SEI TUDO. Rio de Janeiro, 01 de Agosto de 1919, p.9.
- FOLHA DO NORTE. Cartas de Lisboa. Pará, 03 de Junho de 1897, p.1.
- FOLHA DO NORTE. A formosa Sevilha. Pará, 05 de Abril de 1896, p.1.
- FONFON. Rio de Janeiro, 10 de Dezembro de 1910, p.3.
- FON FON. Rio de Janeiro, 17 de Junho de 1911, p.4.
- FON FON. Rio de Janeiro, 23 de Novembro de 1912, p.5.
- FON FON. Rio de Janeiro, 20 de Dezembro de 1913, p.6.
- FONFONb. Rio de Janeiro, 22 de Fevereiro de 1913, p.3.
- FON FONc. Rio de Janeiro, 25 de Dezembro de 1913, p.9.
- GAZETA DA TARDE. Rio de Janeiro, 10 de Janeiro de 1895, p.2.
- GAZETA DE NOTÍCIAS. Siestas de Madri. Rio de Janeiro, 20 de Setembro de 1892, p.1.

GAZETA DE NOTÍCIAS. Um drama alpino. Rio de Janeiro. 18 de Janeiro de 1900, p.2.

GAZETA DE NOTÍCIASb. Clube Alpino Brasileiro. Rio de Janeiro. 11 de Junho de 1900, p.2.

GAZETA DE NOTÍCIASc. Rio de Janeiro, 09 de Maio de 1900, p.1.

GAZETA DE NOTÍCIAS. Rio de Janeiro, 27 de Março de 1903, p.1.

GAZETA DE NOTÍCIASb. Exterior. Rio de Janeiro, 19 de Agosto de 1903, p.1.

GAZETA DE NOTÍCIAS. Rio de Janeiro, 17 de outubro de 1905, p.1.

GAZETA DE NOTÍCIAS. Rio de Janeiro, 02 de Maio de 1906, p.4.

GAZETA DE NOTÍCIASb. Vítimas do alpinismo. Rio de Janeiro, 06 de Maio de 1906, p.3.

GAZETA DE NOTÍCIASc. O alpinismo em Copacabana. 16 de Setembro de 1906, p.3.

GAZETA DE NOTÍCIASd. Rio de Janeiro, 30 de Julho de 1906, p.1.

GAZETA DE NOTÍCIASe. Rio de Janeiro, 11 de Outubro de 1906, p.3.

GAZETA DE NOTÍCIAS. Rio de Janeiro, 25 de Março de 1907, p.3.

GAZETA DE NOTÍCIASb. Rio de Janeiro, 12 de Maio de 1907, p.3.

GAZETA DE NOTÍCIASc. Rio de Janeiro, 18 de Maio de 1907, p.3.

GAZETA DE NOTÍCIAS. Rio de Janeiro, 14 de Julho de 1908, p.4.

GAZETA DE NOTÍCIAS. Rio de Janeiro, 08 de Setembro de 1909, p.1.

GAZETA DE NOTÍCIASb. Rio de Janeiro, 12 de Setembro de 1909, p.2.

GAZETA DE NOTÍCIAS. Carta de Portugal. Rio de Janeiro, 21 de março de 1910, p.1.

GAZETA DE NOTÍCIAS. Rio de Janeiro, 01 de Fevereiro de 1912, p.5.

GAZETA DE NOTÍCIASb. Gazeta dos Sports. Rio de Janeiro, 7 de Fevereiro de 1912, p.4.

GAZETA DE NOTICIASc. Gazeta dos Sports. Rio de Janeiro, 24 de Fevereiro de 1912, p.3.

GAZETA DE NOTICIASd. Gazeta dos Sports. Rio de Janeiro, 16 de Julho de 1912, p.6.

GAZETA DE NOTICIAS. Gazeta dos Sports. Rio de Janeiro, 5 de Março de 1914, p.5.

GAZETA DE NOTICIASb. Gazeta dos Sports. Rio de Janeiro, 15 de Março de 1914, p.9.

GAZETA DE NOTICIASc. Gazeta dos Sports. Rio de Janeiro, 23 de Março de 1914, p.4.

GAZETA DE NOTICIASd. Gazeta dos Sports. Rio de Janeiro, 21 de Junho de 1914, p.10.

GAZETA DE NOTICIAS. Gazeta dos Sports. Rio de Janeiro, 11 de Junho de 1915, p.6.

GAZETA DE NOTICIASb. Gazeta dos Sports. Rio de Janeiro, 15 de Junho de 1915, p.5.

GAZETA DE NOTICIASc. Gazeta dos Sports. Rio de Janeiro, 02 de Julho de 1915, p.6.

GAZETA DE NOTICIASd. Gazeta dos Sports. Rio de Janeiro, 14 de Julho de 1915, p.6.

GAZETA DE NOTICIASe. Gazeta dos Sports. Rio de Janeiro, 04 de Agosto de 1915, p.6.

GAZETA DE NOTICIASg. Gazeta dos Sports. Rio de Janeiro, 08 de Agosto de 1915, p.9.

GAZETA DE NOTICIASh. Gazeta dos Sports. Rio de Janeiro, 15 de Agosto de 1915, p.9.

GAZETA DE NOTICIASi. Gazeta dos Sports. Rio de Janeiro, 27 de Agosto de 1915, p.6.

GAZETA DE NOTÍCIAS^j. Gazeta dos Sports. Rio de Janeiro, 31 de Agosto de 1915, p.6.

GAZETA DE NOTÍCIAS^k. Gazeta dos Sports. Rio de Janeiro, 14 de Novembro de 1915, p.9.

GAZETA DE NOTÍCIAS^k. Gazeta dos Sports. Rio de Janeiro, 26 de Dezembro de 1915, p.8.

GAZETA DE NOTÍCIAS. Gazeta dos Sports. Rio de Janeiro, 15 de Janeiro de 1916, p.5.

GAZETA DE NOTÍCIAS^b. Gazeta dos Sports. Rio de Janeiro, 12 de Fevereiro de 1916, p.5.

GAZETA DE NOTÍCIAS^c. Gazeta dos Sports. Rio de Janeiro, 12 de Março de 1916, p.9.

GAZETA DE NOTÍCIAS^d. Gazeta dos Sports. Rio de Janeiro, 04 de Abril de 1916, p.7.

GAZETA DE NOTÍCIAS. Ultima. Rio de Janeiro, 10 de Agosto de 1919, p.5

HORÁRIO OFFICIAL DAS ESTRADAS DE FERRO BRAZILEIRAS. Rio de Janeiro, 01 de setembro de 1917, p.3.

JORNAL DE RECIFE. Os índios seris. Pernambuco, 26 de fevereiro de 1904, p.1.

JORNAL DO BRASIL. Rio de Janeiro, 05 de Junho de 1900, p.3.

JORNAL DO BRASIL. Rio de Janeiro, 31 de Dezembro de 1901, p.1.

JORNAL DO BRASIL^b. Rio de Janeiro, 16 de Junho de 1901, p.8.

JORNAL DO BRASIL^c. Rio de Janeiro, 31 de Julho de 1901, p.1.

JORNAL DO BRASIL^d. Rio de Janeiro, 22 de Agosto de 1901, p.1.

JORNAL DO BRASIL. Rio de Janeiro, 21 de Fevereiro de 1902, p.2.

JORNAL DO BRASIL^b. Rio de Janeiro, 01 de Dezembro de 1902, p.2.

- JORNAL DO BRASIL. Rio de Janeiro, 17 de Março de 1903, p.3.
- JORNAL DO BRASIL^b. Rio de Janeiro, 11 de Outubro de 1903, p.1.
- JORNAL DO BRASIL^c. Rio de Janeiro, 08 de Junho de 1903, p.4.
- JORNAL DO BRASIL^d. Rio de Janeiro, 20 de Novembro de 1903, p.2.
- JORNAL DO BRASIL. Rio de Janeiro, 24 de Janeiro de 1904, p.7.
- JORNAL DO BRASIL^b. Rio de Janeiro, 15 de Março de 1904, p.3.
- JORNAL DO BRASIL^c. Rio de Janeiro, 16 de Março de 1904, p.3.
- JORNAL DO BRASIL^d. Rio de Janeiro, 02 de Abril de 1904, p.3.
- JORNAL DO BRASIL^e. Rio de Janeiro, 30 de Agosto de 1904, p.5.
- JORNAL DO BRASIL^f. Rio de Janeiro, 30 de Julho de 1904, p.2.
- JORNAL DO BRASIL^g. Rio de Janeiro, 01 de Março de 1904, p.1.
- JORNAL DO BRASIL^h. Rio de Janeiro, 26 de Março de 1904, p.1.
- JORNAL DO BRASILⁱ. Rio de Janeiro, 09 de Março de 1904, p.3.
- JORNAL DO BRASIL. Rio de Janeiro, 13 de Julho de 1905, p.5.
- JORNAL DO BRASIL^B. Sport. Rio de Janeiro, 18 de março de 1905, p.5.
- JORNAL DO BRASIL. Rio de Janeiro, 28 de Setembro de 1906, p. 9.
- JORNAL DO BRASIL. Rio de Janeiro, 06 de Março de 1907, p5.
- JORNAL DO BRASIL^b. Sport. Rio de Janeiro, 09 de Maio de 1907, p5.
- JORNAL DO BRASIL^c. Sport. Rio de Janeiro, 09 de Junho de 1907, p5.
- JORNAL DO BRASIL^d. Sport. Rio de Janeiro, 02 de Agosto de 1907, p5.
- JORNAL DO BRASIL^e. Rio de Janeiro, 13 de junho de 1907, p.12.
- JORNAL DO BRASIL. Rio de Janeiro, 17 de Dezembro de 1908, p.11.
- JORNAL DO BRASIL^b. Rio de Janeiro, 10 de Maio de 1908, p.5.

- JORNAL DO BRASILc. Rio de Janeiro, 17 de Outubro de 1908, p.6.
- JORNAL DO BRASIL. Rio de Janeiro, 08 de Outubro de 1909, p.6.
- JORNAL DO BRASIL. Rio de Janeiro, 30 de Julho de 1911, p.3.
- JORNAL DO BRASIL. Rio de Janeiro, 05 de Maio de 1912, p.2.
- JORNAL DO BRASILb. Rio de Janeiro, 20 de Junho de 1912, p.13.
- JORNAL DO BRASIL. Rio de Janeiro, 27 de Setembro de 1914, p.09.
- JORNAL DO BRASIL. Rio de Janeiro, 25 de Abril de 1915, p.2.
- JORNAL DO BRASILb. Rio de Janeiro, 08 de Maio de 1915, p.12.
- JORNAL DO BRASILc. Rio de Janeiro, 06 de Setembro de 1915, p.10.
- JORNAL DO BRAZIL. Rio de Janeiro, 19 de Setembro de 1891, p.1.
- JORNAL DO BRAZILb. Rio de Janeiro, 30 de Novembro de 1891, p.1.
- JORNAL DO COMMERCIO. Rio de Janeiro, 26 de Novembro de 1894, p.1.
- JORNAL DO COMMERCIO. Rio de Janeiro, 27 de Outubro de 1895, p.1.
- JORNAL DO COMMERCIO. Rio de Janeiro, 04 de Outubro de 1897, p.1.
- JORNAL DO COMMERCIOb. Rio de Janeiro, 27 de Agosto de 1898, p.1.
- JORNAL DO COMMERCIO. Rio de Janeiro, 27 de Novembro de 1900, p.1.
- JORNAL DO COMMERCIO. Sport. Amazonas, 22 de Abril de 1906, p.2.
- JORNAL DO COMMERCIO. Cyclismo e pedestrianismo. Rio de Janeiro, 11 de setembro de 1908, p.6.
- JORNAL DO COMMERCIO. Rio de Janeiro, 07 de Setembro de 1909, p.6.
- JORNAL DO COMMERCIO. Rio de Janeiro, 28 de Dezembro de 1913, p.7.
- JORNAL COPACABANA. Rio de Janeiro, 16 de Janeiro de 1908, p.2.
- KOSMOS. Rio de Janeiro, Março de 1906, p.26.

- NOVO MUNDO. Divertimentos públicos. Paraná, 23 de maio de 1874, p.139.
- O APOSTOLO. Rio de Janeiro, 28 de Julho de 1900, p.2.
- O BRASIL. Rio de Janeiro, 9 de Fevereiro de 1891, p.2.
- O BRASIL. Rio de Janeiro, 14 de Fevereiro de 1892, p.1.
- O FLUMINENSE. Rio de Janeiro, 23 de Setembro de 1907, p.2.
- O FLUMINENSEb. Rio de Janeiro, 11 de Julho de 1907, p.3
- O FLUMINENSE. Rio de Janeiro, 18 de Março de 1908, p.2
- O FLUMINENSE. Rio de Janeiro, 28 de Outubro de 1917, p.1.
- O IMPARCIAL: DIario Ilustrado do Rio de Janeiro. Conferencias. Rio de Janeiro, 18 de dezembro de 1913, p.1.
- O IMPARCIAL, Rio de Janeiro, 18 de dezembro de 1915, p.11.
- O IMPARCIAL, Rio de Janeiro, 21 de Abril de 1916, p.11.
- O IMPARCIALb, Rio de Janeiro, 12 de Maio de 1916, p.11.
- O MALHO. Sport. Rio de Janeiro, 8 de Outubro de 1904, p.19.
- O MALHO. Sport. Rio de Janeiro, 23 de Setembro de 1905, p.14.
- O MALHOc. Sport. Rio de Janeiro, 02 de Dezembro de 1905, p.48.
- O MALHOc. Sport. Rio de Janeiro, 09 de Dezembro de 1905, p.47.
- O MALHO. Chronica. Rio de Janeiro, 17 de Fevereiro de 1906, p.4.
- O PAIZ. Paraná, 04 de março de 1864, p.3.
- O PAIZ. Rio de Janeiro, 13 de Outubro de 1903, p.2.
- O PAIZ. Pedestrianismo. Rio de Janeiro, 08 de abril de 1906, p.10.
- O PAIZb. Pedestrianismo. Rio de Janeiro, 22 de abril de 1906, p.9.
- O PAIZ. Rio de Janeiro, 06 de Abril de 1907, p.1

- O PAIZb. Velocipedia. Rio de Janeiro, 28 de abril de 1907, p.5.
- O PAIZ. Rio de Janeiro, 05 de Julho de 1909, p.3.
- O PAIZb. Rio de Janeiro, 25 de Janeiro de 1909, p.3.
- O PAIZ. Rio de Janeiro, 08 de Setembro de 1910, p.3.
- O PAIZb. Rio de Janeiro, 20 de Junho de 1910, p.3.
- O PAIZc. Norte de Portugal. Rio de Janeiro, 29 de Junho de 1910, p.4.
- O PAIZ. Rio de Janeiro, 23 de Abril de 1911, p.7.
- O PAIZ. Rio de Janeiro, 17 de Abril de 1912, p.3.
- O PARA. Coisas do Sport. Paraná, 06 de Janeiro de 1899, p.1.
- O SECULO. Sport. Rio de Janeiro, 24 de Outubro de 1907, p.3.
- O SECULOb. Sport. Rio de Janeiro, 05 de Novembro de 1907, p.3.
- O SECULOc. Sport. Rio de Janeiro, 06 de Novembro de 1907, p.3.
- O SECULOd. Sport. Rio de Janeiro, 07 de Novembro de 1907, p.3.
- O SECULOe. Sport. Rio de Janeiro, 16 de Novembro de 1907, p.3.
- O SECULOf. Sport. Rio de Janeiro, 20 de Novembro de 1907, p.3.
- O SECULOG. Sport. Rio de Janeiro, 23 de Novembro de 1907, p.3.
- O SECULOh. Sport. Rio de Janeiro, 25 de Novembro de 1907, p.3.
- O SECULOi. Sport. Rio de Janeiro, 30 de Novembro de 1907, p.3.
- O SECULOj. Sport. Rio de Janeiro, 13 de Dezembro de 1907, p.3.
- O SECULOk. Sport. Rio de Janeiro, 17 de Dezembro de 1907, p.3.
- O SECULOl. Sport. Rio de Janeiro, 21 de Dezembro de 1907, p.3.
- O SECULOm. Sport. Rio de Janeiro, 26 de Dezembro de 1907, p.3.
- O SECULO. Sport. Rio de Janeiro, 03 de Janeiro de 1908, p.3.

- O SECULO^b. Sport. Rio de Janeiro, 21 de Janeiro de 1908, p.3.
- O SECULO^c. Sport. Rio de Janeiro, 25 de Janeiro de 1908, p.3.
- O SECULO^d. Sport. Rio de Janeiro, 19 de Fevereiro de 1908, p.3.
- O SECULO. Rio de Janeiro, 19 de Fevereiro de 1911, p.2.
- O SECULO. Pedestrianismo. Rio de Janeiro, 25 de Janeiro de 1915, p.3.
- O SECULO^b. Pedestrianismo. Rio de Janeiro, 28 de Agosto de 1915, p.3.
- O SECULO^c. Pedestrianismo. Rio de Janeiro, 29 de Novembro de 1915, p.1.
- REVISTA DA SEMANA. Rio de Janeiro, 09 de Julho de 1901, p.2.
- REVISTA DA SEMANA. Sport. Rio de Janeiro, 22 de Março de 1903, p.10.
- REVISTA DA SEMANA. Rio de Janeiro, 23 de Abril de 1905, p.15.
- REVISTA DA SEMANA^b. Rio de Janeiro, 31 de Dezembro de 1905, p.10.
- REVISTA DA SEMANA. Rio de Janeiro, 25 de Novembro de 1906, p.17.
- REVISTA MARITIMA BRAZILEIRA. Rio de Janeiro, 01 de Janeiro de 1910, p.9.
- REVISTA NOVA. Cerejeiro. São Paulo, Maio de 1907, p.14.
- TAGARELA. Rio de Janeiro, 24 de novembro de 1904, p.6.
- TICO TICO: O JORNAL DAS CRIANÇAS. Viagem por baixo da terra. Rio de Janeiro, 23 de Outubro de 1907, p.2.
- TICO TICO: O JORNAL DAS CRIANÇAS. Rio de Janeiro, 18 de Junho de 1913, p.4.
- TICO TICO: JORNAL DAS CRIANÇAS. Viagens e aventuras. Rio de Janeiro, 03 de Março de 1915, p.3.
- TICO-TICO^b: JORNAL DAS CRIANÇAS. Rio de Janeiro, 17 de novembro de 1915, p.1.
- TICO TICO: JORNAL DAS CRIANÇAS. Os contos de aventuras. Rio de Janeiro, 11 de Junho de 1919, p.3.

TICO TICO: JORNAL DAS CRIANÇASb. Chico Batata Alpinista. Rio de Janeiro, 26 de Novembro de 1919, p.1.

TICO TICO: JORNAL DAS CRIANÇAS. Chico Batata Alpinista. Rio de Janeiro, 17 de Março de 1920, p.4.

TICO TICO: JORNAL DAS CRIANÇAS. Escotismo. Rio de Janeiro, 09 de Abril de 1924, p.9.

REFERÊNCIAS

- ADELMAN, M. Mulheres no esporte: corporalidades e subjetividades. **Movimento**, v.12, n.1, p.11-29. 2006.
- BLOCH, M. L. B. **Apologia da história, ou, o ofício de historiador**. Rio de Janeiro: Zahar, 2002. 159 p.
- BORTOLOTTI, K. M. **Atividades físicas de aventura na natureza: uma leitura sociológica a partir dos “Jogos Mundiais da Natureza”**. 2004, 107p. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2004.
- BROWN, D. A. The modern romance of mountaineering: Photography, aesthetics and embodiment. **The International Journal of the History of Sport**, v. 24, n. 1, p. 1-34, 2007.
- CHALHOUB, S. **Cidade Febril: cortiços e epidemias na corte imperial**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. 250 p.
- COSTA, J. F. **Ordem médica e norma familiar**. 3. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1989. 282 p.
- COSTA, A. D. A cidade do Rio de Janeiro: cultura urbana e imagem turística. **Acervo**, Rio de Janeiro, v.28, n.1, p.186-195. 2015.
- DEL PRIORE, M. L. M.; AMANTINO, M. **História do corpo no Brasil**. São Paulo: UNESP, 2011. 568 p.
- DEL PRIORE, M. L. M.; BASSANEZI, C. **História das mulheres no Brasil**. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2001. p.678.
- DEL PRIORE, M. L. M.; MELO, V. A. **História do Esporte no Brasil: do Império aos dias atuais**. 1. ed. São Paulo: UNESP, 2009. 568 p.
- DEVIDE, F. P. A natação como elemento da cultura física feminina no início do século XX: construindo corpos saudáveis, belos e graciosos. **Movimento**, v.10, n.2, p.125-144. 2004.
- DEVIDE, F. P. Reflexões sobre o uso da linguagem e da imagem na pesquisa histórica do esporte: a trajetória de Blanche Pironnet na história das mulheres no esporte no Brasil. **Movimento**, v.23, n.2, p.675-688. 2017.
- DIAS, C. A. G. Esporte e ecologia: o montanhismo e a contemporaneidade. **Recorde: Revista de História do Esporte**, v. 2, p. 1-27. 2009.
- DIAS, C. A. G. **Urbanidades da natureza: o montanhismo, o surfe e as novas configurações do esporte no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Apicuri, 2008. 156 p.
- DIAS, C. A. G; ALVES JUNIOR, E. D. **Entre o mar e a montanha: esporte, aventura e natureza no Rio de Janeiro**. Niterói: EdUFF, 2007. 152 p.
- DIAS, C. A. G. Notas e definições sobre esporte, lazer e natureza. **Licere**, Belo Horizonte, v. 10, n.3, 2007. p.1-35.

DIAS, C. A. G.; MELO, V. A.; ALVES JÚNIOR, E. D. Os estudos dos esportes na natureza: desafios teóricos e conceituais. **Revista Portuguesa de Ciências do Desporto**, Porto, v. 7, p. 65-95. 2007.

DIAS, C. A. G.; MAIA, T. N. Conhecendo o Rio de Janeiro a pé: excursionismo, pedestrianismo e montanhismo entre os séculos XIX e XX. **Revista do arquivo geral da cidade do Rio de Janeiro**, v. 13, n.1, p. 523-541. 2017.

DUARTE, C. L.. Feminismo e literatura no Brasil. **Estudos avançados**, São Paulo, v.17 n.49, p.151-172. 2003.

ELIAS, N; DUNNING, E. **A Busca da Excitação**. Lisboa: Difel, 1992.

FERNANDES, R. C. Esportes radicais: referências para um estudo acadêmico. **Conexões: revista da Faculdade de Educação Física da UNICAMP**, Campinas, v. 1, n. 1, p. 108-118, jul/dez. 1998.

FERNANDES JUNIOR, R. “**Apresentação**”, **Postaes do Brasil**. 1893-1930. São Paulo: Metalivros, 2002. 239 p.

FONSECA, V. M. M. **No gozo dos direitos civis**: associativismo no Rio de Janeiro, 1903-1916. Niterói: Muiraquitã, 2008, 320 p.

FONSECA, L. P. **A construção visual do Jornal do Brasil na primeira metade do século XX**. 2008. Dissertação (Mestrado em Design do Departamento de Artes e Design do Centro de Teologia e Ciências humanas) -PUC RIO, Belo Horizonte, 2008b.

GOELLNER, S. V. Mulher e esporte no Brasil: entre incentivos e interdições elas fazem história. **Pensar a Prática**, Goiás, v.8, n.1, p.85-100. 2005.

GINZBURG, C. **Mitos, emblemas, sinais**: morfologia e história. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2011. 281 p.

HANSEN, P. H. Albert Smith, the Alpine Club, and the Invention of Mountaineering in Mid-Victorian Britain. **Journal of British Studies**, v. 34, n. 3, p. 300-324. 1995.

HANSEN, P. H. Vertical boundaries, national identities: British mountaineering on the frontiers of Europe and the empire, 1868-1914. **The Journal of imperial and commonwealth history**. v.24, n.1, p.48-71. 1996.

HUIZINGA, J. **Homo Ludens**: o jogo como elemento cultural. São Paulo: Perspectiva, 1990. p.248.

LIMA, M. A.; MARTINS, C. J. ; CAPRARO, A. M. Olimpíadas modernas: a história de uma tradição inventada. **Pensar a Prática** (Online), Goiás, v. 12, p. 11-23. 2009.

MACFARLANE, R. **Montanhas da mente**: historia de um fascínio. Rio de Janeiro: Objetiva, 2005. 282 p.

MARINHO, A. Atividades na natureza, lazer e educação ambiental: refletindo sobre algumas possibilidades. **Motrivivência**, Florianópolis, v. 16, n. 22, p.47-69. 2004.

MARINHO, A. Lazer, aventura e risco: reflexões sobre atividades realizadas na natureza. **Movimento**, Porto Alegre, v. 10, n.2, p.181-206, mai./ag. 2008.

- MARZANO, A; MELO, V. A. (org.). **Vida divertida**: histórias do lazer no Rio de Janeiro (1830-1930). Rio de Janeiro: Apicuri, 2010. 304 p.
- MELO, V. A. **Cidade Sportiva**: primórdios do esporte no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Relume Dumara (FAPERJ), 2001. 233 p.
- MELO, V. A. **Esporte e lazer**: conceitos uma introdução histórica. Rio de Janeiro: Apicuri, 2010. 124 p.
- MELO, V. A. (Org.). **História comparada do esporte**. Rio de Janeiro: Shape, 2007. 163 p.
- MELO, V. A.; Peres, F. F. **A gymnastica no tempo do Império**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2014. p. 205.
- MELO, V. A.; ALVES JUNIOR, E. D. **Introdução ao Lazer**. 2. ed. São Paulo: Manole, 2012.
- MELO, V. A.; PERES, F. F. . Rio de Janeiro, uma cidade esportiva: um panorama histórico. **Revista do arquivo geral da cidade do rio de janeiro**, v. 13, p. 465-476, 2017.
- NASCIMENTO, M. I. M; ZANLORENZI, C. M. P. Imprensa no Brasil: do Império à Primeira República. **Acervo**, Rio de Janeiro, v.19, n.1, p.37-52, 2006.
- O'DONNELL, J. A cidade branca - Benjamim Costallat e o Rio de Janeiro dos anos 1920. **História Social (UNICAMP)**, v. 22/23, n.1, p. 117-141, 2012.
- O'DONNELL, J. "Nadie es como nosotros": identidades territorialidades em La invención de Copacabana. **Bifurcaciones**, v.17, n.1, p.1-17 2014.
- PEREIRA, D. W.; PAULA, R. O.; SILVA, A. B.; GALINDO, C. B.; SANTOS, V. S. F. Esportes Radicais no meio ambiente urbano no município de São Paulo. **Caderno de Educação Física e Esporte**, Marechal Candido Rondon, v.15, n.1, p.83-92, 2017.
- PEREIRA, L. A. M. **Footballmania**: uma história social do futebol no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.
- PEREIRA, L. A. M. Um sertanejo na capital federal: Coelho Netto e o Rio de Janeiro dos primeiros anos da república. **Acervo**, Rio de Janeiro, v.28, n.1, p.54-66, 2015.
- PERROTTA, I. **Desenhando um paraíso tropical**: a construção do Rio de Janeiro como um destino turístico. Tese (Doutorado em História, Política e Bens Culturais). Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro. 2001.
- PRONI, M. W. A metamorfose dos Jogos Olímpicos (1896-1996). In: XVII Encontro Regional de História, 2004, Campinas - SP. **Coletânea do XVII Encontro Regional de História**, São Paulo. São Paulo: ANPUH - Núcleo Regional São Paulo, 2004.
- SANTOS JUNIOR, N.J. Olavo Bilac e as Diversões Suburbanas: A Projeção de uma Geografia Moral Carioca (1904-1906). **Licere**, Belo Horizonte, v. 20, p. 350-371, 2017.
- SCHWARCZ, L. M. **O espetáculo das raças**: cientistas, instituições e questão racial no Brasil-1870-1930. São Paulo: Companhia das Letras, 1993, p.287.

SEVCENKO, N. A Capital irradiante: técnica, ritmos e ritos do Rio. In: Fernando A. NOVAIS (coordenador geral da coleção). **História da vida privada no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

SIGOLI, M. A.; ROSE JUNIOR, D. A história do uso político do esporte. **Revista Brasileira de Ciência e Movimento**, Brasília, v. 12, n.2, p. 111-119, 2004.

SPINK, M. J. P. Trópicos do Discurso sobre o risco: risco-aventura como metáfora na modernidade tardia. **Cadernos de Saúde Pública** (ENSP. Impresso), Rio de Janeiro, v. 17, n.6, p. 1277-1311, 2001.